

**Amadís de
Gaula
Garcí Rodríguez**

COMEÇA A OBRA

Não muitos anos depois da paixão do nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo, houve um rei cristão na Pequena Bretanha, chamado Garinter, o qual, seguindo a lei da verdade, de muita devoção e boas maneiras era acompanhado. Este Rei teve duas filhas de uma nobre dona sua mulher. A mais velha foi casada com Languines, Rei de Escócia, e foi chamada a Dona da Grinalda, porque o Rei seu marido nunca lhe consentiu cobrir os seus formosos cabelos senão com uma rica grinalda, de tal forma gostava de os ver; e de quem foram engendrados Agrajes e Mabília, os quais, um como cavaleiro e ela como donzela, nesta grande história muita menção se faz. A outra filha, que Elisena foi chamada, mui mais formosa do que a primeira foi. E como quer que de mui grandes príncipes fosse requisitada em casamento, nunca com nenhum deles quis casar; antes o seu retraimento e santa vida deram causa a que todos «beata perdida» a chamassem, considerando que a pessoa de tão grande linhagem, dotada de tanta formosura, de tantos grandes requisitada em casamento, não lhe era conveniente tomar tal estilo de vida. Pois o dito rei Garinter, sendo em assaz adiantada idade, para dar descanso a seu ânimo, algumas vezes ao monte e à caça ia. Entre as quais, saindo um dia de uma vila sua que Alima se chamava, e andando desviado das armadas e dos caçadores, rezando as suas horas pela floresta, viu à sua esquerda uma brava batalha de um só cavaleiro que com dois combatia; reconheceu ele os dois cavaleiros, que seus vassalos eram, e dos quais, por serem mui soberbos e de más maneiras, e muito bem aparentados, muitos agravos havia recebido; mas o que com eles combatia não pôde reconhecer. Não se fiando que a valentia de um lhe pudesse tirar o medo dos dois, afastou-se deles e pôs-se a ver a batalha, no fim da

qual, pela mão daquele, os dois foram vencidos e mortos. Isto feito, o cavaleiro veio de encontro ao Rei e, como o visse sozinho, disse-lhe:

– Bom homem, que terra é esta que assim são os cavaleiros andantes assaltados?

El-Rei disse-lhe:

– Não vos maravilheis disso, cavaleiro, que assim como nas outras terras há bons cavaleiros e maus, assim os há nesta; e estes que dizeis não somente a muitos têm feito grandes males e agravos, mas mesmo ao rei seu senhor, sem que deles justiça pudesse fazer: por terem parentes poderosos e também por se acolherem nesta tão espessa montanha.

O cavaleiro lhe disse:

– Pois a esse rei que dizeis venho eu a buscar de longes terras e lhe trago novas de um seu grande amigo; e se sabeis onde possa encontrá-lo, rogo-vos que mo digais.

El-Rei lhe disse:

– Aconteça o que acontecer, não deixarei de vos dizer a verdade: sabeis certamente que eu sou o rei que procurais.

O cavaleiro, retirando o escudo e o elmo e dando-os ao seu escudeiro, foi-o abraçar, dizendo ser o rei Perião de Gaula, que muito o tinha desejado conhecer.

Mui alegres foram estes dois Reis em se terem assim reunido e, falando em muitas cousas, foram-se ao encontro dos caçadores que estavam para se recolher à vila; mas antes lhes apareceu um cervo que, mui cansado, escapara das armadas, atrás do qual ambos os Reis foram em grande correria dos seus cavalos, pensando matá-lo; mas de outra maneira aconteceu, já que, de umas espessas matas, saiu um leão que o cervo alcançou e matou; e tendo-o aberto com as suas fortes garras, bravo e mal contido contra ao Reis se mostrava. E como tal o visse el-Rei Perião, disse:

– Pois não estareis tão sanhudo que parte da caça não nos deixeis!

E tomando as suas armas, desceu do cavalo, o qual, temeroso do forte leão, não queria seguir adiante, e pondo o seu escudo diante de si, com a espada na mão, foi-se ao leão, de tal forma que nem os grandes gritos que el-Rei Garinter lhe dava o puderam deter. O leão, então, deixando a presa, veio contra ele e, juntando-se ambos, tendo-o o leão por baixo em ponto de o matar, mas não perdendo el-Rei o ânimo, feriu-o com a espada no ventre e fê-lo cair morto ante si; e disto el-Rei Garinter, muito espantado, dizia para si mesmo:

– Não sem razão tem este fama do melhor cavaleiro do mundo!

Isto feito, e recolhida toda a companhia, fez carregar o leão e o cervo em dois palafreiros e levá-los à vila com grande prazer. Onde, tendo sido a Rainha avisada de tal hóspede, encontraram os paços preparados com grandes e ricos atavios e as mesas postas; na mais alta se sentaram os Reis e noutra, junto com a Rainha, Elisena, sua filha; e ali foram servidos como em casa de tão rico homem se devia. Estando assim naquele alegre convívio, sendo aquela infanta tão formosa e el-Rei Perião também, e com a fama dos seus grandes feitos de armas divulgada por todas as partes do mundo, em tal ponto e hora se olharam que a grande honestidade e a santa vida dela não resistiu a ser presa de incurável e mui grande amor, e el-Rei igualmente dela, que até então o seu coração, sem ter subjugado a nenhuma outra, livre tinha; de maneira que tanto um como outro estiveram todo jantar quase fora de seus sentidos. Levantadas as mesas, a Rainha quis recolher à sua câmara; e, levantando-se Elisena, caiu-lhe um mui formoso anel na fralda do vestido, o qual tinha tirado para lavar as mãos e que, com a grande turvação, não se tinha lembrado de tornar a pôr, e baixou-se para o apanhar; mas el-Rei Perião, que perto dela estava, quis-lho dar, de forma que as suas mãos se tocaram por momentos e el-Rei tomou-lhe a mão e apertou-lha. Elisena ficou muito corada e, olhando el-Rei com olhos amorosos, disse-lhe baixinho que lhe agradecia aquele serviço.

– Ai, senhora! – disse ele – Não será o derradeiro, mas todo o tempo da minha vida será empregado em vos servir!

Ela foi-se atrás da sua mãe com tão grande alteração que a vista quase levava perdida. E assim esta infanta, não podendo suportar aquela nova dor que com tanta força havia vencido a sua antiga maneira de pensar, descobriu o seu segredo a uma sua donzela, em quem muito se fiava, que havia nome Darioleta, e com lágrimas dos seus olhos e mais ainda do coração, pediu-lhe conselho sobre como poderia saber se el-Rei Perião amaria outra mulher, e se aquele tão amoroso semblante que lhe havia mostrado a ela lhe teria vindo da maneira e com a força que no seu coração havia sentido. A donzela, espantada com tão súbita mudança em pessoa tão desviada de semelhante atitude, havendo piedade de tão piedosas lágrimas, disse-lhe:

– Senhora, bem vejo que a excessiva paixão que o tirano amor pôs em vós não deixou em vosso pensamento lugar onde albergar conselho e razão; e por isso, seguindo eu, não aquilo que devo ao vosso serviço, mas antes a vontade e obediência, farei o que

me mandais, pela via mais honesta que a minha pouca discrição e o muito desejo de vos servir puderem encontrar.

Partindo-se então dela, foi até à câmara onde el-Rei Perião pernoitava e, encontrando o seu escudeiro à porta com as roupas que lhe queria dar de vestir, disse-lhe:

– Amigo, ide-vos fazer outra cousa, que eu ficarei com vosso senhor e tratarei dele.

O escudeiro, pensando que aquilo por mais honra se fazia, deu-lhe as roupas e foi-se embora. A donzela entrou na câmara do rei, que estava na cama, e que, assim que a viu, a reconheceu como a donzela com quem tinha visto Elisena falar mais do que com qualquer outra, como se em ela mais do que em outra se fiasse; e acreditando que não sem remédio para os seus mortais desejos era vinda, estremeceu-lhe o coração e disse-lhe:

– Boa donzela, o que quereis?

– Dar-vos de vestir – disse ela.

– Para o coração devia isso ser – disse ele –, que de prazer e alegria muito despojado e nu está.

– De que maneira? – disse ela.

– Porque vindo eu a esta terra – disse el-Rei – com inteira liberdade, temendo apenas as aventuras que das armas me podiam ocorrer, não sei de que forma, entrando nesta casa destes vossos senhores, sou chagado de ferida mortal; e se vós, boa donzela, alguma mezinha para ela me procurásseis, por mim seríeis mui bem recompensada.

– Decerto, senhor – disse ela –, mui contente ficaria por fazer serviço a tão alto homem e tão bom cavaleiro como vós sois, se soubesse como.

– Se me prometeis – disse el-Rei –, como leal donzela, não o revelar, senão onde for razão, eu vo-lo direi.

– Dizei-o sem receio – disse ela –, que inteiramente por mim guardado será.

– Pois amiga senhora – disse ele –, digo-vos que em forte hora eu vi a grande formosura de Elisena, vossa senhora, e que, atormentado de coitas e fadigas, estou a ponto de morte, da qual, se nenhum remédio encontro, não me poderei livrar.

A donzela, que neste caso inteiramente conhecia o coração da sua senhora, como já acima ouvistes, quando isto ouviu, ficou mui alegre e disse-lhe:

– Senhor, se vós me prometeis, como rei, guardar em tudo a verdade (que a isso, mais do que nenhum outro, sois obrigado), e como cavaleiro (já que, segundo a vossa

fama, para a defender tantos trabalhos e perigos haveis passado), e tomá-la por mulher quando disso for tempo, eu pô-la-ei em lugar onde não apenas o vosso coração seja satisfeito, mas também o dela, que tanto ou porventura mais do que o vosso está em coita e em dor, ferido por essa mesma chaga; e se não for assim, nem vós a tereis, nem eu acreditarei serem as vossas palavras saídas de leal e honesto amor.

El-Rei, que na sua vontade tinha já gravada a permissão de Deus para que disto se seguisse o que adiante ouvireis, tomou a espada que junto de si tinha e, pondo a mão direita na cruz, disse:

– Eu juro por esta cruz e espada com que recebi a ordem de cavalaria fazer o que vós, donzela, me pedis, quando me for pedido por vossa senhora Elisena.

– Pois agora descansai – disse ela –, que eu cumprirei o que disse.

E, partindo-se dele, voltou à sua senhora; e contando-lhe o que com el-Rei concertara, grande alegria pôs no seu ânimo, de tal forma que, abraçando-a, lhe disse:

– Minha amiga verdadeira, quando verei a hora em que nos meus braços tenha aquele que por senhor me haveis dado!

– Já vo-lo direi – disse ela –. Sabeis, senhora, como aquela câmara onde está el-Rei Perião tem uma porta que dá para a horta, por onde o vosso pai sai algumas vezes a recrear-se, e que agora está coberta pelas cortinas, mas de que eu tenho a chave; pois quando el-Rei dali sair, eu abri-la-ei e, sendo tão de noite que todos estejam sossegados no palácio, por ela poderemos entrar, sem que sejamos sentidas por ninguém; e quando for altura de sair, eu vos chamarei e conduzir-vos-ei à vossa cama.

Elisena, ouvindo isto, ficou tão atônita de prazer que não conseguia falar, até que, voltando a si, lhe disse:

– Minha amiga, em vós deixo toda a minha ventura. Mas como se fará o que dizeis, se o meu pai está dentro da câmara com el-Rei Perião e, se se apercebesse, seríamos todos em grande perigo?

– Isso – disse a donzela – deixai por minha conta, que o remediarei.

Com estas palavras, terminaram a conversa. Os reis, a Rainha e a infanta Elisena passaram aquele dia comendo e ceando como antes; mas quando chegou a noite, Darioleta tomou à parte o escudeiro d’el-Rei Perião e disse-lhe:

– Ai, amigo, dizei-me se sois homem fidalgo!

– Sim, sou – disse ele –, e ainda filho de cavaleiro; mas por que o perguntais?

– Eu vo-lo direi – disse ela –: porque queria saber de vós uma cousa, e rogo-vos que, pela fé que a Deus e a el-Rei vosso senhor deveis, ma digais.

– Por Santa Maria – disse ele –, todas as cousas que eu souber vos direi, desde que não seja para mal do meu senhor.

– Isso vos garanto eu – disse a donzela –, que nem eu vos perguntarei nada em seu prejuízo, nem vós teríeis razão em mo dizer; mas o que eu quero saber é que me digais qual é a donzela que o vosso senhor ama com estremado amor.

– O meu senhor – disse ele – ama a todas em geral, mas por certo que não lhe conheço nenhuma que ele ame da maneira que dizeis.

Nisto falando, chegou el-Rei Garinter onde estavam todos e, vendo Darioleta com o escudeiro, chamou-a e disse-lhe:

– Que tens tu que falar com o escudeiro d’el-Rei?

– Por Deus, senhor, eu vo-lo direi: ele chamou-me e disse-me que o seu senhor tem por costume dormir sozinho, e por certo sente muito embaraço com a vossa companhia.

El-Rei partiu-se dela, foi ao encontro d’el-Rei Perião e disse-lhe:

– Senhor, tenho ainda muitas cousas dos meus assuntos para tratar e levanto-me à hora das matinas; por isso, e para não vos causar incómodo, tenho por bem que fiquéis sozinho na câmara.

El-Rei Perião disse-lhe:

– Fazei, senhor, como melhor vos aprouver.

– Assim me apraz – disse ele.

Então percebeu Garinter que a donzela lhe dissera a verdade, e mandou logo os seus reposteiros tirarem a sua cama da câmara d’el-Rei Perião. Quando Darioleta viu que tudo, com efeito, vinha ao que desejava, foi ter com Elisena, sua senhora, e contou-lhe tudo o que se passara.

– Amiga senhora – disse ela –, agora creio, pois que Deus assim o propicia, que isto, que no presente mentira parece, será mais adiante algum grande serviço seu; e dizei-me o que faremos, que a grande alegria que tenho me tira grande parte do juízo.

– Senhora – disse a donzela –, façamos esta noite o que está combinado, que a porta da câmara de que vos falei tenho-a já aberta.

– Pois a vós deixo o cargo de me levar quando for tempo.

E assim estiveram até que todos foram dormir.

CAPÍTULO I

Como a infanta Elisena e a sua donzela Darioleta foram à câmara onde estava el-Rei Perião.

Quando todos sossegaram, Darioleta levantou-se e, tomando Elisena da sua cama, nua tal como estava, apenas com a camisa, cobriu-a com um manto e saíram ambas para a horta. O luar estava muito claro. A donzela olhou então para a sua senhora e, abrindo-lhe o manto, olhou o seu corpo e disse-lhe, rindo:

– Senhora, em boa hora nasceu o cavaleiro que esta noite vos terá; e bem diziam que esta era a mais formosa donzela de rosto e de corpo que então se conhecia.

Elisena sorriu e disse:

– O mesmo podeis dizer por mim, que nasci em boa ventura para ir ter com tal cavaleiro.

E assim chegaram à porta da câmara. E ainda que Elisena se dirigisse para a cousa que mais amava no mundo, o corpo tremia-lhe todo e também a fala, de modo que nem conseguia falar. Tocaram então na porta para a abrir. Entretanto, el-Rei Perião que, tanto com a grande angústia que tinha no seu coração, como com a esperança que a donzela lhe tinha dado, não tinha podido dormir, naquela altura, já cansado e vencido pelo sono, adormecera; e sonhava que alguém entrava naquela câmara por uma porta falsa, sem ele saber quem, e lhe metia as mãos nos costados e, tirando-lhe o coração, o deitava a um rio. E ele dizia: «Por que fizestes tal crueza?» «Isto não é nada – dizia esse alguém –, pois aí vos fica outro coração, que eu depois vos tomarei, ainda que não seja por minha vontade». El-Rei, com a grande coita que em si sentia, acordou espavorido e começou a benzer-se. Nesta altura haviam já as donzelas aberto a porta e entravam por ela; e ele, quando isto sentiu, temendo-se de traição por causa do que sonhara, levantou a cabeça e viu, por entre as cortinas, a porta aberta, do que ele nada sabia e, com o luar que por ela entrava, viu o

vulto das donzelas. Então, saltando da cama, tomou a sua espada e o escudo e dirigiu-se para aquela parte onde as tinha visto. Darioleta, quando assim o viu, disse-lhe:

– Que é isso, senhor? Tirai as vossas armas, que contra nós pouca defesa vos darão.

El-Rei, reconhecendo-a, olhou e viu Elisena, sua muito amada. Então, deitando a espada e o escudo por terra, cobriu-se com um manto que diante da cama tinha e com o qual algumas vezes se levantava, e foi tomar a sua senhora nos braços; e ela o abraçou como aquele que mais do que a si mesmo amava. Darioleta disse-lhe:

– Ficai, senhora, com esse cavaleiro; pois que, ainda que vós como donzela até agora de muitos vos defendestes, e ele também de muitas outras se defendeu, não bastaram as vossas forças para vos defenderdes um do outro.

E Darioleta, procurando a espada d’el-Rei onde ele a tinha deixado, e tomando-a como sinal da jura e promessa que lhe tinha feito em razão do casamento de sua senhora, saiu para a horta. El-Rei ficou sozinho com a sua amiga e, à luz das três tochas que estavam na câmara, olhava-a, parecendo-lhe que toda a formosura do mundo se juntara nela e tendo-se por mui bem-aventurado de Deus lha ter trazido em tal estado, E assim abraçados se foram deitar no leito.

Onde aquela que tanto tempo, com tanta formosura e juventude, pedida por tantos príncipes e grandes homens, se tinha defendido, ficando com liberdade de donzela, em pouco mais de um dia, quando o seu pensamento mais afastado e desviado disso estava, o qual amor, rompendo aquelas fortes amarras da sua honesta e santa vida lhe fez perder, tornando-se de ali em diante dona. Por onde se dá a entender que tal como as mulheres, apartando os seus pensamentos das cousas mundanais, desprezando a grande formosura com que a natureza as dotou, a fresca juventude que em muito grau a acrescenta, os prazeres e deleites que com as grandes riquezas de seus pais esperavam gozar, querem por salvação de suas almas ficar em pobres casas fechadas, oferecendo com toda a obediência as suas livres vontades, a que sujeitas das alheias sejam, vendo passar o seu tempo sem nenhuma fama nem glória do mundo, como sabem que as suas irmãs e parentes o gozam, assim devem com muito cuidado tapar as orelhas, fechar os olhos, escusando-se de ver parentes e vizinhos, recolhendo-se nas devotas contemplações, nas orações santas, tomando-as por verdadeiros deleites tal como o são; porque com as fábulas, com as vistas, danificam o seu santo propósito; para que não seja assim como o foi com esta formosa infanta Elisena, a qual, passado tanto tempo que se quis guardar, num só

momento, vendo a grande formosura daquele rei Perião, mudou o seu propósito de tal forma que, se não fosse pela discricção daquela sua donzela, que quis reparar a sua honra com o matrimónio, na verdade ela estava desse modo determinada a cair na parte mais baixa da sua desonra, assim como acontece a muitas outras neste mundo de que se podia falar, que, por não se guardarem do que se disse, o fizeram e continuarão a fazer, não se guardando.

Estando, pois, assim estes dois amantes em seu prazer, Elisena perguntou a el-Rei se a sua partida estaria para breve; e ele disse-lhe:

– E por que, minha senhora, o perguntais?

– Porque esta boa ventura – disse ela – que tanto gozo e descanso deu aos meus mortais desejos, já me ameaça com a grande tristeza e angústia que a vossa ausência me dará, que com ela ficarei mais perto da morte do que da vida.

Ouvidas por ele estas palavras, disse:

– Não tendes temor disso, que ainda que este meu corpo parta da vossa presença, o meu coração junto com o vosso ficará, que a ambos dará coragem, a vós para sofrer e a mim para cedo regressar, pois, ficando sem ele, não há força tão dura que me possa deter.

Darioleta, que viu ser tempo de sair dali, entrou na câmara e disse:

– Senhora, sei que da outra vez vos agradou mais a minha presença do que agora, mas convém que vos levanteis e vamo-nos, que é tempo.

Elisena levantou-se e el-Rei disse-lhe:

– Eu morarei aqui mais do que o possais crer, e isto será por vós; e rogo-vos que não vos esqueceis deste lugar.

Elas foram-se para as suas camas e ele ficou na sua, mui satisfeito com a sua amiga, mas espantado com o sonho que já ouvistes; e, por causa dele, tinha mais vontade de se ir à sua terra, onde havia ao tempo muitos sábios que semelhantes cousas sabiam soltar e declarar, ainda que ele mesmo soubesse algo que aprendera quando mais moço. Neste júbilo e prazer morou ali el-Rei Perião dez dias, folgando todas as noites com aquela sua muito amada amiga, ao cabo dos quais decidiu, forçando a sua vontade e as lágrimas de sua senhora – que não foram poucas – partir. Assim, despedindo-se d’el-Rei

Garinter e da Rainha, e armando-se com todas as suas armas, quando quis empunhar a sua espada não a encontrou; mas não ousou perguntar por ela, embora muito lhe doesse, porque era boa e formosa; isto fazia para que os seus amores com Elisena não fossem descobertos e para não dar desgosto a el-Rei Garinter. E ordenou a um seu escudeiro que lhe arranjasse outra espada. E assim, armado só nas mãos e na cabeça, em cima do seu cavalo, sem mais companhia que a do seu escudeiro, pôs-se a caminho, direito ao seu reino. Mas não sem antes com ele falar Darioleta, dando-lhe conta da grande mágoa e saudade em que deixava a sua amiga; e ele disse-lhe:

– Ai, minha amiga! Eu vo-la encomendo como ao meu próprio coração.

E tirando do seu dedo um mui formoso anel, de dois que trazia, iguais um ao outro, deu-lho, para que lho levasse e ela o trouxesse pelo seu amor. Assim ficou Elisena com muita saudade e grande dor do seu amigo, tanto que, se não fora por aquela donzela, que a animava muito, com grande dificuldade teria podido resistir; mas, falando com ela, algum descanso sentia.

E assim foi passando o tempo até que Elisena se sentiu grávida, perdendo o comer, o dormir e a mui formosa cor. Aí foram a angústia e as dores maiores, e não sem causa, porque naquele tempo era por lei estabelecido que qualquer mulher, por grande que fosse o seu estado e senhorio, se fosse encontrada em adultério, não podia de nenhuma maneira escusar a morte. Este tão cruel e péssimo costume durou até à vinda do mui virtuoso rei Artur, que foi o melhor rei dos que ali reinaram, e a revogou, no tempo em que matou Froião às portas de Paris. Mas muitos reis reinaram entre ele e el-Rei Lisuarte que esta lei mantiveram. E ainda que ela, por causa daquelas palavras que el-Rei Perião com a sua espada prometera, como vos foi dito, perante Deus fosse sem culpa, não o era perante o mundo, havendo sido tão ocultamente proferidas. Fazer saber o seu estado a seu amigo também não podia ser, sendo ele tão mancebo e tão orgulhoso de coração que nunca tomava folgança em nenhuma cousa senão em ganhar honra e fama, em nada mais ocupando o seu tempo senão em andar de uns lugares para os outros como cavaleiro andante. Desta forma, nenhum remédio achava para a sua vida, não lhe pesando tanto perder a vista do mundo com a morte, quanto a daquele seu amado senhor e amigo verdadeiro. Mas aquele mui poderoso Senhor, por permissão do qual tudo isto se passava para o seu santo serviço, deu tal coragem e discrição a Darioleta que a sua ajuda bastou para tudo reparar, como agora ouvireis.

Havia naquele palácio d'el-Rei Garinter uma câmara afastada, de abóbada, sobre um rio que ali passava, e que tinha uma porta de ferro pequena por onde algumas vezes saíam as donzelas a folgar ao rio, e que estava vazia, sem ninguém a ocupar; a qual, por conselho de Darioleta, Elisena pediu a seu pai e mãe, para reparação da sua má disposição e vida solitária, que sempre procurava ter, e para rezar as suas horas, sem que fosse estorvada por ninguém, salvo por Darioleta, que suas dores sabia, para que a servisse e acompanhasse; o que facilmente por eles lhe foi concedido, crendo ser sua intenção apenas reparar o corpo com mais saúde e a alma com vida mais estreita; e deram a chave da porta pequena à donzela, para que a guardasse e a abrisse quando a sua filha por ali se quisesse distrair. E assim, instalada Elisena aí onde ouvistes, um pouco mais descansada por se ver em tal lugar – pois achava que ali, mais do que noutro lugar, o seu perigo podia reparar –, tomou conselho da donzela sobre o que se faria do que parisse.

– O quê, senhora?! – disse ela – Que morra, para que vós sejais livre!

– Ai, Santa Maria! – disse Elisena – E como consentirei eu em matar aquilo que foi engendrado pela cousa do mundo que mais amo?

– Que tal cousa não vos incomode – disse a donzela –, pois que, se vos matarem, não o deixarão a ele.

– Ainda que eu, como culpada, morra – disse ela –, não hão de querer que a criatura inocente morra também.

– Deixemos agora de falar mais disso – disse a donzela –, que grande loucura seria se, para salvar uma cousa sem proveito, vos condenásseis a vós e ao vosso amado, que sem vós não poderia viver; e vivendo vós e ele, outros filhos tereis que o desejo deste vos fará perder.

Mas, como esta donzela fosse mui sensata e guiada pela mercê de Deus, quis dar remédio ao apuro. E foi desta maneira: arranjou quatro tábuas tão largas que, como uma arca, pudessem encerrar uma criaturinha com as suas roupas, e tão comprida como uma espada; e mandou trazer certas cousas para fazer um betume com que as pudesse juntar, sem que nela água alguma entrasse; guardou então tudo debaixo da sua cama, sem que Elisena desse conta, e depois, com as suas próprias mãos, unindo as tábuas com aquele fraco betume, fez uma arca tão perfeita e tão bem formada como se a tivesse feito um mestre; só então a mostrou a Elisena, dizendo-lhe:

– Para que vos parece que isto foi feito?

– Não sei – respondeu ela.

– Sabê-lo-eis a seu tempo – disse a donzela.

Ela disse:

– Pouco daria por saber cousa que se faça ou diga, que perto estou de perder o meu bem e alegria.

A donzela teve grande dó de a ver assim e, vindo-lhe as lágrimas aos olhos, saiu da sua frente para que não a visse chorar. Pois não tardou muito que a Elisena chegasse o tempo de parir e, sentindo as dores como cousa tão nova, tão estranha para ela, em grande amargura foi o seu coração posto, como aquela a quem convinha não se queixar nem gemer, o que dobrava a sua angústia; mas ao fim de certo tempo quis o Senhor poderoso que sem perigo parisse um filho; e, tomando-lho a donzela nas mãos, viu que era formoso, se ventura tivesse. E não tardou em pôr em execução o que convinha, tal como antes o pensara. Vestiu-o, pois, com mui ricas roupas, pô-lo perto da sua mãe e foi buscar a arca de que já ouvistes; Elisena perguntou-lhe então:

– Que quereis fazer?

– Pô-lo aqui e lançá-lo ao rio – disse ela –, e porventura poderá salvar-se.

A mãe tinha-o nos seus braços, chorando feramente e dizendo:

– Meu filho pequeno, quão dolorosa me é a vossa sorte!

A donzela tomou então tinta e pergaminho e fez uma carta que dizia: «Este é Amadis sem Tempo, filho de rei». E dizia ela «sem tempo» porque pensava que em breve morreria, e este nome Amadis era ali muito prezado porque assim se chamava um santo a quem a donzela o encomendou. Esta carta cobriu toda de cera e, colocando-a num cordão, pô-la ao pescoço do menino. Elisena, que tinha o anel que el-Rei Perião lhe dera quando dela se partiu, meteu-o no mesmo cordão; pondo então o menino dentro da arca, puseram-lhe ao lado a espada d’el-Rei Perião, a que ele tinha deixado no chão na primeira noite que ela com ele dormira, como ouvistes, e que tinha sido guardada pela donzela, e pela qual el-Rei, mesmo não a encontrando, não tinha ousado perguntar, para que el-Rei Garinter não ficasse irado com aqueles que tinham entrado na câmara.

Isto assim feito, pôs a tábua de cima tão unida e bem calafetada que nem água nem outra cousa ali poderia entrar; tomando então a arca nos seus braços e abrindo a porta, pô-la no rio e deixou-a ir; e como a água era grande e brava, depressa a levou até ao mar, que não distava dali mais de meia légua. Nesta altura aparecia a alva e aconteceu uma formosa maravilha, daquelas que o Senhor mui alto, quando Lhe apraz, costuma fazer: e foi que no mar ia uma barca em que um cavaleiro de Escócia ia com sua mulher,

que da Pequena Bretanha levava, parida de um filho que se chamava Gandalim; e o cavaleiro tinha por nome Gandales; e indo a mais andar o seu caminho para a Escócia, sendo já manhã clara, viram a arca que flutuava por cima da água e se afastava; chamando então quatro marinheiros, ordenou-lhes que logo baixassem um batel e lhe trouxessem aquilo, o que prontamente foi feito, ainda que a arca já estivesse mui longe da barca. O cavaleiro tomou então a arca, tirou a cobertura e viu o donzel, que em seus braços tomou; e disse:

– Este de algum alto lugar é.

E dizia isto pelas ricas roupas e pelo anel e a espada, que mui formosa lhe pareceu; e começou a maldizer a mulher que por medo tão cruelmente havia abandonado tal criatura. Guardando todas aquelas cousas, rogou então à sua mulher que o fizesse criar, a qual ordenou logo à ama que criava Gadalin, seu filho, que lhe desse de mamar; e ele tomou o peito com grande vontade, cousa que muito alegrou o cavaleiro e a dona. E assim seguiram pelo mar com bom tempo propício, até que aportaram a uma vila de Escócia, que tinha nome Antália; e dali partindo, chegaram a um seu castelo, dos bons daquela terra, onde fez criar o donzel como se fosse seu próprio filho. E assim acreditavam todos que o fosse, que dos marinheiros não se pôde saber sua história, porque na barca, que era sua, para outras partes navegaram.

CAPÍTULO II

Como el-Rei Perião ia pelo caminho com seu escudeiro, com o coração mais acompanhado de tristeza do que de alegria.

Partido el-Rei Perião da Pequena Bretanha, como já vos foi contado, de muita angústia era o seu ânimo atormentado, tanto pela grande saudade que sentia da sua amiga, que mui de coração amava, como pelo sonho que já ouvistes, que em tal altura lhe tinha acontecido. E assim, chegado ao seu reino, mandou chamar todos os seus ricos-homens e ordenou aos bispos que consigo trouxessem os clérigos mais sabedores que havia nas suas terras, isto para que aquele sonho lhe explicassem.

Tendo os seus vassalos sabido da sua vinda, tanto os que tinham sido chamados como muitos outros a ele vieram, com grande desejo de o ver, que de todos era mui amado, e muitas vezes eram os seus corações atormentados ouvindo os grandes confrontos de armas em que ele se metia, temendo de o perder, e por isso todos o desejavam ter

consigo; mas não o conseguiam, pois seu forte coração não ficava contente senão quando o corpo punha em grandes perigos. El-Rei falou com eles do estado do reino e das outras cousas que cumpriam aos seus negócios, mas sempre com triste semblante, o que muito lhes pesava; e, despachados estes assuntos, mandou-os regressar às suas terras, mas fez ficar consigo três clérigos, os que mais sabiam daquilo que ele desejava, segundo lhe tinham dito; e tomando-os consigo, foi-se à sua capela; e ali, ante a hóstia consagrada, os fez jurar que em tudo o que lhes perguntasse diriam a verdade, não temendo nenhuma cousa, por grave que se lhes apresentasse. Isto feito, mandou sair o capelão e ficou sozinho com eles. Então lhes contou o sonho já relatado, pedindo-lhes que lhe explicassem o que dele lhe poderia acontecer. Um destes, que Ungão, o Picardo, se chamava, e que era o que mais sabia, disse:

– Senhor, os sonhos são cousas vãs, e por tal devem ser tidos; mas, pois vos apraz que este vosso em algo seja tido, dai-nos um prazo para que o possamos analisar.

– Assim seja – disse el-Rei –, tomai então doze dias para isso.

E mandou-os separar, para que não se falassem nem se vissem durante aquele prazo. Eles fizeram então os seus juízos e certezas, cada um como melhor soube, e, chegado o fim do prazo, vieram ter com el-Rei, o qual tomou à parte Alberto de Campanha e lhe disse:

– Já sabeis o que me jurastes; agora dizei.

– Pois venham os outros – disse o clérigo –, e diante deles o direi.

– Que venham – disse el-Rei.

E mandou-os chamar. E sendo todos juntos, disse o primeiro:

– Senhor, eu te direi o que entendo. A mim parece-me, da câmara estar bem fechada e teres visto alguém entrar pela porta mais pequena, que isto significa estar este teu reino fechado e guardado e que por alguma parte dele te entrará alguém para te tomar algo; e assim como a mão te metia pelos costados, te sacava o coração e o deitava ao rio, assim te tomará vila ou castelo e o porá em poder de quem não o poderás recuperar.

– E o outro coração – perguntou el-Rei – que me dizia que me ficava e mo faria perder sem seu grado?

– Isso – disse o mestre – parece querer dizer que um outro entrará em tua terra para te tomar outro tanto, mais constrangido por força de alguém que lho mande que de sua livre vontade; e neste caso não sei, senhor, que mais vos diga.

El-Rei mandou ao outro, que Antales se chamava, que lhe dissesse o que achava. E ele concordou com tudo o que o outro havia dito:

– Salvo que as minhas sortes me mostram que já foi feito, e por aquele que mais te ama; e isto me deixa maravilhado, porque agora mesmo nada foi perdido do teu reino e, se o tivesse sido, não seria por pessoa que muito te amasse.

Ouvindo isto, el-Rei sorriu um pouco, porque lhe pareceu que pouca coisa tinha dito. Mas Ungão, o Picardo, que muito mais do que eles sabia, baixou a cabeça e riu-se mais de coração, ainda que poucas vezes o fizesse, pois era homem esquivo e triste de seu natural. El-Rei observou-o e disse-lhe:

– Agora, mestre, dizei o que souberes.

– Senhor – disse ele –, porventura eu vi cousas que não se devem manifestar senão a ti.

– Pois que saiam todos – ordenou ele.

E, fechando as portas, ficaram só os dois. O mestre disse:

– Sabe, Rei, que do que eu me ria foi daquelas palavras que em pouco tiveste, dizendo que já era feito por aquele que mais te ama. Agora te quero dizer aquilo que mui escondido tens, e pensas que ninguém sabe: tu amas alguém em quem a tua vontade já cumpriste, e aquela que amas é formosa à maravilha.

E disse-lhe todos os seus modos, como se diante de si a tivera.

– E da câmara em que te vias fechado isto claramente o sabes, e como ela, querendo tirar do teu coração e do seu aquelas coitas e angústias, quis, sem o teu conhecimento, entrar pela porta de que não te precatavas; e as mãos que nos costados te metia é o ajuntamento de ambos, e o coração que te tirava significa filho ou filha que haverá de vós.

– Pois, mestre – disse el-Rei –, que significa que o deitava num rio?

– Isso, senhor – disse ele –, não o queiras saber, que não te traz nenhuma vantagem.

– Dizei-mo, todavia – disse ele –, e não temais.

– Pois que assim te apraz – disse Ungão –, quero de ti garantia de que, por cousa que aqui diga, não terás raiva daquela que tanto te ama, em nenhum momento.

– Eu o prometo – disse el-Rei.

– Pois sabe – disse ele – que o que no rio vias lançar é que assim será lançado o filho que de vós tiver.

– E o outro coração que me fica – disse el-Rei –, o que será?

– Bem deves entender – disse o mestre – uma cousa pela outra: que é que tereis outro filho e de alguma maneira o perdereis, contra a vontade daquela que agora vos fará o primeiro perder.

– Grandes cousas me haveis dito – disse el-Rei –, e praza a Deus, por sua mercê, que isso dos filhos não saia tão verdadeiro como aquilo que disseste da dona que eu amo.

– As cousas ordenadas e permitidas por Deus – disse o mestre – ninguém as pode estorvar, nem saber em que pararão; e por isso os homens não se devem entristecer nem alegar com elas, porque, muitas vezes, tanto o mal como o bem que a seu parecer delas podem ocorrer, podem suceder de forma diferente do que esperavam. E tu, nobre Rei, apagando da tua memória tudo isto que aqui com tanto empenho quiseste saber, recolhe nela de sempre rogar a Deus que nisto e em tudo o resto faça o que seja em seu santo serviço, porque isso, sem dúvida, é o melhor.

El-Rei Perião ficou mui satisfeito do que desejava saber, e muito mais deste conselho de Ungão, o Picardo, e sempre perto de si o teve, fazendo-lhe muito bem e mercês. E, saindo do paço, encontrou uma donzela, mais guarnecida de atavios do que formosa, que lhe disse:

– Fica a saber, rei Perião, que quando a tua perda recobrares, perderá o senhorio da Irlanda a sua flor.

E foi-se, que a não pôde deter. Assim ficou el-Rei pensando nisto e noutras cousas.

O autor deixa de falar disto e torna ao donzel que Gandales criava, o qual Donzel do Mar se chamava, que assim lhe puseram nome; e criava-se com muito cuidado por aquele cavaleiro D. Gandales e por sua mulher, fazendo-se tão formoso que todos os que o viam se maravilhavam.

E um dia Gandales montou no seu cavalo, todo armado, que em grande maneira era bom cavaleiro e mui esforçado, e sempre acompanhara el-Rei Languines da Escócia, no tempo em que as armas seguiam; e ainda que el-Rei deixasse de as seguir, não o fez ele assim, antes as usava muito. E indo assim armado como vos digo, encontrou uma donzela, que lhe disse:

– Ai, Gandales, se soubessem muitos altos homens o que eu sei agora, cortar-te-iam a cabeça!

– E por quê? – disse ele.

– Porque tu guardas a morte deles – respondeu ela.

E sabeis que esta era a donzela que tinha dito a el-Rei Perião que quando fosse a sua perda recobrada perderia o senhorio de Irlanda a sua flor. Gandales, que a não entendia, perguntou-lhe:

– Por Deus, donzela, rogo-vos que me digais o que significa isso.

– Não to direi – disse ela –, mas todavia assim acontecerá

E, afastando-se dele, seguiu o seu caminho. Gandales ficou cuidando no que lhe dissera, mas ao cabo de um momento, viu-a voltar apressadamente no seu palafrém, clamando em altos gritos:

– Ai, Gandales! Socorre-me que morta sou!

Ele olhou e viu vir atrás dela um cavaleiro armado com a espada na mão; Gandales então, dando de esporas ao cavalo, meteu-se entre ambos e disse:

– Dom cavaleiro, a quem Deus dê má ventura, que quereis da donzela?

– Como?! – disse ele – Quereis vós defender esta, que com enganos me traz perdido o corpo e a alma?

– Disso nada sei – tornou Gandales – mas defendê-la-ei de vós, porque mulheres não devem ser por esta via castigadas, ainda que o mereçam.

– Já o vereis! – disse o cavaleiro.

E, metendo a espada na bainha, foi-se a um arvoredor, onde estava uma donzela mui formosa que lhe deu um escudo e uma lança, e deitou-se a galope contra Gandales, e Gandales a ele, e atingiram-se com as lanças nos escudos, de tal modo que estes voaram em pedaços; e juntaram-se então dos cavalos e dos corpos tão rijamente que caíram ambos e os cavalos com eles; mas cada um se levantou o mais depressa que pôde e houveram sua batalha assim a pé; a qual não durou muito, porque a donzela que fugia se meteu entre eles, dizendo:

– Cavaleiros, parai!

O cavaleiro que viera atrás dela pôs-se logo fora do combate. E ela disse-lhe:

– Vem à minha obediência!

– Irei de bom grado – disse ele –, como à cousa do mundo que mais amo.

E, tirando o escudo do colo e a espada da mão, caiu de joelhos diante dela, cousa que muito maravilhou Gandales. E ela disse ao cavaleiro que diante si tinha:

– Dizei àquela donzela que está sob a árvore que se vá embora, e já; senão que lhe cortareis a cabeça.

O cavaleiro voltou-se para ela e disse-lhe:

– Ai, malvada! Espantado estou de te não cortar a cabeça!

A donzela viu que o seu amigo estava enfeitado e, montando no seu palafrém, chorando, foi-se logo dali. A outra donzela disse:

– Gandales, agradeço-vos o que fizestes. Ide-vos em boa hora, que, se este cavaleiro errou contra mim, eu lhe perdo.

– Do vosso perdão não sei – disse Gandales –, mas não desisto da batalha se ele não se dá por vencido.

– Desistireis, sim – disse a donzela –, porque, ainda que fôsseis o melhor cavaleiro do mundo, eu faria com que ele vos vencesse.

– Vós fareis o que puderdes – disse ele –, mas eu não desistirei, se me não dizeis por que dissestes que eu guardava a morte de muitos altos homens.

– Antes vo-lo direi – disse ela –, porque a este cavaleiro amo eu como a meu amigo e a ti como meu ajudador.

Então afastou-se com ele e disse-lhe:

– Tu me farás a promessa, como leal cavaleiro, que outro por ti não o saberá, até que to eu mande.

Tendo-o ele prometido, ela disse-lhe:

– Digo-te que aquele que achaste no mar será a flor dos cavaleiros do seu tempo; ele fará estremecer os fortes; ele começará todas as cousas e acabará com honra todas aquelas em que os outros fraquejaram; ele fará tais cousas que ninguém cuidaria que pudessem ser começados e acabados por corpo de homem; ele fará com que os soberbos sejam mansos; ele terá crueza de coração contra aqueles que a merecerem; e ainda mais te digo: ele será o cavaleiro que no mundo mais lealmente manterá o amor, e amará aquela que convém à sua alta proeza; e sabe que, de ambas as partes, vem de reis. Agora vai-te – disse a donzela –, e crê firmemente que tudo acontecerá como te digo; e se revelares isto, receberás por esse motivo mais mal do que bem.

– Ai, senhora! – disse Gandales – rogo-vos por Deus que me digais onde vos encontrarei para falar convosco a seu respeito.

– Isso não o saberás tu, nem por mim, nem por outrem.

– Então dizei-me o vosso nome, pela fé que deveis à cousa do mundo que mais amais.

– Tu me conjuras tanto que eu to direi; mas a cousa que eu mais amo, sei que mais me desama no mundo: é esse mui formoso cavaleiro com quem combateste. Mas não

deixo por isso de o fazer vir à minha obediência, sem que ele outra coisa possa fazer. Sabe então que o meu nome é Urganda, a Desconhecida; e agora olha-me bem e vê se me reconheces.

E ele, que a tinha visto donzela, que a seu parecer não passaria dos seus dezoito anos, viu-a tão velha e tão quebrantada que se espantou de como se podia ter em cima do seu palafrém. E começou a benzer-se daquela maravilha. Quando ela assim o viu, levou a mão a um frasquinho que trazia no regaço; e pondo a mão em si, tornou à sua primeira forma, e disse:

– Parece-te que me acharias, ainda que me buscassem? Pois digo-te que não te dêes a esse trabalho: que ainda que toda a gente do mundo me procurasse, não me achariam, se eu não quisesse.

– Assim Deus me salve, senhora – disse Gandales –, assim o creio; mas rogo-vos, por Deus, que vos lembreis do donzel, que de todos é desamparado, a não ser de mim.

– Não penses nisso – disse Urganda –, que esse desamparado será amparo e reparo de muitos. E eu amo-o mais do que tu pensas, e espero receber dele em breve duas ajudas, que um outro não poderia remediar; e ele receberá duas recompensas, com as quais mui contente ficará. E agora encomendo-te a Deus, que quero ir-me; mas mais depressa me verás do que pensas.

E tomou o elmo e o escudo do seu amigo para lho levar. E a Gandales, que a cabeça lhe viu desarmada, pareceu-lhe o mais formoso cavaleiro que jamais vira. E assim se partiram um com o outro.

Onde deixaremos Urganda ir como seu amigo e contar-se-á de D. Gandales, o qual, partindo de Urganda, voltou para seu castelo; mas no caminho encontrou a donzela que andava com o amigo de Urganda, e que estava chorando junto de uma fonte. Assim que viu Gandales, reconheceu-o e disse-lhe:

– Que é isso, cavaleiro? Como não vos mandou matar aquela aleivosa a quem ajudáveis?

– Aleivosa não é ela – respondeu Gandales –, mas boa e sabedora; e se fôsseis cavaleiro, eu bem vos faria pagar essa loucura que dissestes.

– Ai, mesquinha de mim! – disse ela – Como sabe a todos enganar!

– E que engano vos fez? – perguntou Gandales.

– Tomou-me aquele formoso cavaleiro que vistes, que, por sua vontade, mais comigo faria vida do que com ela.

– Esse engano assim fez – disse ele –, pois que fora de razão e de consciência vós e ela o tendes, segundo me parece.

– Seja como for, se puder, vingar-me-ei.

– Desvario pensais – disse Gandales – ao quererdes causar dano àquela que, não só antes que o executeis, mas antes que o penseis, o saberá.

– Pois então ide-vos – disse ela –; que muitas vezes os que mais sabem caem nos laços mais perigosos.

Gandales deixou-a e seguiu o seu caminho como dantes, cuidando na vida do seu donzel. E chegando ao castelo, antes de se desarmar, tomou-o nos braços e começou-o a beijar, com lágrimas nos olhos, dizendo em seu coração:

– Meu formoso filho, queira Deus que eu chegue ao vosso bom tempo!

Nesta altura tinha o donzel três anos, e sua grande formosura era tida por maravilha. E como viu seu amo chorar, pôs-lhe as mãos nos olhos, como a querer-lhos limpar, o que muito alegrou Gandales, considerando que, crescendo mais em idade, mais se condoeria da sua tristeza; pondo-o então no chão, foi-se desarmar; e daí em diante, com mais vontade cuidava dele; e assim que chegou aos cinco anos, fez-lhe um arco à sua medida e outro ao seu filho Gandalim, e fazia-os atirar diante de si; e assim o foi educando até à idade de sete anos.

Pois nesta altura el-Rei Languines, viajando pelo seu reino com sua mulher e toda a sua casa de uma vila à outra, chegou ao castelo de Gandales, que ficava no caminho, onde foi muito festejado. Mas ao seu Donzel do Mar, a seu filho Gandalim e a outros donzéis mandou-os ele meter num pátio, para que os não vissem. Mas a Rainha, que estava aposentada no mais alto da casa, olhando de uma janela, viu os donzéis atirando com seus arcos, e entre eles o Donzel do Mar, tão gentil e tão formoso que muito foi maravilhada de o ver; e como o viu mais bem vestido do que todos, parecia ele o senhor. Não vendo ali ninguém da companhia de Gandales a quem perguntasse, chamou suas donas e donzelas e disse-lhes:

– Vinde e vereis a mais formosa criatura que jamais foi vista!

Pois estando todas a olhá-lo como cousa mui estranha e subida em formosura, o Donzel teve sede e, pondo o seu arco e setas por terra, foi a um cano de água para beber. Um donzel mais crescido do que os outros pegou então no arco e quis atirar com ele; Gandalim não o consentiu e o outro empurrou-o rudemente. Então Gandalim chamou:

– Socorrei-me, Donzel do Mar!

Ele, ouvindo-o, deixou de beber e foi-se contra o donzel mais crescido, que largou o arco; mas ele, pegando-lhe, disse:

– Em má hora maltrataste o meu irmão!

E deu-lhe com ele na cabeça um grande golpe, segundo a sua força, pegando-se ambos. Ficando maltratado, o donzel crescido começou a fugir; e, encontrando o aio que os guardava, este perguntou-lhe:

– Que tens tu?

– Foi o Donzel do Mar que me bateu – disse.

Então o aio dirigiu-se para ele com uma correia e disse:

– Como, Donzel do Mar? Já sois tão ousado que maltratais os moços? Agora vereis como vos castigarei por isso.

Ele pôs-se de joelhos diante dele e disse:

– Senhor, mais quero que me maltrateis do que ver diante de mim alguém tão ousado que faça mal a meu irmão.

E vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Condoendo-se, o aio disse-lhe:

– Se o voltardes a fazer, eu vos farei bem chorar.

A Rainha viu bem tudo isto e maravilhou-se por lhe chamarem Donzel do Mar.

CAPÍTULO III

Como el-Rei Languines levou consigo o Donzel do Mar e Gandalim, filho de D. Gandales

Assim estando elas, entrou el-Rei e Gandales; e disse a Rainha:

– Dizei, D. Gandales, é vosso filho aquele formoso donzel?

– Sim, senhora – disse ele.

– Pois por que o chamais Donzel do Mar?

– Porque no mar nasceu – disse Gandales –, quando eu da Pequena Bretanha vinha.

– Por Deus, pouco se parece convosco – disse a Rainha.

Isto dizia ela por ser o donzel formoso à maravilha e D. Gandales ter mais de bondade do que de formosura. El-Rei, que o donzel olhava e mui formoso lhe pareceu, disse:

– Mandai-o vir aqui, Gandales, que eu o quero criar.

– Senhor – disse ele – fá-lo-ei, mas ainda não está na idade de se separar de sua mãe.

Então foi buscá-lo, trouxe-o e disse-lhe:

– Donzel do Mar, quereis ir com el-Rei, meu senhor?

– Eu irei onde me vós mandardes – disse ele –, mas irá meu irmão comigo.

– Nem eu ficarei sem ele – disse Gandalim.

– Creio, senhor – disse Gandales –, que os tereis de levar a ambos, já que se não querem separar.

– Muito me apraz – disse el-Rei.

Então o tomou junto de si e, mandando chamar seu filho Agrajes, disse-lhe:

– Filho, estes donzéis deverás tu amar muito, pois muito amo eu seu pai.

Quando Gandales isto viu, que punham o Donzel do Mar na obediência de outro que não valia tanto como ele, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, e disse para si:

– Filho formoso, que de pequeno começaste a andar em aventuras e perigos, e agora te vejo ao serviço dos que te poderiam servir a ti, Deus te guarde e guie naquelas cousas de Seu serviço e de tua grande honra, e faça verdadeiras as palavras que a sábia Urganda de ti me disse, e a mim deixe chegar ao tempo das tuas grandes maravilhas, que em armas te são prometidas.

El-Rei, que lhe viu os olhos rasos de água, disse:

– Nunca pensei que fôsseis tão louco!

– Não o sou tanto quanto o cuidais – disse ele –, mas, se vos aprover, ouvi-me um pouco diante da Rainha.

Então, mandando afastarem-se todos, Gandales disse:

– Senhores, sabeis a verdade sobre este donzel que levais e que eu encontrei no mar.

E contou-lhes então de que maneira; e também teria dito o que de Urganda havia sabido, se não fora a promessa que tinha feito.

– Agora fiz com ele o que deveis, porque, assim Deus me salve, pelas ricas cousas que trazia consigo, eu creio que é de mui alta linhagem.

Muito agradou a el-Rei sabê-lo, e prezou o cavaleiro que tão bem o guardara; e disse a D. Gandales:

– Pois que Deus tanto cuidado teve em guardá-lo, razão é que tenhamos nós o mesmo a criá-lo e a fazer-lhe bem quando chegar o tempo.

A Rainha disse:

– E eu quero que ele seja meu, se vos aprover, até porque está na idade de servir

mulheres; e logo depois vosso será.

El-Rei concedeu-lho. E no outro dia de manhã partiram-se dali, levando os donzéis consigo e seguiram o seu caminho. E digo-vos que a Rainha fazia criar o Donzel do Mar com tanto cuidado e honra como se fosse seu próprio filho. Mas o cuidado que com ele tomava não era vão, porque o seu engenho era tal, e a condição tão nobre, que muito melhor e mais depressa do que qualquer outro aprendia todas as cousas. E amava tanto a caça e a montaria que, se o deixassem, nunca disso se apartaria, atirando com o seu arco e cuidando dos cães. E a Rainha gostava tanto do modo como ele a servia que não o deixava afastar-se da sua presença.

O autor aqui torna a contar d'el- rei Perião e de sua amiga Elisena. Como já ouvistes, Perião estava no seu reino, depois de ter falado com os clérigos que lhe tinham explicado o sonho; e muitas vezes pensou nas palavras que a donzela lhe dissera, mas não as podia entender. Pois passados alguns dias, estando no seu paço, entrou uma donzela pela porta e deu-lhe uma carta da sua amiga Elisena, na qual lhe fazia saber que el-Rei Garinter, seu pai, tinha morrido, e ela estava desamparada; e que tivesse piedade dela, porque a rainha da Escócia, sua irmã, e el-Rei, seu marido, lhe queriam tomar a terra. El-Rei Perião, ainda que a morte d'el-Rei Garinter muito lhe pesasse, alegrou-se ao pensar que ia ver a sua amiga, da qual nunca perdia desejo, e disse à donzela:

– Ide-vos e dizei a vossa senhora que, sem me deter um só dia, logo estarei com ela.

A donzela foi-se, mui alegre. E el-Rei, depois de preparar a gente que era necessária, partiu logo a caminho de onde Elisena estava. E tão bem andou as suas jornadas que chegou à Pequena Bretanha, onde encontrou novas que Languines havia tomado posse de toda da terra, salvo daquelas vilas que a Elisena o seu pai deixara; e sabendo que ela estava numa vila que Acarte se chamava, foi-se para lá; e se por ela foi bem-recebido nem se pode contar, e ela igualmente por ele, que muito se amavam. El-Rei disse-lhe então que mandasse chamar todos os seus amigos e parentes, porque a queria tomar por mulher. Elisena assim fez, com grande prazer, porque naquilo consistia todo o fim dos seus desejos.

Sabida por el-Rei Languines a vinda d'el-Rei Perião, e a sua vontade de casar com Elisena, mandou chamar todos os homens-bons da terra e, levando-os consigo, foi ter com ele. Tendo-se ambos saudado e recebido com cortesia, e uma vez as bodas e

festas celebradas, resolveram os reis voltar para os seus reinos. E seguindo el-Rei Perião com sua mulher Elisena, passando perto de uma ribeira onde pernoitar queriam, el-Rei foi-se sozinho pela margem da ribeira, pensando em como poderia a Elisena contar aquilo do filho que os clérigos lhe tinham dito, quando lhe tinham explicado o sonho; e tanto andou, pensando nisto, que chegou a uma ermida, onde, depois de amarrar o cavalo a uma árvore, entrou a fazer oração; dentro dela viu então um homem velho, vestido com hábitos de monge, que lhe disse:

– É verdade que el-Rei Perião está casado com a filha d’el-Rei, nosso senhor?

– É verdade – respondeu.

– Muito me apraz – disse o bom homem –, que eu mui certo sei que dela muito amado é, de todo o coração.

– E como o sabeis vós? – perguntou ele.

– Da sua boca – disse o bom homem.

El-Rei, pensando poder saber o que desejava, deu-se a conhecer e disse:

– Rogo-vos que me digais o que dela sabeis.

– Grande erro faria – disse o bom homem –, e vós me teríeis por herege, se aquilo que em confissão me disse, eu o revelasse; basta o que vos digo, que vos ama de amor verdadeiro e leal. Mas quero que saibais o que me disse uma donzela, que me pareceu mui sábia, ao tempo em que chegastes a esta terra, e não o pude entender: que da Pequena Bretanha sairiam dois dragões que teriam o seu senhorio na Gaula e os seus corações na Grã Bretanha, e dali sairiam a comer as bestas das outras terras, e que contra umas seriam mui bravos e ferozes, e contra outras mansos e humildes, como se nem garras nem corações tivessem; e eu fiquei mui maravilhado de o ouvir, mas não porque saiba a razão disto.

El-rei maravilhou-se e, embora na altura não o entendesse, veio um tempo em que claramente percebeu ser assim verdade. Despedindo-se el-rei Perião do ermitão, voltou às tendas em que tinha deixado a sua mulher e companha, onde aquela noite, com grande contentamento, pernoitou. Estando, pois, no seu leito, em grande prazer, disse à Rainha o que os mestres tinham declarado do seu sonho, rogando-lhe que lhe dissesse se tinha parido algum filho. A Rainha, ouvindo isto, e sentindo tão grande vergonha que mais quisera a morte, negou-lho, dizendo que nunca parira. E assim, daquela vez, el-Rei não conseguiu saber o que queria. No outro dia partiram dali e andaram as suas jornadas, até que chegaram ao reino de Gaula. A Rainha, que era uma mui nobre dona, agradou a

todos os da terra. E, folgando ali el-Rei mais do que costumava, teve dela um filho e uma filha; ao filho chamaram Galaor e à filha Melícia.

Quando o menino chegou aos dois anos e meio, aconteceu então que, estando a corte numa vila perto do mar, que havia nome Bangil, e estando el-Rei, seu pai, a uma janela sobre uma horta, na qual a Rainha estava a folgar com as suas donas e donzelas, tendo o menino, que já começava a andar, perto de si, viram entrar por um postigo que dava para o mar um gigante com uma mui grande maça na mão, e era tão grande e disforme que não havia homem que o visse que dele não ficasse espantado; e assim o ficaram a Rainha e sua companhia, que umas fugiam por entre as árvores e outras se deixavam cair em terra, tapando os olhos para não o ver. O gigante dirigiu-se então para o menino, que desamparado e só se viu e, chegando perto dele, estendeu o menino os braços, rindo; então ele tomou-o entre os seus, dizendo:

– Verdade me disse a donzela.

E, saindo por donde viera, entrou numa barca e foi-se pelo mar.

A Rainha, quando viu que se ia e que o menino lhe levava, deu grandes gritos, que de nada lhe aproveitaram; mas a sua dor e de todos foi tão grande que, embora também a el-Rei muito lhe pesasse não ter podido acorrer a seu filho, vendo que remédio não havia, desceu à horta para acudir à Rainha, que se estava matando porque lhe vinha à memória o outro filho que ao mar tinha lançado; e agora que com este pensava remediar a sua grande tristeza, vê-lo perdido em tal acidente, não tendo esperança de jamais o recuperar, dava-lhe o maior desgosto do mundo. El-Rei levou-a então consigo, fê-la recolher à sua câmara e, quando a viu mais sossegada, disse-lhe:

– Dona, agora reconheço ser verdade o que os clérigos me disseram, que este era o último coração. Dizei-me a verdade pois, pela altura em que foi, não deveis considerar-vos culpada.

A Rainha então, ainda que com grande vergonha, contou-lhe tudo o que tinha acontecido com o primeiro filho, e de como o deitara ao mar.

– Não vos atormenteis – disse el-Rei –. Pois que Deus quis que destes dois filhos pouco gozásemos, eu espero n’Ele que tempo virá em que, por alguma boa ventura, algo saberemos deles.

Este gigante que o donzel levou era natural de Leonís, e tinha dois castelos numa ilha e chamava-se Gandalás; e não era tão fazedor de mal como os outros gigantes, antes era de bom coração, até ficar zangado e então fazia grandes cruezas. E foi-se com o

menino até à ponta da ilha, onde havia um ermitão, bom homem, de santa vida. E o gigante, que tinha povoado aquela ilha de cristãos e mandava-os dar-lhe esmola para seu mantimento, disse-lhe:

– Amigo, este menino vos dou para que o criéis e o ensineis com tudo o que convém a um cavaleiro. Digo-vos que é filho de rei e de rainha, e proíbo-vos de jamais vos virardes contra ele.

O homem bom disse:

– Diz-me, por que fizeste esta crueza tão grande?

– Isso te direi eu – disse ele –. Sabei que, querendo eu entrar numa barca para ir combater Albadão, o gigante bravo que matou o meu pai e me tem tomada por força a Pena de Galtares, que é minha, encontrei uma donzela que me disse: «Isso que tu queres há de ser feito pelo filho d’el-Rei Perião de Gaula, que terá muita força e ligeireza, mais do que tu». E eu perguntei-lhe então se dizia a verdade. «Isso verás tu – disse ela – na altura em que os dois ramos de uma árvore, que agora estão separados, se juntarem». Desta maneira ficou o donzel chamado Galaor em poder do ermitão; e do que lhe aconteceu adiante se contará.

Neste tempo em que estas cousas se passavam, como acima ouvistes, reinava na Grã-Bretanha um rei chamado Falangris, o qual, morrendo sem herdeiros, tinha um irmão de grande bondade de armas e muita discricção, o qual Lisuarte se chamava, que com a filha d’el-Rei da Dinamarca, que se chamava Brisena, recentemente se casara, e que era a mais formosa donzela que em todas as ilhas do mar se podia encontrar. E ainda que ele fosse requisitada por muitos altos príncipes, e seu pai, com temor dos outros, não a ousasse dar a nenhum deles, vendo ela este Lisuarte, e sabendo as suas boas maneiras e grande valentia, a todos desdenhando, com ele, que por amores a servia, se casou. Assim, morto este rei Falangris, os ricos-homens da Grã-Bretanha, sabendo dos feitos de armas que este Lisuarte havia feito, e da sua alta proeza de tão grande casamento ter feito, embarcaram para o ir chamar, para que o reino tomasse.

CAPÍTULO IV

Como el-Rei Lisuarte navegou pelo mar e aportou no reino de Escócia, onde com muita honra foi recebido.

Ouvida a embaixada por el-Rei Lisuarte, e ajudado pelo seu sogro, fez-se ele então ao mar com grande frota; e, navegando, aportou no reino de Escócia, onde foi

recebido com muita honra por el-Rei Languines. Este Lisuarte trazia consigo Brisena, sua mulher, e uma filha que dela tinha tido quando na Dinamarca morava, que Oriana se chamava, de cerca de dez anos, a mais formosa criatura que jamais se viu, tanto que foi chamada a «sem par», porque no seu tempo nenhuma houve que lhe fosse igual; e porque a menina andava cansada do mar, decidiu deixá-la ali, rogando a el-Rei Languines e à Rainha que lha guardassem. Eles ficaram mui alegres com isto, e a Rainha disse:

– Crede que eu a guardarei tal como sua mãe o faria.

Seguindo então Lisuarte velozmente com suas naus, chegou à Grã-Bretanha, onde encontrou alguns que se lhe opuseram, como costuma acontecer em tais casos, e por este motivo não se lembrou da sua filha por algum tempo; mas, depois de grandes trabalhos, foi aclamado rei, tendo sido depois o melhor rei que ali houve, e o que melhor manteve a cavalaria nos seus direitos até reinar el-Rei Artur, que passou em bondade a todos os outros reis que antes dele foram, ainda que muitos tivessem reinado entre um e outro.

O autor deixa Lisuarte a reinar com muita paz e sossego na Grã-Bretanha e torna ao Donzel do Mar, que neste tempo tinha doze anos e que, pela sua altura e grandeza de membros, parecia ter quinze. Servia ele perante a Rainha, e tanto dela como de todas as donas e donzelas era muito amado; mas desde que ali tinha chegado Oriana, a filha d’el-Rei Lisuarte, deu-lhe a Rainha o Donzel de Mar para que a servisse, dizendo:

– Amiga, este é um donzel que vos servirá.

Ela disse que muito lhe agradava. E o Donzel ficou com estas palavras no seu coração, de tal maneira que depois nunca da memória as afastou, pois que sem falta, assim como o diz esta história, nunca se cansou de a servir nos dias da sua vida e a ela dedicou sempre o seu coração; e este amor durou quanto eles duraram, já que, assim como ele a amava, assim ela o amava a ele, de tal modo que nem uma hora deixaram de se amar. Mas o Donzel do Mar, que não entendia nem sabia que ela o amava, tinha-se por muito ousado em ter posto nela o seu pensamento, pela grandeza e formosura suas, sem cuidar de ser ousado em dizer-lhe uma só palavra; e ela, que o amava de coração, guardava-se de falar com ele mais do que com outro, para que nada suspeitassem. Mas os olhos tinham grande prazer em mostrar ao coração a cousa do mundo que mais amavam. Assim viviam encobertamente, sem que de seu pensamento nenhuma cousa um ao outro dissessem.

Pois passando o tempo, como vos digo, entendeu o Donzel do Mar que já poderia tomar armas, se houvesse quem o fizesse cavaleiro; e isto desejava ele, considerando que seria tal e faria tais cousas com que, ou morreria ou, vivendo, a sua senhora o prezaria; e com este desejo dirigiu-se a el-Rei, que numa horta estava e, superando a vergonha, disse-lhe:

– Senhor, se vos aprouvesse, tempo seria de eu ser cavaleiro.

El-Rei disse:

– Como, Donzel do Mar?! Já tendes ânimo para manter cavalaria? Sabei que é cousa ligeira de haver e difícil de manter. E quem este nome de cavalaria quiser ganhar e mantê-lo com honra, tantas e tão graves cousas tem de fazer que muitas vezes o seu coração se fatiga; e se tal cavaleiro é que, por medo ou cobardia, deixa de fazer o que convém, mais lhe valeria a morte do que viver em vergonha. E por isso teria por bem que por mais algum tempo vos refreeis.

O Donzel do Mar disse-lhe:

– Nem por nada disso deixarei de ser cavaleiro, pois que, se não tivesse no meu pensamento o desejo de cumprir tudo isso que haveis dito, não esforçaria o meu coração para o ser. E uma vez que à vossa mercê sou criado, cumpro nisto o que me deveis; se não, buscarei outro que o faça.

El-Rei, que temeu que assim o fizesse, disse:

– Donzel do Mar, eu sei quando será para vós boa altura de o serdes e mais em vossa honra, e prometo-vos que o farei; e, entretanto, preparar-se-ão vossas armas e aparelhos. Mas a quem cuidáveis vós ir?

– A el-Rei Perião – disse ele –, pois me dizem que é bom cavaleiro e casado com a irmã da Rainha, minha senhora; e far-lhe-ei saber como fui criado por ela, e com isto pensava eu que de bom grado me armaria cavaleiro.

– Sossegai agora – disse el-Rei –, que quando for tempo honradamente o sereis.

E logo mandou que preparassem as cousas necessárias à ordem de cavalaria; e fez saber a Gandales tudo o que lhe acontecera com o donzel que criava, o que muito alegrou Gandales, que lhe enviou por uma donzela a espada e o anel e a carta envolta na cera, tal como os achara na arca onde o tinha encontrado. E estando um dia a formosa Oriana com outras donas e donzelas folgando no paço, enquanto a Rainha dormia, estava ali com elas o Donzel do Mar, que nem ousava olhar para a sua senhora, e dizia para si mesmo:

– Ai, Deus! Por que quisestes pôr tanta beleza nesta senhora, e em mim tanta coita e dor por causa dela? Em triste hora os meus olhos a olharam, pois que, perdendo a sua luz, com a morte pagarão aquela grande loucura que no coração puseram.

E assim estando, quase sem nenhum sentido de si, entrou um donzel e disse-lhe:

– Donzel do Mar, está ali fora uma donzela estrangeira que vos traz alguns presentes e vos quer ver.

Ele quis sair para ir ao seu encontro, mas aquela que o amava, quando isto ouviu, sentiu estremecer-lhe o coração, de maneira que, se alguém tivesse reparado, bem pudera ver a sua grande turvação; mas ninguém pensava em tal cousa. E então ela disse:

– Donzel do Mar, ficai, e que entre a donzela, e veremos os presentes.

Ele ficou onde estava e a donzela entrou. E era a que enviava Gandales; e que disse:

– Senhor Donzel do Mar, vosso amo Gandales saúda-vos muito, como aquele que vos ama; e envia-vos esta espada e este anel e esta cera, e roga-vos que useis esta espada enquanto vos durar, por seu amor.

Ele tomou os presentes e, pondo o anel e a cera no regaço de Oriana, começou a desembulhar a espada do pano de linho que a cobria, maravilhando-se como não tinha bainha; Oriana pegou então na cera, pois não pensava que nela houvesse qualquer outra cousa, e disse-lhe:

– Isto quero eu destes presentes.

Mas a ele teria agradado mais que ela tivesse tomado o anel, que era um dos formosos do mundo. E enquanto estava a olhar para espada, entrou el-Rei, e disse:

– Donzel do Mar, que vos parece essa espada?

– Senhor, parece-me mui formosa, mas não sei por que está sem bainha.

– Há bem quinze anos – disse el-Rei – que a não tem.

Então, tomando-o pela mão, afastou-se com ele e disse-lhe:

– Vós quereis ser cavaleiro e não sabeis se tal cousa vos pertence por direito, de modo que quero que saibais a vossa história, tal como eu a sei.

E contou-lhe como fora encontrado no mar, metido na arca, com aquela espada e anel, tal como ouvistes. E Amadis disse:

– Eu creio no que me dizeis, porque aquela donzela disse-me que o meu amo Gandales me enviava esta espada, e eu pensei que se tinha enganado na palavra por dizer amo e não me dizer que era o meu pai que ma enviava. Mas a mim não me pesa de quanto

me dizeis, senão por não conhecer a minha linhagem, nem eles a mim. Mas tenho-me por fidalgo, que o meu coração isso me diz. E agora, senhor, convém-me mais do que antes a cavalaria, e ser tal que ganhe honra e fama, como aquele que não sabe de onde vem, e como se todos os da minha linhagem estivessem mortos, que assim eu os consiero, pois me não conhecem, nem eu a eles.

El-Rei pensou que seria um homem bom e esforçado para todo o bem; e estando nestas falas, chegou um cavaleiro que lhe disse:

– Senhor, el-Rei Perião de Gaula veio a vossa casa.

– Como, a minha casa? – admirou-se el-Rei.

– No vosso paço está – disse o cavaleiro.

Ele dirigiu-se para lá mui depressa, como aquele que sabia honrar a todos; e assim que se viram e se saudaram ambos, Languines disse-lhe:

– Senhor, a que viestes a esta terra tão inesperadamente?

– Vim em busca de amigos – disse el-Rei Perião –, que mais preciso deles agora do que nunca, pois el-Rei Abiés de Irlanda me guerreia; e está com todas as suas forças na minha terra, estacionados na Deserta, e vem com ele Daganel, seu primo, e ambos têm tanta gente reunida contra mim, que mui necessários me são parentes e amigos, tanto por ter perdido muita gente minha na guerra, como por me falharem muitos outros em quem confiava.

Languines disse-lhe:

– Irmão, muito me pesa o vosso mal; e eu vos ajudarei o melhor que puder.

Agrajes, que já era cavaleiro, dobrando os joelhos ante seu pai, disse:

– Senhor, peço-vos que me concedeis uma cousa.

E ele, que o amava como a si mesmo, disse:

– Filho, pede o que quiseres.

– Peço-vos, senhor, que me deixeis ir defender a Rainha, minha tia.

– Concedo-to – disse ele –, e enviar-te-ei o mais honradamente que eu puder.

El-Rei Perião ficou mui alegre com isto. O Donzel do Mar, que ali estava, olhava muito para el-Rei Perião, não por pai, que o não sabia, mas pela grande bondade de armas que dele ouvira contar; e mais desejava ser cavaleiro por sua mão do que pela de outro qualquer que no mundo houvesse. Pensou então que o pedido da Rainha lhe valeria muito para tal fim; mas, encontrando-a muito triste pelas perdas sofridas pela sua irmã, não lhe

quis falar, e foi-se até onde a sua senhora Oriana estava; e dobrando os joelhos perante ela, disse:

– Senhora Oriana, poderia eu saber de vós a causa da tristeza da Rainha?

Oriana, quando assim viu diante dela aquele que mais que a si mesma amava, sem que ele nem ninguém o soubesse, sentiu um grande sobressalto ao coração, e disse-lhe:

– Ai, Donzel do Mar! Esta é a primeira cousa que me pedistes, e eu a farei de boa vontade.

– Ai, senhora! – disse ele –, que eu não sou tão ousado nem digno de a tal senhora nenhuma cousa pedir, senão de fazer o que por vós me for ordenado.

– E como?! – disse ela – Tão fraco o vosso coração é que não chega para pedir?

– Tão fraco – disse ele –, que em todas as cousas me falha em relação vós, salvo em vos servir, como aquele que sem ser seu é todo vosso.

– Meu? – disse ela – E desde quando?

– Desde que isso vos agradou – disse ele.

– E quando foi isso? – disse Oriana.

– Lembre-vos, senhora – disse o Donzel –, que no dia em que aqui vosso pai partiu me tomou a Rainha pela mão e, pondo-me diante de vós, disse: «Este donzel vos dou para que vos sirva»; e dissestes que vos agradava; desde então me tenho e me terei por vosso, para vos servir, sem que outra, nem eu mesmo, sobre mim senhorio tenha enquanto viva.

– Essas palavras – disse ela – tomaste vós com melhor entendimento do que o fim com que foram ditas, mas bem me apraz que assim seja.

Ele ficou tão atónito com o prazer que estas palavras lhe deram, que nada conseguiu responder; e então ela viu que todo o senhorio tinha sobre ele. Então, partindo-se dele, foi até junto da Rainha e soube que a causa da sua tristeza eram as perdas de sua irmã; e, voltando ao Donzel, contou-lho. O Donzel disse:

– Se a vós, senhora, aproveesse que eu fosse cavaleiro, iria em ajuda dessa irmã da Rainha, permitindo-me vós a ida.

– E se eu não a permitisse – disse ela –, não iríeis?

– Não – disse ele –, porque este meu vencido coração, sem o favor daquela em cujo poder está, não poderia aguentar-se em nenhum combate; e nem mesmo sem combate algum.

Ela riu-se com bom semblante e disse-lhe:

– Pois que assim vos ganhei, concedo-vos que sejais meu cavaleiro e que ajudeis aquela irmã da Rainha.

O donzel beijou-lhe as mãos e disse:

– Pois que el-Rei, meu senhor, não me quis fazer cavaleiro, mais à minha vontade o poderia agora ser deste rei Perião, por vosso pedido.

– Eu farei o que puder – disse ela –, mas necessário será dizê-lo à infanta Mabília, já que o seu pedido muito valerá perante el-Rei, seu tio.

Então foi ter com ela e disse-lhe como o Donzel do Mar queria ser cavaleiro por mão d’el-rei Perião, e que necessitava para isso do pedido delas. Mabília, que mui animosa era, e amava o Donzel do Mar de fraterno amor, disse:

– Pois façamo-lo por ele, que o merece. Que venha então à capela de minha mãe, armado com todas as armas, e nós lhe faremos companhia com outras donzelas; e quando el-Rei Perião estiver para partir, o que, segundo soube, será antes da alva, eu enviar-lhe-ei rogar que me venha ver, e ali fará o que lhe rogarmos, pois é cavaleiro de mui boas maneiras.

– Dizeis bem – disse Oriana.

E, chamando as duas o Donzel, disseram-lhe o que tinham acordado, e que ele recebeu como mercê. Assim se partiram daquela fala em que os três isto acordaram; o Donzel do Mar chamou então Gandalim e disse-lhe:

– Irmão, leva as minhas armas todas à capela da Rainha encobertamente, que penso esta noite ser cavaleiro; e porque nessa hora devo partir daqui, quero saber se quiserás ir comigo.

– Senhor, digo-vos que por minha vontade nunca de vós me afastarei.

Ao Donzel vieram-lhe as lágrimas aos olhos e, beijando-o no rosto, disse-lhe:

– Amigo, faz então o que te disse.

Gandalim pôs as armas na capela enquanto a Rainha ceava; e uma vez as toalhas levantadas, foi-se o Donzel à capela e, armando-se com todas as suas armas, salvo na cabeça e nas mãos, fez a sua oração ante o altar, rogando a Deus que, tanto nas armas como naqueles mortais desejos que sentia pela sua senhora, lhe desse vitória. Quando a Rainha se foi deitar, Oriana e Mabília, com algumas donzelas, foram ter com ele para o acompanhar; então, quando Mabília soube que el-Rei Perião se preparava para partir, mandou-lhe dizer que a viesse ver antes. E vindo ele logo, disse-lhe:

– Senhor, fazei o que vos rogar Oriana, filha d’el-Rei Lisuarte.

O Rei disse que de bom grado o faria, pois o merecimento de seu pai a isso o obrigava. Oriana veio então diante dele que, ao vê-la tão formosa, bem pensou que no mundo outra igual não se poderia encontrar; e ela disse:

– Eu vos quero pedir uma cousa.

– De bom grado o farei – disse el-Rei.

– Pois fazei-me este meu donzel cavaleiro.

E indicou-lho, que de joelhos ante o altar estava. El-Rei viu o Donzel tão formoso que muito se maravilhou; aproximando-se então dele, disse:

– Quereis receber ordem de cavalaria?

– Quero – disse ele.

– Que seja em nome de Deus; e que Ele mande que tão bem empregada em vós seja e tão crescida em honra como Ele vos cresceu em formosura.

E pondo-lhe a espora direita, disse:

– Agora sois cavaleiro e podeis tomar a espada.

Então pegou nela e deu-lha, e o Donzel a cingiu mui airosamente. E disse el-Rei:

– Decerto que este ato de vos armar cavaleiro, atendendo ao vosso rosto e aparência, com maior honra o quisera ter feito. Mas espero em Deus que a vossa fama será tal que dará testemunho daquilo que com mais honra se deveria fazer.

Mabília e Oriana ficaram mui alegres e beijaram as mãos d’el-Rei, o qual, encomendando o Donzel a Deus, seguiu o seu caminho.

Este foi o começo dos amores deste cavaleiro e desta infanta, e se, a quem o ler, estas suas palavras parecerem simples, não se maravilhe disso, porque, não só em tão tenra idade como a sua, mas em outras – que com grande discricção muitas cousas se passaram neste mundo – o grande e demasiado amor teve tal força que o sentido e a língua em semelhantes momentos se lhes turvou. Assim que, com muita razão eles em as dizer e o autor em mais polidas as escrever, devem ficar sem culpa, porque a cada cousa se deve dar o que lhe convém.

Tendo sido armado cavaleiro o Donzel do Mar, como acima fica dito, e querendo-se despedir de Oriana, sua senhora, e de Mabília e das outras donzelas que com ele tinham velado na capela, Oriana, a quem parecia partir-se-lhe o coração, sem o dar a entender, chamou-o à parte e disse-lhe:

– Donzel do Mar, eu vos tenho por tão bom que não creio que sejais filho de Gandales; se alguma cousa disso sabeis, dizei-mo.

O Donzel contou-lhe da sua história aquilo que por el-Rei Languines soubera, e ela, ficando mui alegre de o saber, encomendou-o a Deus. À porta do paço encontrou ele Gandalim, que o esperava com a sua lança, o escudo e o cavalo e, montando nele seguiu seu caminho, sem que de ninguém fosse visto, por ser ainda de noite. E tanto andou que entrou numa floresta, onde ao meio dia comeu do que Gandalim lhe levava; depois, sendo já tarde, ouviu à sua direita umas vozes mui dolorosas, como de homem que grande coita sentia, e dirigiu-se sem demora para lá; mas no caminho encontrou um cavaleiro morto e, um pouco depois, viu outro que estava gravemente ferido, tendo sobre si uma mulher que o fazia gritar, metendo-lhe as mãos nas feridas; o qual, quando viu o Donzel do Mar, lhe disse:

– Ai, senhor cavaleiro, acudi-me! Não deixeis que assim me mate esta aleivosa.

O Donzel disse:

– Afastai-vos, dona, que o que fazeis não de faz.

Ela afastou-se, ficando o cavaleiro desmaiado; o Donzel do Mar desceu então do cavalo e tomou-o nos braços, pois muito desejava saber quem seria; e assim que deu acordo de si, disse:

– Ó senhor, morto sou! Levai-me onde encontre salvação para a minha alma!

O Donzel disse-lhe:

– Senhor cavaleiro, esforçai-vos, e dizei-me, se vos aprouver, que fortuna é esta em que estais.

– A que eu quis tomar – disse o cavaleiro –; porque eu, sendo rico e de grande linhagem, casei com aquela mulher que vistes, por grande amor que lhe havia, sendo ela em tudo ao contrário. E a noite passada ia-se embora com aquele cavaleiro que ali jaz morto, e que nunca o vi senão esta noite, pois pernoitou em minha casa; e depois que em combate o matei, disse-lhe a ela que lhe perdoaria se jurasse de não mais me fazer injúria nem desonra; e ela assim o concedeu. Mas quando viu correr-me tanto sangue das feridas, que me deixava sem alento, quis-me matar, metendo nelas as mãos; assim que estou a morrer, e rogo-vos que me leveis aqui adiante onde mora um ermitão que curará a minha alma.

O Donzel pô-lo no cavalo à frente de Gandalim; e, voltando a montar, foram indo para a ermida; mas a malvada mulher mandara dizer a três irmãos seus que viessem por

aquele caminho, com receio de que seu marido fosse atrás dela; estes encontraram-na e perguntaram-lhe por que estava assim. Ela disse:

– Ai, senhores, acudi-me, por Deus, que aquele mau cavaleiro que ali vai matou esse que aí vedes e a meu senhor leva quase morto! Ide atrás dele e matai-o, a ele e a um homem que consigo leva, que fez tanto mal como ele.

Isto dizia ela porque, morrendo ambos, não se saberia a sua maldade, já que no seu marido não acreditariam. E montando no seu palafrém, foi-se com eles para lhos indicar. O Donzel do Mar, que deixara já o cavaleiro na ermida e voltava ao seu caminho, viu então a donzela vir com os três cavaleiros, que diziam:

– Parai, traidores, parai!

– Mentis – disse ele – que traidor não sou; antes me defenderei bem de traição, e vinde a mim como cavaleiros.

– Traidor! – disse o da frente – Todos te devemos fazer mal, e assim o faremos.

O Donzel do Mar, que tinha o seu escudo e o elmo postos, cavalgou contra o primeiro, e homem a homem, atingiu-o no escudo tão duramente que lho arrancou e ao braço que o segurava, derrubando-o a ele e ao seu cavalo tão rijamente que o cavaleiro ficou com o ombro direito partido e o cavalo, com a grande queda, uma perna, de guisa que nem um nem o outro se puderam levantar; então, tendo quebrado a lança, deitou mão à sua espada, que lhe guardara Gandalim, e foi contra os outros dois, e eles a ele; e atingiram-no no escudo, que lhe partiram, mas não o arnês que forte era; e o Donzel golpeou um deles por cima do escudo e cortou-lho até às correias, tendo a espada atingido o ombro, de guisa que com a ponta lhe cortou a carne e os ossos, sem lhe valer o arnês; e ao retirar a espada o cavaleiro caiu em terra; foi-se então ao outro que o atacava com a sua espada, e deu-lhe um golpe por cima do elmo, atingindo-o com tanta força na cabeça que o fez abraçar o pescoço do cavalo, deixando-se em seguida cair para não esperar outro golpe; então a aleivosa quis fugir, mas o Donzel do Mar gritou para Gandalim que a apanhasse. O cavaleiro que a pé estava disse:

– Senhor, não sabemos se este combate foi justo ou injusto.

– Justo não podia ser – disse ele –, pois aquela mulher malvada estava em vias de matar o seu marido.

– Fomos enganados – disse ele –; dai-nos, pois, garantias de segurança e sabereis a razão por que vos acometemos.

– A segurança – disse – vos dou, mas não vos livro do combate.

O cavaleiro contou-lhe a causa por que tinham vindo contra ele. O Donzel benzeu-se muitas vezes ao ouvi-lo, e disse-lhes o que sabia.

– E vedes aqui o seu marido nesta ermida, que, assim como eu, vo-lo dirá.

– Pois que assim é – disse o cavaleiro – ficamos à vossa mercê.

– Isso não farei eu, se não jurais, como leais cavaleiros, que levareis este cavaleiro ferido, e a sua mulher com ele, a casa d’el-Rei Languines; e direis o que aconteceu, e que a envia um cavaleiro novel que saiu hoje da vila onde ele está, e que mande fazer o que tiver por bem.

Isto outorgaram os dois, e também o outro, depois de, em mui mau estado, o terem tirado debaixo do cavalo.

CAPÍTULO V

Como Urganda, a desconhecida, trouxe uma lança ao Donzel do Mar

Deu o Donzel do Mar o seu escudo e o seu elmo a Gandalim e seguiram o seu caminho; e não andou muito até que viu vir uma donzela no seu palafrém, a qual trazia uma lança com uma fita; e, vinda doutro caminho, viu outra donzela que com a primeira se juntou, vindo ambas falando na sua direção; quando chegaram, a donzela da lança disse-lhe:

– Senhor, tomai esta lança; e digo-vos que antes de três dias dareis com ela tais golpes, que livrareis a casa donde primeiro saístes.

Ele maravilhou-se do que ela dizia, e perguntou-lhe:

– Donzela, como pode a casa morrer ou viver?

– Assim será como eu digo – disse ela –; e a lança vos dou por algumas mercês que de vós espero. A primeira será quando fizerdes uma honra a um vosso amigo, pela qual, passados dez anos, ele será posto na maior afronta e perigo em que jamais foi posto cavaleiro.

– Donzela – disse ele –, tal honra não farei eu a um amigo meu, se Deus quiser.

– Eu sei bem que assim acontecerá, tal como eu digo – disse ela.

E, dando esporas ao palafrém, seguiu o seu caminho; e sabei que esta era Urganda, a Desconhecida. A outra donzela ficou com ele e disse:

– Senhor cavaleiro, sou de terra estrangeira, mas, se quiserdes, acompanhar-vos-ei estes três dias e deixarei de ir até onde está a minha senhora.

– E donde sois vós? – disse ele.

– De Dinamarca – disse a donzela.

Ele viu que dizia a verdade pela sua linguagem, pois algumas vezes ouvira falar a sua senhora Oriana quando era criança, e disse:

– Donzela, bem me apraz, se por incómodo não o tiverdes.

E perguntou-lhe se conhecia a donzela que a lança lhe tinha dado. Ela respondeu que nunca a tinha visto senão naquele momento, mas que lhe dissera que a trazia para o melhor cavaleiro do mundo; «e disse-me que, depois de se ir embora, vos fizesse saber que era Urganda, a Desconhecida, e que muito vos ama».

– Ai, Deus! – disse ele – Como tenho pouca sorte em a não reconhecer; mas, se agora deixo de a procurar, é porque ninguém a encontrará se ela não quiser!

E assim andou com a donzela até à noite, encontrando então um escudeiro no caminho, que lhe disse:

– Senhor, para onde ides?

– Vou por este caminho – disse ele.

– É verdade – disse o escudeiro –; mas, se quereis pernoitar num povoado, convém que o deixeis, que daqui até bastante longe não se encontrará senão uma fortaleza que é do meu pai, e ali se vos fará todo o serviço.

A donzela disse-lhe que seria boa ideia e ele concordou. O escudeiro desviou-os então do caminho para os guiar; mas isto fazia por um costume que havia aí num outro castelo mais adiante, e pelo qual o cavaleiro havia de passar, pois queria ver o que faria, já que nunca vira combater nenhum cavaleiro andante. Pois chegados a sua casa, aquela noite foram mui bem servidos. Mas o Donzel do Mar não dormia muito, que a maior parte da noite esteve pensando na sua senhora que tinha deixado; pela manhã, armou-se e seguiu o seu caminho, com a donzela e o escudeiro. O seu hospedeiro disse-lhe que lhe faria companhia até ao castelo que havia ali adiante; e assim andaram três léguas, até que viram o castelo, que mui formoso parecia, e que estava sobre um rio e tinha uma ponte

levadiça e na extremidade dela uma torre mui alta e formosa. O Donzel do Mar perguntou ao escudeiro se aquele rio tinha outra passagem sem ser pela ponte. Ele disse que não, que todos passavam por ela «e nós por lá vamos passar».

– Pois ide adiante – disse ele.

A donzela passou, os escudeiros depois, e o Donzel do Mar no fim; e ia tão firmemente pensando na sua senhora, que todo fora de si mesmo ia. Mas mal a donzela entrou na ponte, tomaram-na seis peões pelo freio, armados de capelinas e couraças, e disseram:

– Donzela, tendes que jurar; se não, morta sois.

– E que jurarei?

– Jurarás de não fazer amor ao teu amigo em nenhum tempo, se não vos prometer que ajudará el-Rei Abiés contra el-Rei Perião.

A donzela gritou dizendo que a queriam matar. O Donzel do Mar foi então para lá, e disse:

– Vilãos malvados, quem vos mandou pôr a mão em dona ou donzela, para mais nesta que vai à minha guarda?

E, chegando-se ao maior deles, agarrou-o pelo machado, e deu-lhe tal golpe com o punho da espada que o fez cair em terra; os outros começaram a atacá-lo, mas ele deu a um deles tal golpe que o cortou até aos costados e feriu a outro no ombro e cortou-lho até aos ossos do costado. Quando os outros viram estes dois mortos de tais golpes, ficaram inseguros e começaram a fugir; mas ele ainda puxou a um deles o machado, cortando-lhe bem meia perna, e disse em seguida à donzela:

– Ide em frente, que mal hajam quantos consideram cousa justa que vilãos ponham a mão em dona ou donzela.

Então seguiram adiante pela ponte e ouviram na outra extremidade, da parte do castelo, grande agitação. Disse a donzela:

– Grande ruído de gente parece, e eu acharia melhor que tomásseis vossas armas.

– Não temais – disse ele –, que em lugar onde as mulheres são maltratadas, devendo andar seguras, não pode haver homem que nada valha.

– Senhor – disse ela –, se as armas não tomais, não ousarei passar mais adiante.

Ele as tomou então e passou para a frente; e entrando pela porta do castelo, viu um escudeiro que vinha chorando e dizia:

– Ai, Deus, como matam o melhor cavaleiro do mundo, porque não faz uma jura que não poderá cumprir com justiça!

E, passando por ele, viu o Donzel do Mar el-Rei Perião, que o fizera cavaleiro, assaz maltratado, pois lhe haviam morto o cavalo e tinha dois cavaleiros com dez peões sobre ele, armados, que o atacavam por todo o lado; e os cavaleiros diziam-lhe:

– Jura! Se não, morto és.

O Donzel disse-lhes:

– Afastai-vos, gente malvada, soberba; não punhais a mão no melhor cavaleiro do mundo, que todos por ele morreréis.

Então vieram a ele um cavaleiro e cinco peões, e disseram-lhe:

– A vós também convém jurar ou sereis morto.

– Como?! – disse ele – Jurarei contra minha vontade? Nunca assim será, se Deus quiser.

Eles então gritaram ao porteiro que fechasse a porta. E o Donzel foi-se ao cavaleiro e atacou-o com a sua lança no escudo de maneira que o fez cair em terra por cima das ancas do cavalo, e ao cair deu o cavaleiro com a cabeça no chão, de tal forma que se lhe torceu o pescoço e ficou como morto; e deixando os peões que o atacavam, foi-se ao outro cavaleiro e atravessou-lhe o escudo e o arnês e meteu-lhe a lança pelos costados, que não houve mais necessidade de médico. Quando el-Rei Perião se viu assim socorrido, esforçou-se por se melhor defender, e com a sua espada dava grandes golpes à gente a pé. Mas o Donzel do Mar entrou tão desenfreadamente entre eles com o cavalo e desferindo com a sua espada tão mortais e certos golpes, que fez cair por terra a maior parte deles. Assim que com isto e com o que el-Rei fazia, não tardou muito em serem todos destroçados, e alguns que fugir puderam subiram ao muro; mas o Donzel apeou-se do cavalo e foi atrás deles, e tão grande era o medo que levavam que, não o ousando esperar, atiravam-se da cerca abaixo, salvo dois deles, que se meteram numa câmara. O Donzel, que os seguia, entrou atrás deles, e viu num leito um homem tão velho que dali não se podia levantar, e que dizia, gritando:

– Vilãos malvados, diante de quem fugis?

– Diante de um cavaleiro – disseram eles – que faz diabruras e matou os vossos dois sobrinhos e todos os nossos companheiros.

O Donzel disse a um deles:

– Mostra-me o teu senhor; se não, morto és.

Ele mostrou-lhe o velho que jazia no leito. Então ele começou a benzer-se e disse:

– Velho malvado, estás à hora da morte e tens tal costume? Se agora pudésseis tomar armas, provar-vos-ia que éreis traidor, que assim o sois perante Deus e vossa alma.

Então fingiu que lhe queria dar com a espada, e o velho disse:

– Ai, senhor, mercê, não me mateis!

– Morto sois – disse o Donzel do Mar –, se não jurais que tal costume nunca mais em vossa vida será mantido.

Ele jurou-o.

– Pois agora dizei-me porque mantíneis este costume.

– Por el-Rei Abiés de Irlanda – disse ele –, que é meu sobrinho; e como eu não o posso ajudar com o corpo, quisera-o ajudar com os cavaleiros andantes.

– Velho falso – disse o Donzel –, que têm a ver os cavaleiros com a vossa ajuda ou estorvo?

Então deu-lhe um pontapé no leito e virou-o sobre ele; e, encomendando-o a todos os diabos do inferno, saiu para o pátio; tomando então um dos cavalos dos cavaleiros que matara, trouxe-o a el-Rei, dizendo:

– Montai, senhor, que pouco me agrada este lugar, nem os que nele estão.

Então montaram nos seus cavalos e saíram fora do castelo; mas o Donzel do Mar não tirou o elmo, para que el-Rei não o reconhecesse; e sendo já fora, disse el-Rei:

– Amigo senhor, quem sois, que me acorrestes sendo perto da morte e impedistes que contra mim fossem muitos cavaleiros andantes, e os amigos das donzelas que por aqui passassem, já que eu sou aquele contra quem haviam de jurar?

– Senhor – disse o Donzel do Mar –, eu sou um cavaleiro que teve vontade de vos servir.

– Cavaleiro – disse ele –, isso vejo eu bem, que dificilmente poderia um homem encontrar noutro tão bom socorro; mas não vos deixarei sem que vos conheça.

– Isso não traz a vós nem a mim qualquer vantagem.

– Pois rogo-vos, por cortesia, que tireis o vosso elmo.

Ele baixou a cabeça e não respondeu; então el-Rei rogou à donzela que lho tirasse, e ela disse-lhe:

– Senhor, fazei o que el-Rei vos pede, que tanto o deseja.

Mas, como ele não o quis fazer, a donzela tirou-lhe o elmo contra a sua vontade; e quando el-Rei lhe viu o rosto, reconheceu ser aquele o donzel que ele armara cavaleiro a rogo das donzelas; e abraçando-o, disse-lhe:

– Por Deus, amigo, agora conheço-vos eu melhor do que antes.

– Senhor – disse ele –, eu bem vos reconheci por me teres dado honra de cavalaria, o que, se Deus quisesse, me daria azo a servir-vos na vossa guerra de Gaula, assim que tal me fosse permitido; e até então não me quisera dar a conhecer.

– Muito vos agradeço – disse el-Rei –, que por mim fazeis tanto que mais não pode ser, e dou muitas graças a Deus de, por mim, ter sido feita tal obra.

Isto dizia por o haver feito cavaleiro, pois que a dívida que para com ele tinha Amadis não a conhecia nem imaginava.

Falando disto, chegaram a dois caminhos, e disse o Donzel do Mar:

– Senhor, qual destes caminhos seguis?

– Este que vai para a esquerda – disse ele –, que é a o caminho direto para ir para a minha terra.

– Ide com Deus – disse ele –, que eu tomarei o outro.

– Deus vos guie – disse el-Rei –; e lembrai-vos do que me prometestes, que a vossa ajuda me tirou a maior parte do temor e me dá esperança de com ela serem remediadas as minhas perdas.

Então seguiu o seu caminho, e o Donzel ficou com a donzela, a qual lhe disse:

– Senhor cavaleiro, eu fiquei convosco por aquilo que a donzela que vos deu a lança me disse: que a trazia o melhor cavaleiro do mundo; e tanto vi, que reconheço ser verdade. Agora quero voltar ao meu caminho para ver aquela minha senhora de que vos falei.

– E quem é ela? – disse o Donzel do Mar.

– Oriana, a filha d’el-Rei Lisuarte – disse ela.

Quando ele ouviu mencionar a sua senhora, estremeceu-lhe o coração tão fortemente, que por pouco não caía do cavalo; Gandales, vendo-o assim atónito, abraçou-se a ele para o segurar; e o Donzel disse:

– Morto sou do coração.

A donzela, cuidando que doença fosse, disse:

– Senhor cavaleiro, desarmai-vos, que tivestes alguma cousa.

– Não é preciso – disse ele –, que amiúde tenho este mal.

O escudeiro de quem antes ouvistes falar disse à donzela:

– Ides a casa d’el-Rei Languines?

– Sim – disse ela.

– Pois eu vos farei companhia – disse ele –, que aí tenho de estar num prazo certo.

E despedindo-se do Donzel do Mar, voltaram pelo caminho por onde tinham vindo; e ele seguiu o seu caminho por onde a ventura o guiava.

O autor aqui deixa de falar do Donzel do Mar e torna a falar de D. Galaor, seu irmão, que o gigante tinha levado. D. Galaor, que com o ermitão se criava, como já ouvistes, sendo já em idade de dezoito anos, fez-se valente de corpo e grande de membros. E lia sempre nuns livros que o bom homem lhe dava os feitos antigos de armas passados pelos cavaleiros, de maneira que com isso e com o natural com que nascera foi movido de um grande desejo de ser cavaleiro; mas como não sabia se com direito o podia ser, rogou muito ao homem bom que o criava que lho dissesse. Mas ele, sabendo de certeza que, em sendo cavaleiro, haveria de combater com o gigante Albadão, vieram-lhe as lágrimas aos olhos e disse:

– Meu filho, melhor seria que tomásseis outra via mais segura para a vossa alma do que as armas e a ordem de cavalaria, que muito trabalhosa é de manter.

– Senhor – disse ele –, muito mal poderia eu seguir aquilo que contra a minha vontade tomasse; e isto, que agrada ao meu coração, se Deus me der ventura, passá-lo-ei ao seu serviço, que fora disto não querería viver.

O homem bom, que viu a sua vontade, disse-lhe:

– Pois que assim é, digo-vos, com verdade, que, se por vós se não perde, pela vossa linhagem não se perderá, já que vós sois filho de rei e rainha; e que isto não o saiba o gigante de que vos falei.

Quando Galaor isto ouviu, ficou mui alegre, que mais não podia, e disse:

– O pensamento que eu até aqui tinha por grande em querer ser cavaleiro tenho agora por pequeno, segundo o que me haveis dito.

O homem bom, temendo que ele se fosse embora, mandou dizer ao gigante que aquele que criava estava na idade e na vontade de ser cavaleiro, e que visse o que lhe deveria fazer. Ouvido isto por ele, montou no seu cavalo e foi até lá e, achando Galaor muito formoso e valente, mais do que a sua idade o requeria, disse-lhe:

– Filho, eu sei que quereis ser cavaleiro, por isso quero-vos levar comigo, e trabalharei para que seja muito com vossa honra.

– Pai – disse ele –, com isso será a minha vontade de todo satisfeita.

Então fê-lo montar num cavalo para o levar. Mas antes despediu-se do homem bom, de joelhos, rogando-lhe que se lembrasse dele. O homem bom chorava e beijava-o muitas vezes; e dando-lhe a sua bênção, foi-se com o gigante. E, chegados ao seu castelo, fez-lhe armas à sua medida; e fazia-o cavalgar e bafordar no campo; e deu-lhe dois meses de esgrima, para que o desenvolvessem e o soltassem com o escudo e a espada, e fez-lhe aprender todas as cousas de armas que convinham a um cavaleiro; e nisto o manteve um ano, que o gigante viu que lhe bastava para que, sem dificuldade, pudesse ser cavaleiro.

Aqui deixa o autor de contar isto, porque em lugar merecido se encontrará o que este Galaor fez, e torna a contar o que aconteceu ao Donzel do Mar depois que de el-Rei Perião e da Donzela da Dinamarca e do castelo do velho partiu. Andou dois dias sem aventura encontrar, e ao terceiro dia, à hora do meio-dia, avistou um mui formoso castelo, que era de um cavaleiro de nome Galpano, que era o mais valente e esforçado em armas que em todas aquelas partes se encontrava, de modo que muito receado e temido de todos era. E juntando a sua valentia à fortaleza do castelo, mantinha um costume de homem mui soberbo, seguindo mais o serviço do inimigo mau do que o daquele alto Senhor que tão assinalado entre todos os outros o fizera, e que era o que agora ouvireis. As donas e donzelas que por ali passavam fazia-as subir ao castelo e, fazendo nelas a sua vontade por força, fazia-as jurar que, enquanto ele vivesse, não tomariam outro amigo; e se não o faziam, cortava-lhes a cabeça. E aos cavaleiros, por sua vez, que haviam de combater com dois irmãos seus; e se algum os vencesse, deviam combater com ele mesmo. E ele era tão forte em armas que não ousavam esperá-lo em campo. E fazia-lhes jurar que se chamariam «o vencido de Galpano» ou cortava-lhes as cabeças; e tomando-lhes quanto traziam, fazia-os ir embora a pé. Mas já Deus, entristecido por tão grande crueldade durar há tanto tempo, outorgou à Fortuna que, procedendo contra aqueles que, durante muito tempo, com grande soberba, com deleites demasiados a seu prazer e ao pesar de todos, tinha sustentado, que em breve espaço de tempo acontecesse ao contrário, pagando esses maus a sua maldade, e aos outros como eles dando temeroso exemplo com que se emendassem, como agora vos será contado.

Capítulo VI

Como o Donzel do Mar combateu com os peões do cavaleiro que Galpano se chamava, e depois com os irmãos do senhor do castelo e com o mesmo senhor, e o matou sem dele haver piedade.

Pois chegando o Donzel do Mar perto do castelo, viu vir direito a si uma donzela fazendo grandes lamentações, e com ela um escudeiro e um donzel que a acompanhavam. A donzela era mui formosa e de formosos cabelos, e ia-os arrancando. O Donzel do Mar disse-lhe:

– Amiga, qual é a causa de tão grande coita?

– Ai, senhor! – disse ela –, é tanto o mal que vo-lo não posso dizer.

– Dizei-mo – disse ele –, e, se com justiça vos puder remediar, fá-lo-ei.

– Senhor – disse ela –, eu venho com mandado de meu senhor para um cavaleiro mancebo dos bons que agora se conhecem; mas tomaram-me ali quatro peões e, levando-me ao castelo, fui escarnecida por um traidor; e, depois de tudo, fez-me jurar que não teria outro amigo enquanto ele viver.

O Donzel do Mar tomou-a pelo freio do seu cavalo e disse-lhe:

– Vinde comigo e logo vos farei justiça, se puder.

E tomando-a pela rédea, foi-se com ela falando, perguntando-lhe quem era o cavaleiro a quem o mandado levava.

– Sabê-lo-eis – disse ela –, se me vingardes; mas digo-vos que ele é tal que terá muita coita quando a minha desonra souber.

– E com razão – disse o Donzel do Mar.

Assim chegaram onde os quatro peões estavam. E disse-lhes o Donzel do Mar:

– Traidores malvados, por que fizestes mal a esta donzela?

– Pelo medo que tivemos – disseram eles – de vós lhe fazerdes justiça.

– Já o vereis – disse ele.

Então deitou mão à espada e, indo-se a eles, deu a um, que alçava um machado para o ferir, um tal golpe que lhe cortou o braço e o deitou por terra. Ele caiu dando gritos. Depois golpeou outro pelo nariz, de lado, cortando-lho até às orelhas. Quando os outros dois viram isto, começaram a fugir para um rio por uma mata espessa. Ele meteu a sua espada na bainha, tomou a donzela pelo freio e disse-lhe:

– Sigamos em frente.

A donzela disse-lhe:

– Aqui perto há uma porta onde vi dois cavaleiros armados.

– Seja – disse ele –, que quero vê-los.

Então disse:

– Donzela, vinde atrás de mim e não temais.

E, entrando pela porta do castelo, viu um cavaleiro armado diante de si, montado num cavalo; e quando saiu, encerraram atrás dele uma porta de correr. E o cavaleiro disse-lhe com grande soberba:

– Vinde, receberéis a vossa desonra.

– Deixemos isso – disse o Donzel – ao que o pode saber; mas pergunto-vos se sois vós o que forçou esta donzela.

– Não – disse o cavaleiro –, mas, ainda que o fosse, que viria daí?

– Vingá-lo eu – disse ele –, se pudesse.

– Pois ver quero eu como combateis.

E foi para ele em grande galope do seu cavalo, mas faliu o seu golpe. E o Donzel do Mar atingiu-o com a sua lança no escudo tão fortemente que nenhuma arma que trouxesse lhe aproveitaria. E, metendo-lhe o ferro nas espáduas, deu com ele morto em terra; então, tirando dele a lança, foi-se ao outro cavaleiro, que contra ele vinha dizendo:

– Em má hora cá entraste.

E o cavaleiro atingiu-o no escudo, atravessando-lho; mas o ferro deteve-se no arnés, que era forte; o Donzel atingiu-o também com a sua lança no elmo e derrubou-lho da cabeça, fazendo com que o cavaleiro caísse por terra sem demora. Quando assim se viu, começou a dar grandes gritos e logo saíram três peões armados de uma câmara, a quem disse:

– Matai este traidor.

Eles então feriram-lhe o cavalo, de maneira que o derrubaram com ele; mas, levantando-se mui sanhudo pelo seu cavalo que lhe tinham matado, foi golpear o cavaleiro na cara, com a sua lança, de tal maneira que o ferro saiu entre a orelha e o pescoço e ele tombou logo; voltou então aos peões que o atacavam e o haviam ferido num ombro, por onde perdia muito sangue, mas tanta era a sua sanha que não o sentia; e atingiu com a espada na cabeça aquele que o chagara, de maneira que lhe cortou a orelha e a bochecha e quanto mais alcançou, e a espada desceu até aos peitos; e os outros dois fugiram para o pátio, dizendo em altas vozes:

– Vinde, senhor, vinde, que somos todos mortos!

O Donzel do Mar montou no cavalo do cavaleiro que matara, foi atrás deles, e viu a uma porta um cavaleiro desarmado que lhe disse:

– Que é isso, cavaleiro? Viestes aqui para me matar os meus homens?

– Vim – disse ele – para vingar esta donzela da violência que aqui lhe fizeram, se encontrar aquele que lha fez.

A donzela disse:

– Senhor, este é aquele por quem fiquei desonrada.

O Donzel do Mar disse:

– Ai, cavaleiro soberbo, cheio de vilania, agora pagareis a maldade que fizestes. Armai-vos logo, senão matar-vos-ei assim desarmado, que com os maus como vós não se deveria ter temperança.

– Ai, senhor – disse a donzela –, matai esse traidor e não deixeis que mais mal faça, que já tudo recairia sobre os vossos ombros.

– Ah, malvada – disse o cavaleiro –, em má hora ele vos acreditou, que com vós veio.

E, entrando num grande aposento, disse:

– Vós, cavaleiro, esperai-me e não fujais, que em nenhum lugar me podereis escapar.

– E eu digo-vos – disse o Donzel do Mar – que se eu daqui me for, que me não deixeis em nenhum lugar dos mais bem guardados.

E não tardou muito que o viu vir em cima de um cavalo branco, e tão armado que não lhe faltava nada, e vinha dizendo:

– Ai cavaleiro mal andante, em má hora vistes a donzela, pois aqui perdereis a cabeça.

Quando o Donzel se ouviu ameaçar, ficou mui sanhudo e disse:

– Agora guarde cada um a sua, e aquele que a não defender, que a perca.

Então foram um contra o outro a grande galope dos seus cavalos, e embateram com suas lanças nos escudos, que logo ficaram amolgados; e dos arneses o mesmo, com os ferros metidos na carne; e juntaram-se dos corpos e escudos e elmos um contra o outro tão rijamente que ambos caíram por terra. Mas tanta sorte teve o Donzel que levou as rédeas na mão; Galpano levantou-se mui maltratado, e deitando mão às suas espadas e pondo os escudos diante de si, golpearam-se tão feramente que espanto causavam aos que os olhavam. Dos escudos caíram em terra muitos bocados e dos arneses muitas peças

e os elmos estavam amolgados e partidos; de tal forma que a praça onde lidavam era tinta de sangue. Galpano, que se ressentiu de uma ferida que tinha na cabeça, cujo sangue lhe caía sobre os olhos, saiu fora para os limpar, mas o Donzel do Mar, que mui ligeiro andava e com grande fogosidade, disse-lhe:

– Que é isso, Galpano? Cobardia não te convém. Não te lembras que combates pela tua cabeça e que, se a mal guardares, a perderás?

Galpano disse:

– Espera um pouco e descansaremos, que tempo há para combatemos.

– Disso não precisamos nós aqui – disse o Donzel –, que eu não combato contigo por cortesia, mas para dar reparação àquela donzela que desonrastes.

E foi-o logo atacar tão rijamente por cima do elmo que lhe fez fincar ambos os joelhos no chão; ele levantou-se logo e começou-se a defender, mas não de maneira que o Donzel não o trouxesse à sua vontade, que tão cansado já estava que mal podia segurar a espada e não fazia senão cobrir-se com o escudo, o qual no braço lhe foi todo cortado, que nada dele lhe ficou. Então, não tendo outro remédio, começou a fugir pela praça, para cá e para lá, diante da espada do Donzel do Mar, que o não deixava descansar; Galpano quis então fugir para a torre, onde havia homens seus. Mas o Donzel do Mar apanhou-o por pouco e, agarrando-o pelo elmo, puxou-o tão fortemente que o fez cair em terra estendido, ficando-lhe com elmo nas mãos; então com a espada deu-lhe tal golpe no pescoço que a cabeça lhe separou do corpo. E disse à donzela:

– Doravante podereis ter outro amigo, se quiserdes, que este a quem jurastes, despachado está.

– Mercê a Deus e a vós – disse ela –, que o matastes.

Ele ainda teria querido subir à torre, mas, como viu que faziam subir a escada, montou no cavalo de Galpano, que mui formoso era, e disse:

– Vamo-nos daqui.

A donzela disse-lhe:

– Cavaleiro, eu levarei a cabeça deste que me desonrou e dá-la-ei, da vossa parte, àquele a quem o mandado levo.

– Não a leveis – disse ele – que vos causará pesar; mas levai o elmo em lugar dela.

A donzela concordou e mandou ao seu escudeiro que o tomasse; e logo saíram do castelo, pois encontraram a porta aberta por aqueles que por ali tinham fugido.

Pois estando no caminho, disse o Donzel do Mar:

– Dizei-me quem é o cavaleiro a quem levais o mandado.

– Sabei – disse ela – que é Agrajes, filho d’el-Rei da Escócia.

– Bendito seja Deus! – disse ele – que eu não consegui fazer com que ele não recebesse este agravo; e digo-vos, donzela, que ele é o melhor cavaleiro mancebo que eu conheço até agora, e se por ele tomastes desonra, ele a tornará em honra. E dizei-lhe que um cavaleiro se lhe encomenda, que encontrará na guerra de Gaula, se aí for.

– Ai, senhor – disse ela –, pois o amais tanto, rogo-vos que me concedeis uma cousa.

Ele disse:

– Mui de bom grado.

– Pois dizei-me o vosso nome – disse a donzela.

– Donzela – disse ele –, o meu nome não o queirais agora saber, pedi antes outra cousa que eu possa cumprir.

– Outra cousa – disse ela – não quero eu.

– Assim Deus me ajude – disse ele –, não sois cortês em querer saber de um homem algo contra a sua vontade.

– Mesmo assim – disse ela – dizei-mo, se quereis cumprir o que prometestes

Quando ele viu que não podia mais nada fazer, disse:

– A mim chamam-me o Donzel do Mar.

E partindo-se dela o mais depressa que pôde, seguiu o seu caminho. A donzela ficou mui alegre por saber o nome do cavaleiro. O Donzel do Mar ia muito ferido e saía-lhe tanto sangue que o caminho estava tinto dele, e o cavalo, que era branco, parecia vermelho em muitos lugares; e andando até à hora das vésperas, viu uma fortaleza mui formosa, e direito a ele vinha um cavaleiro desarmado que, quando a ele chegou, disse:

– Senhor, onde recebestes essas feridas?

– Num castelo que ali deixo – disse o Donzel.

– E esse cavalo, como o houvestes?

– Houve-o pelo meu, que me mataram – disse o Donzel.

– E o cavaleiro a quem pertencia, que foi feito dele?

– Ai, perdeu a cabeça – disse o Donzel.

Então o outro desceu do cavalo para lhe beijar o pé. Mas desviando-o Donzel do estribo, o outro beijou-lhe a fímbria do arnês, dizendo:

– Ai, senhor, sede bem-vindo, que por vós recuperei toda a minha honra.
– Senhor cavaleiro – disse o Donzel –, sabeis onde me curariam destas feridas?
– Sim, sei – disse ele –, que nesta minha casa vos curará uma donzela minha sobrinha, melhor do que qualquer outra que nesta terra haja.

Então desmontaram e, entrando na torre, o cavaleiro disse-lhe:

– Ai, senhor, que esse traidor que matastes teve-me ano e meio morto e desonrado de tal forma que não tomei armas; pois ele fez-me perder o meu nome e jurar que me não chamasse senão o seu vencido, e por vossa causa recuperei a minha honra.

Ali puseram o Donzel do Mar num rico leito, onde foi curado das suas feridas pela mão da donzela, a qual disse que o daria por são tanto que evitasse caminhar por uns dias. E ele disse que em tudo o seu conselho seguiria.

Capítulo VII

Como três dias depois de o Donzel do Mar ter partido da corte d’el-Rei Languines vieram aqueles três cavaleiros que traziam um cavaleiro numas andas, mais a sua mulher aleivosa

Três dias depois de o Donzel do Mar ter partido da corte d’el-Rei Languines, onde foi armado cavaleiro, chegaram ali os três cavaleiros que traziam a dona falsa e o cavaleiro seu marido muito ferido numas andas. Os três cavaleiros puseram nas mãos d’el-Rei a dona, da parte de um cavaleiro novel, e contaram-lhe tudo o que tinha acontecido com ele. El-Rei benzeu-se muitas vezes ao ouvir tal traição de mulher, e agradeceu muito ao cavaleiro que a enviara – pois ninguém sabia que o Donzel do Mar já era cavaleiro, senão a sua senhora Oriana e as outras que já ouvistes; antes cuidavam que tinha ido ver o seu amo Gandales. El-Rei disse ao cavaleiro das andas:

– Tão aleivosa como é, vossa mulher não deveria viver.

– Senhor – disse ele –, vós fazei o que deveis, mas eu nunca consentirei em matar a cousa do mundo que mais amo.

E, despedindo-se d’el-Rei, fez-se levar nas suas andas.

El-Rei disse à dona:

– Por Deus, mais leal vos era aquele cavaleiro que vós a ele, mas eu farei com que pagueis a vossa deslealdade. E mandou-a queimar.

El-Rei maravilhou-se muito sobre quem seria o cavaleiro que ali os mandara vir; e disse o escudeiro com quem o Donzel do Mar pernoitara no seu castelo:

– Por ventura será um cavaleiro novel que acompanhámos, eu e uma donzela da Dinamarca que hoje aqui chegou.

– E que cavaleiro é? – perguntou el-Rei.

– Senhor – disse o escudeiro –, ele é mui menino e tão formoso que é maravilha de se ver, mas vi-lhe fazer tanto em armas em pouco tempo que, se tiver a ventura de viver, será o melhor cavaleiro do mundo.

Então contou quanto dele vira, e como livrara el-Rei Perião da morte.

– Sabeis vós – disse el-Rei –, qual é seu nome?

– Não, senhor – disse ele – que mais a mais ele se encobre muito.

Então teve el-Rei e todos mais vontade de o saber do que antes. E o escudeiro disse:

– A donzela andava mais com ele do que eu.

– Está aqui a donzela? – disse el-Rei.

– Sim – disse ele –, vem à procura da filha d’el-Rei Lisuarte.

Logo mandou que perante ele viesse, e então ela contou quanto dele vira, e como o acompanhara por causa daquilo que a donzela que lhe deu a lança tinha dito, que a trazia para o melhor cavaleiro que agora a poderia ter na mão.

– Isto é o que sei dele – disse ela –, mas do seu nome não sei nada.

– Ai, Deus, quem seria? – disse el-Rei.

Mas a sua amiga não duvidava de quem poderia ser, porque a donzela lhe havia contado que a vinha buscar para a levar consigo. E assim que ela lho disse, sentiu em si grande alteração, porque pensou que el-Rei deixaria que a levasse ao seu pai e, uma vez ida, não saberia novas tão amiúde daquele que mais do que a si mesma amava. Assim se passaram seis dias sem dele saberem novas. E estando el-Rei falando com seu filho Agrajes, que queria partir para a Gaula com os seus homens, entrou uma donzela pela porta, ajoelhou-se ante eles e disse:

– Senhor, ouvi-me um pouco perante o vosso pai.

Então tomou em suas mãos um elmo com tantos golpes de espada que nenhum lugar são nele havia, deu-o a Agrajes e disse:

– Senhor, tomai este elmo em lugar da cabeça de Galpano; e dou-vo-lo da parte de um cavaleiro novel, aquele que mais deve trazer armas do que qualquer outro cavaleiro que no mundo haja; este elmo vos envia ele porque quem o trazia desonrou uma donzela que ia a vosso mandado.

– Como?! – disse ele – Morto é Galpano às mãos de um cavaleiro? Por Deus, donzela, maravilhas me dizeis.

– Por certo, senhor – disse ela –, esse conquistou e matou quantos havia no seu castelo e por fim combateu com ele sozinho e cortou-lhe a cabeça; e por ser cousa enojosa de trazer, disse-me que bastava o elmo.

– Por certo – disse el-Rei –, esse é o cavaleiro novel que por aqui passou, que decerto as suas cavalarias são mais estranhas que as outras.

E perguntou à donzela se sabia o seu nome.

– Sim, senhor – disse ela –, mas soube-o por grande astúcia.

– Por Deus, dizei-mo – disse el-Rei –, que mui alegre me faríeis.

– Sabei, senhor – disse ela – que o seu nome é Donzel do Mar.

Quando isto ouviu el-Rei, ficou maravilhado, bem como todos os outros, e disse:

– Se ele foi procurar quem o fizesse cavaleiro não deve ser culpado, que há muito que mo rogava e eu o demorei; e fiz mal em retardar a cavalaria a quem com ela tão bem obra.

– Ai – disse Agraes –, onde o poderia eu encontrar?

– Ele se vos encomenda muito – disse a donzela –, e manda-vos dizer por mim que o encontrareis na guerra de Gaula, se aí fordes.

– Ai, Deus, que boas novas me dizeis! – disse Agraes –; agora tenho mais vontade de me ir, e, se o encontrar, nunca por meu grado dele me separarei.

– Justo é – disse a donzela –, que ele muito vos ama.

Grande foi a alegria que todos tiveram com as boas novas do Donzel do Mar, mas sobre todos foi a da sua senhora Oriana, ainda que mais do que todos a encobrisse. El-Rei quis saber das donzelas de que maneira o tinham feito cavaleiro e elas contaram-lhe tudo. E ele disse:

– Mais cortesia encontrou em vós do que em mim, mas eu não o demorava senão por ele, que o via mui moço.

A donzela contou a Agraes o mandado que lhe trazia daquela que a história adiante contará. E ele partiu com mui boa companhia de armas para a Gaula.

Capítulo VIII

Como el-Rei Lisuarte mandou buscar a sua filha a casa d'el-Rei Languines e ele lha enviou com a sua filha Mabília, e acompanhadas de cavaleiros e donas e donzelas.

Dez dias depois da partida de Agrajes, chegaram ali três naus, em que vinha Galdar de Rascuil com cem cavaleiros d'el-Rei Lisuarte e donas e donzelas para levar Oriana. El-Rei Languines acolheu-o bem, que o tinha por bom cavaleiro e mui cordato. Ele disse-lhe o mandado d'el-Rei seu senhor, como mandava buscar sua filha; e Galdar disse ainda a el-Rei que el-Rei Lisuarte lhe rogava também que enviasse com Oriana Mabília, sua filha, que assim como ela mesma seria tratada e honrada à sua vontade. El-Rei ficou mui alegre com isto e, tratando de as preparar e ataviar mui bem, teve o cavaleiro e as donas e donzelas na sua corte alguns dias, fazendo-lhes muitas festas e mercês; mandou, entretanto, preparar outras naus e abastecê-las com as cousas necessárias, e fez aprontar cavaleiros e donas e donzelas, as que lhe pareceu que convinham para tal viagem. Oriana, que viu que esta viagem não se poderia evitar, tratou de recolher as suas joias; e andando a recolhê-las, viu a cera que tomara ao Donzel do Mar e, lembrando-se dele e vindo-lhe as lágrimas aos olhos, apertou as mãos com coita de amor que a forçava; então, quebrando a cera, viu a carta que dentro estava, e lendo-a, achou que dizia «Este é Amadis sem Tempo, filho de rei». Ela, tendo visto a carta, esteve pensando um pouco, e entendeu que o Donzel do Mar tinha por nome Amadis e viu que era filho de rei; tal alegria nunca em coração de pessoa entrou como no seu; e chamando a Donzela da Dinamarca, disse-lhe:

– Amiga, quero-vos dizer um segredo, que não diria senão ao meu coração, por isso guardai-o como penhor devido a tão alta donzela como eu sou e ao melhor cavaleiro do mundo.

– Assim o farei – disse ela –, e, senhora, não necessitais de me dizer o que faça.

– Pois, amiga – disse Oriana –, vós ides ter com o cavaleiro novel que sabeis; e digo-vos que o chamam Donzel do Mar, e encontrá-lo-eis na guerra da Gaula; se chegar-des antes dele, esperai-o e, logo que o virdes, dai-lhe esta carta e dizei-lhe que aí encontrará o seu nome, aquele que escreveram nela quando foi deitado ao mar; e saiba que eu sei que é filho de rei; e pois que era tão bom quando não o sabia, agora pugne por ser melhor; e dizei-lhe ainda que, pois meu pai me mandou buscar e me levam para o pé ele,

que lhe envio dizer que parta da guerra da Gaula e vá logo para a Grã-Bretanha, e procure viver com meu pai até que eu lhe diga o que faça.

A donzela, com este mandado que ouvistes, partiu e seguiu a caminho da Gaula, de que se falará a seu tempo. Oriana e Mabília, com donas e donzelas, encomendando-as el-Rei e a Rainha a Deus, foram metidas nas naus; os marinheiros soltaram as âncoras e estenderam as velas, e como o tempo era propício, depressa chegaram à Grã-Bretanha, onde mui bem-recebidas foram.

O Donzel do Mar esteve ferido quinze dias em casa do cavaleiro e da donzela, sua sobrinha, que o tratava. Ao cabo dos quais, e ainda que as feridas ainda fossem recentes, não quis deter-se mais aí e partiu num domingo de manhã, acompanhado por Gandalim, que nunca dele se afastou. Isto era no mês de Abril e, entrando por uma floresta, ouviu cantar as aves, e via flores em toda a parte; e como ele em tanto poder de amor fosse, lembrou-se da sua amiga e começou a dizer:

– Ai, infeliz Donzel do Mar, sem linhagem e sem bens, como foste tão ousado de meter o teu coração e o teu amor em poder daquela que vale mais do que as outras todas em bondade e formosura e em linhagem? Oh, infeliz! Por qualquer destas três cousas não devia ser ousado o melhor cavaleiro do mundo de a amar, que mais é ela formosa do que o melhor cavaleiro em armas, e mais vale a sua bondade do que a riqueza do maior homem do mundo; e eu, infeliz, que não sei quem sou, que vivo enredado em tal loucura que morrerei amando, sem lho ousar dizer!

Assim fazia seu lamento e ia tão absorto que não olhava senão para o pescoço do seu cavalo; mas olhando por acaso para uma espessura da floresta, viu um cavaleiro armado no seu cavalo, aguardando um seu inimigo, o qual tinha ouvido todo aquele lamento que o Donzel do Mar fazia; e quando viu que se calava, parou em frente dele e disse:

– Cavaleiro, a mim parece-me que mais amais a vossa amiga do que a vós mesmo, depreciando-vos muito e louvando-a a ela; quero que me digais quem é e amá-la-ei eu, pois vós não sereis capaz de servir tão alta senhora e tão formosa, segundo o que vos ouvi.

Disse o Donzel:

– Senhor cavaleiro, a razão vos obriga a dizer o que dizeis, mas o resto não o deveis saber, de nenhuma maneira. E mais vos digo: que de a amar não poderíeis ganhar nenhum bom fruto.

– De vir a um homem trabalho e perigo – disse o cavaleiro – por boa senhora, isso o deve receber como glória, porque no fim ganhará com eles a recompensa que espera. Quando um homem ama em tão alto lugar como vós, não se deveria incomodar com cousa alguma que lhe sucedesse.

O Donzel do Mar ficou confortado de quanto lhe ouviu dizer, e teve que bem lhe faziam estas palavras; mas, querendo seguir adiante, o outro disse-lhe:

– Parai, cavaleiro, que todavia convém que me digais o que vos pergunto, à força ou de bom grado.

– Deus não me ajude – disse o Donzel – se por meu grado vós o sabereis, nem de outro por mim mandado.

– Pois considerai-vos em batalha – disse o cavaleiro.

– Mais me agrada isso – disse o Donzel do Mar –, do que dizê-lo.

Então apertaram os seus elmos e tomaram os escudos e as lanças, mas, mal se começaram a afastar para iniciarem a justa, chegou uma donzela, que lhes disse:

– Parai, senhores, parai, e dizei-me umas novas, se as sabeis, que eu venho com grande pressa e não posso esperar o fim da vossa batalha.

Eles perguntaram-lhe o que queria saber.

– Se viu algum de vós – disse ela – um cavaleiro novel que se chama Donzel do Mar.

– E que lhe quereis? – disse ele.

– Trago-lhe novas de Agrajes, seu amigo, filho d’el-Rei de Escócia.

– Aguardai um pouco – disse o Donzel do Mar –, que eu já vos informarei sobre ele.

E foi para o cavaleiro, que lhe gritava para se pôr em guarda; e o cavaleiro atingiu-o no escudo tão rijamente que a lança foi em pedaços pelo ar. Mas o Donzel do Mar, que lhe acertou em cheio, deu com ele e com o cavalo em terra; o cavalo levantou-se então e quis fugir, mas o Donzel do Mar tomou-o e deu-lho, dizendo:

– Senhor cavaleiro, tomai o vosso cavalo e não queirais saber de ninguém nada contra a sua vontade.

Ele tomou o cavalo, mas não pôde logo montar, pois tinha ficado maltratado da queda. O Donzel do Mar voltou à donzela e disse-lhe:

– Amiga, conheceis esse por quem perguntais?

– Não – disse ela –, nunca o vi, mas disse-me Agraes que ele se me daria a conhecer tanto que lhe dissesse que era de sua casa.

– É verdade – disse ele –, e sabeis que sou eu.

Então desapertou o elmo, e a donzela, vendo-lhe o rosto, disse:

– Por certo creio que dizeis a verdade, que à maravilha vos ouvi louvar a formosura.

– Pois dizei-me – disse ele –, onde deixastes Agraes?

– Numa ribeira perto daqui – disse a donzela –, onde tem os seus homens para entrar no mar e passar à Gaula; mas antes disso quis saber de vós, para que com ele passeis.

– Deus vo-lo agradeça – disse ele –, então guiai-me e vamo-lo ver.

A donzela meteu-se a caminho e não tardou muito até que viram na ribeira as tendas e os cavaleiros junto a elas; mas sendo já perto, ouviram atrás de si uns gritos dizendo:

– Voltai-vos, cavaleiro, que todavia convém que me digais o que vos pergunto.

Ele voltou a cabeça e viu o cavaleiro com quem antes justara, acompanhado de outro cavaleiro; e tomando as suas armas, foi contra eles, que traziam as lanças baixas e vinham a grande galope dos seus cavalos. E os das tendas viram-no ir tão airoso na sela que ficaram maravilhados. E certamente podeis crer que no seu tempo não houve cavaleiro que mais airoso na sela parecesse, nem mais formosamente combatesse numa justa, tanto que em alguns lugares onde ele queria passar incógnito foi descoberto por isso. Os dois cavaleiros atingiram-no com as suas lanças no escudo, amolgando-lho, mas o arnês não, que era forte, e ficaram com as lanças quebradas, e ele atingiu o primeiro, aquele que antes tinha derrubado, embatendo nele tão fortemente que deu com ele em terra, quebrando-lhe um braço e deixando-o como morto; o Donzel perdeu a lança, mas deitou logo mão à espada e foi contra o outro que o atacava, e deu-lhe por cima do elmo, de tal forma que a espada lhe chegou à cabeça e, quando a puxou, quebraram-se os laços e tirou-lho da cabeça; e erguendo a espada para lhe dar um golpe, o outro ergueu o escudo, de modo que o Donzel do Mar deteve o golpe; então, passando a espada para a mão esquerda, agarrou-lhe o escudo e puxou-lho do colo e, dando-lhe com ele por cima da cabeça, o cavaleiro caiu por terra atordoado.

Isto feito, deu as armas a Gandalim e foi-se com a donzela às tendas. Agrajes, que muito se maravilhava sobre quem seria o cavaleiro que tão depressa tinha vencido os dois cavaleiros, foi até ele e, reconhecendo-o, disse:

– Senhor, sede mui bem-vindo.

O Donzel do Mar desceu do seu cavalo e ambos se abraçaram. E quando os outros viram que aquele era o Donzel do Mar, ficaram mui alegres. Agrajes disse-lhe:

– Ai, Deus, que muito vos desejava ver!

E logo o levaram para a sua tenda, onde o fez desarmar e mandou que lhe trouxessem ali os dois cavaleiros, que no campo maltratados estavam. E quando perante eles vieram, disse-lhes:

– Por Deus, em grande loucura vos metestes ao desafiar tal cavaleiro para um combate.

– É verdade – disse o do braço quebrado –, mas já houve tal hora hoje em que o tive em tão pouco que não pensava falhar.

E contou quanto com ele lhe sucedera na floresta, salvo o lamento de Amadis, do qual não ousou falar. Todos riram muito da paciência de um e da grande soberba do outro. Aquele dia folgaram ali com muito prazer, e no outro dia montaram nos seus cavalos e andaram tanto que chegaram a Palingues, uma boa vila que era porto de mar, e que ficava em frente da Gaula; e ali entraram nas naus de Agrajes e, com o bom vento que fazia, depressa passaram o mar e chegaram a outra vila de Gaula, de nome Galfão; e dali se foram por terra a Baladim, um castelo onde el-Rei Perião estava, e onde resistia naquela sua guerra, tendo já perdido muita gente; e que mui alegre ficou com a vinda deles e lhes mandou dar bons aposentos. Então a rainha Elisena mandou dizer ao seu sobrinho Agrajes que a fosse ver, e ele chamou o Donzel do Mar e outros cavaleiros para lá irem. El-Rei Perião olhou para o Donzel e reconheceu que era aquele que tinha armado cavaleiro e que lhe tinha ocorrido no castelo do velho, e foi ao seu encontro, dizendo:

– Amigo, sede mui bem-vindo! E sabeis que em vós deposito eu grande esperança, tanta que já não duvido da minha guerra, pois vos tenho na minha companhia.

– Senhor – disse ele –, em vossa ajuda me tereis, enquanto eu durar e a guerra não tenha fim.

Assim falando, chegaram junto da Rainha, Agrajes foi-lhe beijar as mãos, e ela ficou muito contente de o ver. E el-Rei disse-lhe:

– Dona, aqui vedes o mui bom cavaleiro de que vos eu falei, que me tirou do maior perigo em que jamais fui; este vos digo que ameis mais que a nenhum outro cavaleiro.

Ela veio abraçá-lo, e ele, ajoelhando-se perante ela, disse:

– Senhora, eu fui criado pela vossa irmã e por ela venho a servir-vos; podeis dispor de mim como ela mesma.

A Rainha agradeceu-lhe com muito amor e, vendo como era tão formoso e lembrando-se dos seus filhos que tinha perdido, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. De forma que, sem o saber, chorava por aquele que perante ela estava. Então Donzel do Mar disse-lhe:

– Senhora, não choreis, que em breve regressareis à vossa alegria com a ajuda de Deus, d’el-Rei, deste cavaleiro vosso sobrinho, e de mim, que de bom grado vos servirei. Ela disse:

– Meu bom amigo, já que sois cavaleiro de minha irmã, quero que fiqueis em minha casa; e aí vos darão as cousas de que necessitardes.

Agrajes queria levá-lo consigo, mas el-Rei e a Rainha rogaram-lhe tanto que cedeu. Assim ficou à guarda de sua mãe, onde lhe faziam muita honra.

El-Rei Abiés e Daganel, seu primo, souberam as novas destes que se tinham juntado a el-Rei Perião. E disse el-Rei Abiés, que era ao tempo o mais prezado cavaleiro conhecido:

– Se el-Rei Perião tiver vontade de lidar e for corajoso, agora quererá entrar em batalha connosco.

– Não o fará – disse Daganel –, porque se receia muito de vós.

Galaim, o duque de Normandia, que ali estava, disse:

– Eu vos direi como o fará: sigamos a cavalo esta noite, eu e Daganel, e à alva apareceremos perto da sua vila com um razoável número de gente, enquanto el-Rei Abiés ficará com a outra gente escondido na floresta de Galpano; e desta maneira lhe daremos um pretexto a que ousará sair; e nós, mostrando algum temor, tentaremos levá-los para a floresta onde el-Rei estiver, e assim se perderão todos.

– Dizeis bem – disse el-Rei Abiés –, e assim se faça.

Pois logo se armaram com toda a sua gente, e na floresta entraram Daganel e Galaim, que o conselho dera e, colocando-se bem diante de onde el-Rei estava, assim estiveram toda a noite.

Quando veio a manhã, el-Rei Perião e a sua mulher foram ver o que fazia o Donzel do Mar e encontraram-no a levantar-se e a lavar as mãos, reparando que tinha os olhos vermelhos e as faces molhadas de lágrimas, de forma que bem parecia que dormira pouco de noite; e sem falta assim era, pois, lembrando-se da sua amiga, considerando a grande coita que por ela lhe vinha sem ter nenhuma esperança de remédio, outra coisa não esperava senão a morte. A Rainha chamou Gandalim e disse-lhe:

– Amigo, que houve com vosso senhor, que me parece no seu semblante estar em grande tristeza? É por algum descontentamento que aqui tenha havido?

– Senhora – disse ele –, aqui recebe ele muita honra e mercê; mas tem assim de costume chorar enquanto dorme, como agora vedes que o mostra.

Enquanto assim estavam, viram os da vila muitos inimigos e bem armados perto de si, e gritavam «Armas, armas!». O Donzel do Mar, quando ouviu o alvoroço, ficou mui alegre, e el-Rei lhe disse:

– Bom amigo, os nossos inimigos estão aqui.

E ele disse:

– Armemo-nos e vamos vê-los.

E el-Rei pediu as suas armas e o Donzel as suas; e assim que ficaram armados e a cavalo, foram à porta da vila, onde encontraram Agrajes, que muito se queixava porque lha não abriam, pois este foi um dos cavaleiros do mundo mais vivo de coração e mais acometedor em todos os confrontos, de tal forma que, se a força o ajudasse tanto como o ânimo, não haveria outro que em bondade de armas o ultrapassasse; tendo chegado, disse o Donzel do Mar:

– Senhor, mandai que nos abram a porta.

E el-Rei, a quem não prazia menos de combater, mandou que a abrissem, e saíram todos os cavaleiros; mas quando viram tantos inimigos, alguns aí houve que diziam ser loucura acometê-los.

Agrajes deu de esporas ao seu cavalo, dizendo:

– Agora tenha mais ventura o que mais aguentar.

E, indo-se contra eles, viu ir já à sua frente o Donzel do Mar, e foram-se todos em conjunto. Daganel e Galaim, que contra si os viram vir, prepararam-se para os receber, sabendo bem que muitos os odiavam. O Donzel do Mar embateu com Galaim, que adiante vinha, e embateu-lhe tão fortemente que a ele e ao cavalo derrubou por terra, ficando com uma perna partida e o Donzel quebrou a lança; então deitou logo mão à sua

espada e foi contra os outros como leão sanhudo, fazendo maravilhas em dar golpes por todos os lados, de tal forma que ninguém resistia diante da sua espada, a todos derrubando por terra, a uns mortos e a outros feridos; mas eram tantos a atacá-lo, que o cavalo não podia mexer-se para nenhum lado, e estava em grande aperto. Agrajes, que isto viu, chegou ali com alguns dos seus e fez grande razia nos contrários. Entretanto, el-Rei Perião chegou com toda a sua gente, com muito ânimo e com grande vontade de atacar, e Daganel o recebeu com os seus também mui animosamente. Assim que ficaram uns e outros misturados num só. Ali veríeis o Donzel do Mar fazendo cousas estranhas, derrubando e matando quantos diante si encontrava, que não havia homem que o ousasse acometer, e metia-se entre os inimigos, fazendo neles clareira, que parecia um leão bravo. Agrajes, quando o viu estas cousas fazer, sentiu muito mais ânimo do que antes tinha, e gritou bem alto para incentivar a sua gente:

– Cavaleiros, olhai o melhor cavaleiro e o mais valente que jamais nasceu.

Quando Daganel viu como ele desbaratava a sua gente, foi para o Donzel do Mar como bom cavaleiro, e quis-lhe ferir o cavalo, para que entre os seus caísse, mas não conseguiu; então deu-lhe o Donzel do Mar tal golpe por cima do elmo, que por força se quebraram os laços e saiu-lhe da cabeça.

El-Rei Perião, que em socorro do Donzel do Mar chegava, deu a Daganel com a sua espada tal golpe que o fendeu até aos dentes. Então deram-se por vencidos os da Deserta e da Normandia, fugindo para onde el-Rei Abiés estava, e muitos diziam:

– Ai, rei Abiés, como tardas tanto, que nos deixas matar?

E estando assim atacando os seus inimigos el-Rei Perião e sua gente, não tardou muito que apareceu el-Rei Abiés de Irlanda com todos os seus, e vinham dizendo:

– Agora a eles, não fique homem que não mateis, e esforçai-vos por entrar com eles na vila.

Quando el-Rei Perião e os seus viram, sem disso desconfiarem, aqueles de quem nada sabiam, mui receosos ficaram, pois estavam já cansados, e não tinham lanças, e sabiam que aquele rei Abiés era um dos melhores cavaleiros do mundo e o que mais temiam; mas o Donzel do Mar começou-lhes a dizer:

– Agora, senhores, necessário é manterdes a vossa honra. E agora se mostrarão os que têm vergonha na cara.

E mandou-os juntar-se todos, pois andavam espalhados; mas os da Irlanda vieram atacar tão rijamente que foi maravilha, pois folgados chegavam e com grande vontade

de fazer mal. El-Rei Abiés não deixou cavaleiro na sela enquanto lhe durou a lança; e assim que a perdeu, deitou mão à sua espada e começou a golpear com ela tão bravamente que aos seus inimigos espantava; e os seus aguentaram com ele, golpeando e derubando os inimigos, de maneira que os d'el-Rei Perião, não os podendo já suster, recuavam para a vila.

Quando o Donzel do Mar viu que a cousa estava malparada, começou a fazer com muita sanha melhor do que antes, para que os do seu lado não fugissem desordenadamente, e metia-se entre uma gente e a outra e, atacando e matando nos de Irlanda, dava lugar a que os seus não virassem as espadas de vez. Agrajes e el-Rei Perião, que o viram em tão grande perigo e trabalho, ficaram sempre a seu lado. Assim que todos os três eram o amparo dos seus e com eles tinham bastamente que fazer os contrários, pois el-Rei Abiés metia sua gente na frente, vendo a vitória próxima, para que junto com eles entrasse na vila, onde esperava ver a sua guerra acabada. E com esta aflição que ouvis, chegaram à porta da vila, onde, se não fora por estes três cavaleiros, juntos uns e outros entrariam; mas eles os três apararam tantos golpes e tantos deram, que maravilha foi poderem-nos suportar. El-Rei Abiés, que pensou que a sua gente estava já dentro com eles, passou-se mais à frente e viu que não era assim, do que teve muito pesar, e mais de Daganel e Galaim que soube que eram mortos; então chegou a ele um cavaleiro dos seus, que lhe disse:

– Senhor, vedes aquele cavaleiro do cavalo branco? Não fez senão maravilhas e foi ele que matou os vossos capitães e muitos outros.

Isto dizia pelo Donzel do Mar, que andava no cavalo branco de Galpano. El-Rei Abiés chegou-se mais a ele e disse:

– Cavaleiro, com a vossa vinda morreu o homem do mundo que eu mais amava. Mas eu farei com que caro o pagueis, se mais quiserdes combater.

– De combater convosco – disse o Donzel do Mar – não é a hora, que vós tendes muita gente e folgada, e nós mui pouca e cansada, que maravilha seria podermos resistir-vos. Mas se vós quereis vingar como cavaleiro isso que dizeis, e mostrar a grande valentia pela qual sois louvado, escolhei entre a vossa gente os que mais vos contentarem e eu na minha, e, sendo iguais, poderíeis ganhar mais honra do que com muita sobra de gente e soberba demasiada de vir tomar o alheio sem causa nenhuma.

– Pois agora dizei – disse el-Rei Abiés – de quantos quereis que seja a batalha.

– Pois que a mim o deixais – disse o Donzel – eu vos farei outro desafio e pode ser que mais vos agrade: vós tendes sanha contra mim pelo que eu fiz e eu contra vós pelo que nesta terra fazeis; pois que por nossa culpa não há razão que nenhum outro padeça, seja a batalha entre mim e vós, e logo, se quiserdes, sob condição que a vossa gente garanta, e a nossa também, não se mover até ao fim dela.

– Assim seja – disse el-Rei Abiés.

E, mandando chamar dez cavaleiros, os melhores dos seus, e com outros dez que o Donzel do Mar escolheu, garantiram todos que não se moveriam, por mal ou por bem que lhes acontecesse no campo, El-Rei Perião e Agrajes defendiam que a batalha não se fizesse até de manhã, porque o viam ferido, mas não o conseguiram contrariar, porque ele desejava a batalha mais do que qualquer outra cousa. E isto era por duas cousas: uma, para defrontar aquele que tão louvado como melhor cavaleiro do mundo era; e a outra, porque, se o vencesse, a guerra seria decidida e poderia ir ver a sua senhora Oriana, que nela estava todo o seu coração e desejos.

CAPÍTULO IX

Como o Donzel do Mar fez batalha com el-Rei Abiés sobre a guerra que tinha com el-Rei Perião de Gaula

Concertada a batalha entre el-Rei Abiés e o Donzel do Mar, como haveis ouvido, os de uma parte e da outra, vendo que a maior parte do dia tinha passado, acordaram, contra a vontade de ambos, que para o outro dia ficasse, tanto para prepararem as suas armas, como para remediarem alguma cousa às feridas que tinham. E porque todos os combatentes de ambas as partes estavam tão maltratados e cansados e desejavam algum tempo de tréguas para seu repouso, cada um recolheu às suas posições. O Donzel do Mar entrou na vila com el-Rei Perião e Agrajes e, como levava a cabeça desarmada, todos diziam:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te ajude e te dê honra, e que possas acabar o que começaste! Ai, que formosura de cavaleiro! Neste é a cavalaria bem empregada, pois que sobre todos a mantém na sua grande altura!

Chegados ao palácio do rei, veio uma donzela, que disse ao Donzel do Mar:

– Senhor, a Rainha roga-vos que vos não desarmeis senão nos vossos aposentos, onde vos espera.

Isto foi por conselho d'el-Rei, que lhe disse então:

– Amigo, ide à Rainha, e que vá convosco Agrajes, para vos fazer companhia.

El-Rei foi-se para os seus aposentos e o Donzel do Mar e Agrajes para os seus, onde encontraram a Rainha e muitas donas e donzelas, que os desarmaram. Mas não consentiu a Rainha que no Donzel do Mar nenhuma pusesse a mão senão ela, que o desarmou e cobriu com um manto. Nisto chegou el-Rei e, vendo que o Donzel estava ferido, disse:

– Por que não retardastes um pouco mais o momento da batalha?

– Não havia necessidade – disse o Donzel –, que não é esta ferida que me impeça de a fazer.

Logo o curaram das feridas e lhes deram de cear. No outro dia de manhã veio a Rainha ter com eles, com todas as suas damas, e encontrou-os falando com el-Rei; começou então a missa e, uma vez dita, armou-se o Donzel do Mar, não com aquelas armas que na lide do dia anterior usara, pois não tinham ficado de forma a que lhe pudessem aproveitar, mas com outras muito mais formosas e fortes; e, despedido da Rainha e das donas e donzelas, montou num cavalo fresco, que à porta lhe tinham. El-Rei Perião levava-lhe o elmo, Agrajes o escudo, e a lança, um cavaleiro ancião, que se chamava Agonão, que mui prezado fora em armas, e que pela sua grande bondade passada, assim em coragem como em virtude, era o terceiro depois d'el-Rei e de seu filho. E o escudo que levava tinha o campo de ouro e dois leões azuis nele, um contra o outro, como se se quisessem morder. E saindo pela porta da vila, viram el-Rei Abiés em cima de um grande cavalo negro, todo armado, sendo que ainda não atara o seu elmo. Os da vila e os da hoste todos se punham onde melhor a batalha pudessem ver, e o campo era já assinalado e o palanque feito com muitos cadafalsos em redor dele. Então ataram os seus elmos e tomaram os escudos. E el-Rei Abiés pôs um escudo ao colo, que tinha o campo azul e nele um gigante pintado e perto dele um cavaleiro que lhe cortava a cabeça: estas armas trazia porque combatera com um gigante que lhe entrava na sua terra e lha ermava² toda, e assim como a cabeça lhe cortou, assim a trazia figurada no seu escudo; e logo que ambos tomaram as suas armas, saíram todos do campo, encomendando a Deus cada um o seu. Então eles se foram acometer sem demora, a grande galope dos seus cavalos, com

grande força e coragem, e, aos primeiros golpes, ficaram todas as suas armas torcidas, e quebrando as lanças, juntaram-se um com o outro, cavalos e eles, tão rijamente que cada um caiu para o seu lado e todos pensaram que estavam mortos; e ficaram com pedaços das lanças metidos nos escudos, de tal modo que os ferros chegavam às carnes; mas, como ambos eram mui ligeiros e vivos de coração, depressa se levantaram, tiraram de si os pedaços das lanças e, deitando mão às espadas, acometeram-se tão rijamente que os que em redor estavam haviam espanto ao vê-los. Mas a batalha parecia desigual, não porque o Donzel do Mar não fosse bem feito e de altura razoável, mas porque el-Rei Abiés era tão alto que nunca encontrou cavaleiro que ele ultrapassasse um palmo, e os seus membros mais pareciam os de um gigante; era mui amado pela sua gente e tinha em si todas as boas maneiras, salvo que era soberbo mais do que devia.

A batalha era entre eles tão cruel e tão intensa, sem os deixar folgar, e os golpes tão grandes que não pareciam senão de vinte cavaleiros. Eles cortavam os escudos, fazendo cair no campo grandes bocados, e amolgavam os elmos e cortavam os arneses. Assim que bem mostravam um e outro a sua força e a sua fogosidade. E a sua grande força e arte nas espadas fizeram as suas defesas tais que eram de pouca valia, de maneira que mais não faziam do que cortar nas suas carnes, que dos escudos não ficara com que cobrir-se ou amparar-se pudessem, e saía deles tanto sangue que era maravilha aguentarem-se; mas tão grande era o seu ânimo que quase nada sentiam. Assim fizeram durar esta primeira batalha até à hora terça, que nunca neles se viu aparecer fraqueza ou cobardia, antes com muito ânimo combatiam; mas o sol, aquecendo-lhes as armas, pôs neles alguma fraqueza de cansaço; nessa altura, el-Rei Abiés afastou-se um pouco e disse:

– Parai e endireitemos nossos elmos; e se quiserdes que descansemos um pouco, a nossa batalha não perderá tempo por isso; e ainda que eu te muito te deteste, prezo-te mais do que a qualquer outro cavaleiro com quem combati; mas, por te eu prezar, não quer dizer que não te faça mal, pois mataste aquele que eu tanto amava, e pões-me em grande vergonha de me demorar tanto esta batalha, diante de tantos homens bons.

O Donzel do Mar disse:

– Rei Abiés, disso tens vergonha e não de vir com grande soberba a fazer tanto mal a quem to não merece? Olha que os homens, especialmente os reis, não hão de fazer o que podem, mas o que devem; porque muitas vezes acontece que o dano e a força que querem fazer aos que o não merecem, no fim cai sobre eles e perdem tudo, e mesmo por

vezes a vida; e se agora querias que te deixasse descansar, assim o quiseram outros a quem tu, sem lho concederes, muito oprimias; e para que sintas o que a eles fazias sentir, prepara-te, que, por meu grado, não descansarás.

El-Rei tomou a sua espada, e o resto do escudo, e disse:

– Por teu mal fazes esse atrevimento, pois que ele te mete num laço do qual não sairás sem perder a cabeça.

– Então mostra agora o teu poder – disse o Donzel do Mar –, que não descansarás até que a tua morte chegue ou a tua honra seja acabada.

E acometeram-se muito mais sanhudos do que antes, e tão bravos como se tivessem então começado a batalha e aquele dia não tivessem dado nenhum golpe. El-Rei Abiés, como mui experimentado fosse pelo grande uso das armas, combatia mui cordadamente, guardando-se dos golpes e atacando onde mais podia fazer mal. Mas as maravilhas que o Donzel do Mar fazia em andar ligeiro e acometedor e em dar mui duros golpes, pôs em desconcerto todo o seu saber, e contra seu grado, não o podendo já aguentar, perdia o campo; e o Donzel do Mar acabou por lhe desfazer no braço todo o escudo, que nada dele lhe ficou, e cortava-lhe a carne por muitas partes, de tal forma que lhe saía muito sangue e já não podia atacar, pois a espada se lhe revirava na mão. E ficou tão queixoso que, voltando-se quase de costas, andava buscando algum refúgio com o temor da espada, que tão cruelmente a sentia. Mas como viu que assim não escaparia à morte, voltou a tomar a espada com ambas as mãos e foi contra o Donzel, cuidando golpeá-lo por cima do elmo; mas ele ergueu o escudo, onde recebeu o golpe, e a espada entrou tanto dentro dele que a não conseguiu tirar; afastando-se, deu-lhe então o Donzel do Mar a descoberto na perna esquerda tal golpe que metade dela foi cortada, e el-Rei caiu estendido no campo. O Donzel foi sobre ele e, tirando-lhe o elmo, disse-lhe:

– Morto és, rei Abiés, se não te dás por vencido.

Ele disse:

– Verdadeiramente morto estou, mas não vencido; e bem creio que me matou a minha soberba; rogo-te que assegures que os meus homens nenhum dano recebem e levar-me-ão para a minha terra; e eu perdoo-te a ti e a todos a quem quero mal, e mando entregar a el-Rei Perião quanto lhe tomei; e rogo-te ainda que me mandes trazer a confissão, que à beira da morte estou.

O Donzel do Mar, quando isto ouviu, houve dele grande piedade, à maravilha, mas bem sabia que o outro não lha teria tido a ele, se mais tivesse podido aguentar. Tudo

isto passado, como haveis ouvido, juntaram-se todos, os da hoste e os da vila, uma vez que já todos tinham a segurança garantida. El-Rei Abiés mandou então dar a el-Rei Perião quanto lhe tomara, e ele garantiu a segurança a toda a sua gente até que o levassem para a sua terra; e recebidos todos os sacramentos da santa Igreja, el-Rei Abiés expirou; e em seguida os seus vassalos o levaram para a sua terra, com grandes prantos que por ele faziam.

Aclamado o Donzel do Mar por el-Rei Perião, por Agrajes e por toda a sua gente, e retirado do campo de batalha com aquela glória que os vencedores em tais circunstâncias costumam ganhar, não somente pela honra, mas pela restituição de um reino a quem perdido o tinha, vão-se todos com ele à vila. E a Donzela da Dinamarca, que da parte de Oriana a ele vinha, como já vos foi dito, chegara ali no momento em que a batalha começava; e quando viu que com tanta honra a acabara, aproximou-se dele e disse-lhe:

– Donzel do Mar, vinde falar comigo à parte e contar-vos-ei da vossa vida mais do que vós sabeis.

Ele recebeu-a bem e, afastando-se com ela pelo campo, a Donzela disse-lhe:

– Oriana, vossa amiga, me envia a vós, e dou-vos da sua parte esta carta em que o vosso nome está escrito.

Ele tomou a carta, mas não entendeu nada do que a donzela dissera, de tal modo ficou alterado quando ouviu mencionar a sua senhora; em vez disso, deixou cair a carta das mãos e ficou debruçado sobre o pescoço do cavalo, e estava como que fora de seus sentidos. A donzela pediu então a um dos tinham ficado a olhar a batalha para apanhar a carta, que no campo estava, e voltou para junto dele, com toda a gente a olhar para o que acontecera e maravilhar-se de como assim se havia turbado o Donzel com as novas da donzela; a qual, quando chegou, lhe disse:

– Que é isso, senhor? Tão mal recebeis mandado da mais alta donzela do mundo, daquela que vos muito ama e me fez sofrer tantos trabalhos para vos encontrar?

– Amiga – disse ele –, não entendi o que me haveis dito com este mal que me deu, como já outra vez diante de vós me sucedeu.

A donzela disse:

– Senhor, não vale a pena segredos comigo, que eu sei mais dos vossos assuntos e dos de minha senhora do que vós pensais, que ela assim o quis; e digo-vos que, se a amais, que não errais nisso, pois ela vos ama tanto que não se poderia contar facilmente; sabeis, pois, que a levaram a casa de seu pai e que vos envia dizer que, logo que desta

guerra vos partirdes, que vades à Grã Bretanha e procureis morar com seu pai até ela vos mandar; e diz-vos que sabe como sois filho de rei, e que não fica ela, por isso, menos alegre que vós; e que, pois não conhecendo vossa linhagem já éreis tão bom, que trabalheis para o ser agora mui melhor.

E então lhe voltou a dar a carta, dizendo-lhe:

– Eis aqui esta carta, em que está escrito o vosso nome; e esta levastes ao colo quando vos deitaram ao mar.

Ele tomou-a e disse:

– Ai carta, como foste bem guardada por aquela senhora de quem o meu coração é, por aquela por quem eu muitas vezes cheguei à beira da morte; mas se dores e angústias por sua causa houve, em mui mais alegria sou satisfeito! Ai, Deus, senhor, quando verei eu o tempo em que possa servir aquela senhora por esta mercê que me faz?!

Lendo então a carta, soube por ela que o seu verdadeiro nome era Amadis. A donzela disse-lhe:

– Senhor, eu quero voltar logo para junto de minha senhora, pois que cumpri o seu mandado.

– Ai, donzela – disse o Donzel do Mar – por Deus! Descansai aqui até ao terceiro dia¹, e de mim não vos partais de nenhuma maneira, que eu vos levarei onde quiserdes.

– A vós vim – disse a donzela –, e não farei mais nada senão o que mandardes.

Assim foram até ao paço e encontraram na câmara do Donzel do Mar a Rainha, com todas as suas donas e donzelas, fazendo mui grande alegria, e pelos braços delas foi tirado do seu cavalo, e pelas mãos da Rainha desarmado. Então vieram mestres que o curaram das feridas, as quais, ainda que muitas fossem, não havia nenhuma que muito cuidado lhes desse. O Rei quisera que ele e Agrajes comessem com ele, mas ele não quis comer senão com a donzela, para a honrar, que bem via que ela poderia remediar grande parte das suas angústias. Assim folgou alguns dias com grande prazer, em especial com as boas novas que lhe tinham vindo, tanto que nem o trabalho passado, nem as feridas presentes o impediram de se levantar e andar numa sala sempre falando com a donzela, que ele retinha consigo de forma a que não partisse até que ele pudesse tomar armas e levá-la. Mas um caso maravilhoso que na altura aconteceu foi causa que, tardando ele alguns dias, a donzela sozinha se fosse, como agora ouvireis.

CAPÍTULO X

Como o Donzel do Mar foi conhecido por el-Rei Perião, seu pai, e por sua mãe Elisena.

No princípio já se contou como el-Rei Perião deu à Rainha Elisena, sendo sua amiga, um de dois anéis iguais que ele trazia na mão, que um do outro não se podiam diferenciar, e como ao tempo em que o Donzel do Mar foi deitado ao rio na arca levou ao pescoço aquele anel, e como depois ele lhe foi dado, com a espada, pelo seu amo Gandales. El-Rei Perião havia perguntado algumas vezes à Rainha pelo anel, e ela, com vergonha de ele saber onde o pusera, dizia-lhe que o tinha perdido. Pois aconteceu que, passando o Donzel do Mar por uma sala falando com a sua donzela, viu a pequena Milícia, filha d'el-Rei, a chorar, e perguntou-lhe o que tinha. A menina disse:

– Senhor, perdi um anel que el-Rei me deu a guardar, enquanto dorme.

– Pois eu vos darei outro – disse ele – tão bom ou melhor, para lhe dares.

Então tirou do seu dedo um anel e deu-lho. Ela disse:

– Este é o que eu perdi.

– Não é – disse ele.

– Pois é o anel que mais se parece com ele no mundo – disse a menina

– Por isso mesmo é melhor que em lugar do outro lho deis – disse o Donzel do

Mar.

E, deixando-a, foi-se com a donzela até à sua câmara e deitou-se num leito e ela noutro que ali havia. El-Rei, entretanto, acordou e, pedindo à filha que lhe desse o anel, ela deu-lhe aquele que tinha. Ele meteu-o no dedo, pensando que fosse o seu, mas viu no chão, ao fundo da câmara, o outro que a sua filha tinha perdido. Apanhando-o então, juntou-o com o outro e, vendo que era o que ele havia dado à Rainha, perguntou à menina:

– Que aconteceu com este anel?

Ela, que muito o temia, disse:

– Por Deus, senhor, perdi o vosso e, passando por aqui o Donzel do Mar e vendo como eu chorava, deu-me esse que ele trazia; e eu pensei que era o vosso.

El-Rei teve suspeitas da Rainha, receando que a grande bondade do Donzel do Mar, juntamente com a sua mui demasiada formosura lhe tivessem dado algum pensamento indevido; então, tomando a sua espada, entrou na câmara da Rainha e, fechada a porta, disse:

– Dona, vós me escondestes sempre o anel que eu vos havia dado, e o Donzel do Mar deu-o agora a Melícia; como pode ser isto que vedes aqui? Dizei-me de que maneira o obtive e, se me mentis, a vossa cabeça o pagará.

A Rainha, que mui irado o viu, caiu a seus pés e disse-lhe:

– Ai, senhor, por Deus, mercê! Pois de mim suspeitais, agora vos direi a minha coita, que até aqui vos escondi.

Então começou a chorar mui fortemente, batendo com as mãos no rosto, e disse como deitara o seu filho ao rio e que levara consigo a espada e aquele anel.

– Por Santa Maria! – disse el-Rei – Eu creio que este é nosso filho.

A Rainha estendeu as mãos, dizendo:

– Assim o quisesse o Senhor do mundo!

– Vamo-nos então até lá, eu e vós – disse el-Rei –, e perguntemos-lhe sobre a sua vida.

Logo foram ambos sozinhos à câmara onde ele estava e encontraram-no dormindo mui sossegadamente, enquanto a Rainha não fazia senão chorar pela suspeita que tão injustamente dela se fazia. Mas el-Rei, tomando na mão a espada que à cabeceira da cama estava e observando-a, reconheceu-a logo, como aquele que com ela muitos e bons golpes tinha dado; e disse à Rainha:

– Por Deus, esta espada conheço eu bem! Agora já acredito mais no que me dissesstes.

– Ai, senhor – disse a Rainha – não o deixemos mais dormir, que o meu coração sofre em demasia.

Dirigindo-se então a ele e agarrando-lhe na mão, puxou-o um pouco para si, dizendo:

– Amigo senhor, acorrei-me nesta aflição e angústia em que estou.

Ele acordou e, vendo-a mui fortemente a chorar, disse:

– Senhora, que é isso que tendes? Se o meu serviço pode em algo remediar, mandai-mo, que até à morte se cumprirá.

– Ai, amigo – disse a Rainha – pois agora acorrei-nos com a vossa palavra, dizendo de quem sois filho.

– Assim Deus me ajude – disse ele –, juro que não o sei, pois fui encontrado no mar por grande ventura.

A Rainha caiu a seus pés toda turvada e ele, ajoelhando-se ante ela, disse:

– Ai, Deus! Que é isto?

Então ela disse, chorando:

– Filho, vêes aqui o teu pai e a tua mãe.

Quando ele isto ouviu, disse:

– Santa Maria! Que será isto que ouço?

A Rainha, tomando-o nos braços, voltou-se e disse:

– É, filho, que quis Deus em sua mercê que reparássemos aquele erro que por grande medo eu fiz. Meu filho, eu como má mãe vos deitei ao mar. E aqui vedes o Rei que vos engendrou.

Então caiu ele de joelhos e beijou-lhes as mãos com muitas lágrimas de prazer, dando graças a Deus por assim o ter tirado de tantos perigos para no fim lhe dar tanta honra e boa ventura com tal pai e mãe. A Rainha disse:

– Filho, sabeis vós se tendes outro nome sem ser este?

– Senhora, sim, sei – disse ele –, pois ao partir-me da batalha me deu a donzela uma carta que levei envolta em cera quando ao mar fui lançado, em que se diz chamar-me eu Amadis.

Então, tirando-a do seu seio, deu-lha, e viram como era a mesma que Darioleta tinha escrito por sua mão; a Rainha disse:

– Meu amado filho, quando esta carta foi escrita, estava eu na maior angústia e dor, e agora estou na maior folgança e alegria, bendito seja Deus! E daqui em diante chamai-vos por este nome.

– Assim o farei – disse ele.

E assim foi chamado Amadis, e em muitas outras partes Amadis de Gaula. O prazer que Agrajes, seu primo, teve com estas novas, e todos os outros do reino, seria escusado dizer; pois se, encontrando os filhos perdidos, ainda que perversos e de maus costumes sejam, recebem os pais e parentes consolação e alegria, olhai o que poderia ser com ele, que em todo o mundo era um claro e luminoso espelho.

Assim que, deixando de falar mais disto, contaremos o que depois aconteceu. A Donzela da Dinamarca disse:

– Amadis, senhor, eu quero ir-me embora para levar estas boas novas com as quais a minha senhora terá grande prazer; e vós ficai a dar consolo e alegria àqueles olhos que, com desejo de vós, tantas lágrimas choraram.

A ele vieram-lhe as lágrimas aos olhos, que lhe começaram a correr em fio pelo rosto, e disse:

– Minha amiga, que Deus vos guarde; a vós encomendo eu a minha vida, e que dela tenhais piedade, pois à minha senhora não ousaria eu pedi-la, tendo em conta a grande mercê que agora me fez; mas dissei-lhe que eu estarei lá muito em breve, usando as mesmas armas que usei na batalha contra el-Rei Abiés, pelas quais me podereis reconhecer, se não o puderdes saber por mim.

Agrajes também se despediu dele, dizendo-lhe que a donzela a quem ele tinha dado a cabeça de Galpano, como vingança pela desonra que lhe havia feito, lhe tinha trazido mandado de Olinda, sua senhora, filha d’el-Rei Vavaim da Noruega, para que a fosse logo ver. A qual ele ganhara como amiga na altura em que ele e o seu tio D. Galvães tinham estado naquele reino. Este D. Galvães era irmão de seu pai e, como não tinha herdado mais do que um pobre castelo, chamavam-lhe Galvães Sem Terra. E Agrajes disse a Amadis:

– Senhor primo, mais quisera eu a vossa companhia do que qualquer outra cousa, mas o meu coração, que em grande coita está, não me deixa senão ir ver aquela em que, perto ou longe, sempre em poder está; mas gostaria de saber onde vos poderei encontrar quando voltar.

– Senhor – disse Amadis –, creio que me encontrareis em casa d’el-Rei Lisuarte, pois me dizem ser ali mantida a cavalaria em maior altura do que em qualquer outra casa de rei ou de imperador que haja no mundo; mas rogo-vos que me encomendeis a el-Rei vosso pai e a vossa mãe, e que, tal como vós, ao seu serviço podem sempre contar comigo, por me terem criado.

Então se despediu Agrajes d’el-Rei e da Rainha, sua tia, e, cavalgando com os seus homens, acompanhados por el-Rei e por Amadis, que assim o quiseram honrar, saíram pela porta da vila; aí encontraram então uma donzela que, tomando o cavalo d’el-Rei pelo freio, disse:

– Lembra-te, Rei, do que te disse uma donzela: que, quando recuperasses a tua perda, perderia o senhorio da Irlanda a sua flor; e vê como disse a verdade, pois recuperaste este filho que tinhas perdido e morreu aquele valente rei Abiés, que a flor da Irlanda era. E ainda mais te digo: que nunca mais a recuperará, seja qual for o senhor que aí haja, até que venha o bom irmão da senhora, que aí exigirá arrogantemente, pela força das armas, que sejam pagos tributos de outra terra, e este será morto por aquele que ele mais

amará no mundo. Este foi Marlot de Irlanda, irmão da Rainha da Irlanda, o que matou Tristão de Leonís por causa dos tributos que ao rei Mares da Cornualha, seu tio, pedia. E Tristão morreu depois por causa da rainha Isolda, que era a cousa do mundo que ele mais amava. E isto te envia dizer Urganda, minha senhora.

Amadis disse-lhe:

– Donzela, dissei à vossa senhora que o cavaleiro a quem deu a lança a manda muito saudar, e que agora vejo que era verdade o que me disse: que com ela livraria a casa de onde primeiro saí, pois livre el-Rei meu pai, que em ponto de morte estava.

A donzela seguiu o seu caminho, bem como Agrajes, depois de se ter despedido d’el-Rei e de Amadis; para onde o deixaremos seguir até ser tempo de a ele regressarmos. El-Rei Perião mandou reunir cortes, para que todos viessem conhecer o seu filho Amadis, durante as quais se fizeram muitos festejos e jogos em honra e em serviço daquele senhor que Deus lhes dera, com o qual, juntamente com seu pai, esperavam viver com muita honra e sossego. Aí, soube Amadis como o gigante tinha levado Galaor, seu irmão, decidindo então fazer os possíveis para saber o que lhe tinha acontecido e resgatá-lo pela força das armas ou de qualquer outra maneira. Muitas cousas se fizeram naquelas cortes, e muitas e grandes doações el-Rei nelas fez, que seriam longas de contar. No fim das quais, Amadis falou com seu pai, dizendo-lhe que se queria ir à Grã-Bretanha, e que, embora tal não fosse necessário, lhe desse licença. Muito se esforçaram el-Rei e a Rainha para o reter, mas por nenhuma via o conseguiram, pois a grande coita que por sua senhora passava não o deixava, nem dava lugar a que outra obediência tivesse senão àquela que o seu coração subjugava. De modo que, levando com ele apenas Gandalim e as armas que substituíam aquelas que el-Rei Abiés lhe tinha destruído na batalha, se partiu; e tanto andou que chegou ao mar, onde, embarcando numa fusta, se dirigiu à Grã-Bretanha, desembarcando numa boa vila chamada Bristoia; e aí soube que el-Rei Lisuarte estava numa vila que se chamava Vindilisorá, e que, tendo obtido grande poder, se encontrava bem acompanhado por muitos e bons cavaleiros, e que era obedecido por todos os demais reis das ilhas. Então partiu dali e seguiu o seu caminho, mas não tinha ainda andado muito quando encontrou uma donzela, que lhe perguntou:

– É este o caminho para Bristoia?

– Sim – disse ele.

– Por ventura sabeis se poderia encontrar ali alguma fusta que me levasse à Gaula?

– E que ides lá fazer? – perguntou ele.

– Vou à procura de um bom cavaleiro, filho d’el-Rei de Gaula, que se chama Amadis, e que não há muito conheceu seu pai.

Ele maravilhou-se e disse:

– Donzela, por quem sabeis vós isso?

– Por aquela de quem nada se pode esconder, e que soube a sua história bem antes dele ou de seu pai, que é Urganda, a Desconhecida; e faz-lhe tanta falta que, se não for por ele, por nenhum outro poderá recuperar o que muito deseja.

– A Deus graças – disse ele –, porque aquela de quem todos necessitam, agora necessita de mim. Sabei, donzela, que eu sou esse que procurais; sigamos, pois, para onde quiserdes.

– Como?! – disse ela – Sois vós aquele que procuro?

– Sou eu, sim – disse ele.

– Então segui-me – disse a donzela –, e levar-vos-ei até onde a minha senhora está.

Amadis deixou o seu caminho e seguiu pelo que a donzela lhe indicava.

CAPÍTULO XI

Como o gigante levou Galaor a ser armado cavaleiro pela mão d’el-Rei Lisuarte, acabando por ser armado cavaleiro muito honradamente por Amadis.

D. Galaor estava com o gigante, como vos contámos, aprendendo a cavalgar e a esgrimir e todas as outras cousas que convinham a um cavaleiro. Sendo ele já muito destre, e cumprido o ano que o gigante lhe dera como prazo, disse-lhe:

– Pai, agora rogo-vos que me façais cavaleiro, pois eu acatei o que me mandaste.

O gigante, que viu ser já tempo, disse-lhe:

– Filho, apraz-me fazê-lo; dizei-me então quem quereis vós que o faça.

– El-Rei Lisuarte – disse ele –, de quem tanta fama corre.

– Eu vos levarei até lá – disse o gigante.

E três dias depois, com todo o equipamento, partiram dali e puseram-se a caminho; e ao quinto dia chegaram perto de um castelo muito forte que estava sobre um braço de mar, e que se chamava Bradoíde e que era o mais formoso que havia em toda aquela terra; e estava assente num alto penhasco, e de uma parte corria aquela água salgada e da outra havia um grande pântano, e da parte da água não podiam entrar senão por barca, enquanto que, em frente do pântano, havia uma calçada tão larga que podia ir uma carruagem e outra vir, mas à entrada do dito pântano havia uma ponte estreita e levadiça, e quando a levantavam, ficava a água mui profunda. À entrada dessa ponte estavam dois altos olmos, e o gigante e Galaor viram então debaixo deles duas donzelas e um escudeiro, tendo a seu lado um cavaleiro armado sobre um cavalo branco com umas armas de leões; chegara à ponte, que estava levantada e, como não podia passar, gritava para os do castelo. Galaor disse ao gigante:

– Se vos aprouver, vejamos o que fará aquele cavaleiro.

E não tardou muito até que viram junto do castelo, na extremidade da ponte, dois cavaleiros armados e dez peões sem armas, que perguntaram ao cavaleiro o que queria.

– Queria – disse ele – aí entrar.

– Isso não pode ser – disseram eles -, se não combaterdes connosco.

– Pois doutra maneira não pode ser – disse ele -, fazei baixar a ponte e vinde ao combate.

Os cavaleiros mandaram aos peões baixarem-na, e um deles galopou, com lança baixa, o mais rápido que o seu cavalo podia. O das armas dos leões cavalgou também contra ele, e atingiram-se ambos rijamente; o cavaleiro do castelo quebrou a sua lança no embate e o outro atingiu-o tão duramente que o deitou por terra, com o cavalo em cima dele; dirigiu-se, em seguida, para o outro, que entrava na ponte, e embateram com os seus cavalos, de tal modo que as lanças falharam os encontros, mas o de fora foi tão fortemente de encontro ao do castelo que o derrubou a ele e ao cavalo para a água e o cavaleiro ficou logo morto; então atravessou a ponte, e foi indo em direção ao castelo; os vilões içaram então a ponte, mas, tendo as donzelas de fora gritado que lha estavam a içar, ele, indo de novo contra eles, viu vir contra si três cavaleiros mui bem armados, que lhe disseram:

– Em má hora passastes para cá, pois ireis morrer na água, como morre quem vale mais do que vós.

E, deitando-se os três a correr contra ele, atacaram-no tão bravamente que fizeram o seu cavalo ajoelhar-se e quase cair, tendo eles ficado com as lanças quebradas e ele

ferido pelos dois; mas conseguiu atingir um deles de tal maneira que a armadura que trazia não lhe aproveitou, pois a lança entrou nele por um costado e pelo outro saiu o ferro com um pedaço da haste; meteu então a mão à espada mui bravamente e foi ferir os dois cavaleiros, e eles a ele, e começaram entre si uma perigosa batalha; mas o das armas dos leões, temendo-se da morte e lutando para se livrar deles, deu a um deles tal golpe de espada no seu braço direito que lho fez cair por terra com a espada; então começou a fugir em direção o castelo, dizendo em grandes gritos:

– Acorrei, amigos, que matam o vosso senhor.

Quando o dos dois leões ouviu dizer que aquele era o senhor, esforçou-se mais por vencê-lo, e deu-lhe um tal golpe por cima do elmo, que a espada lhe chegou à carne, de que o cavaleiro ficou tão tonto que teria perdido as estribeiras e caído, se não se tivesse abraçado ao pescoço do cavalo; então o dos leões tomou-o pelo elmo e tirou-lho da cabeça, e o cavaleiro quis fugir, mas viu que o outro estava entre ele e o castelo.

– Morto sois – disse o dos leões – se não vos dais por preso.

E ele, que teve grande medo da espada que já sentira na cabeça, disse:

– Ai, bom cavaleiro, mercê, não me mateis; tomai a minha espada e dou-me por preso.

Mas o dos leões, vendo sair cavaleiros e peões armados do castelo, tomou-o pelo brocal do escudo e, pondo-lhe a ponta da espada no rosto, disse:

– Mandai aqueles voltar para trás; se não, matar-vos-ei.

Ele gritou-lhe que voltassem para trás, se queriam a sua vida, e eles, vendo o grande perigo em que estava, assim o fizeram; o dos leões disse-lhe então:

– Mandai aos peões baixar a ponte.

E logo o ordenou. Então tomou-o consigo e passaram a ponte; o do castelo, vendo as donzelas e reconhecendo uma, que era Urganda, a Desconhecida, disse:

– Ai, senhor cavaleiro, se não me amparais daquela donzela, morto sou!

– Que Deus me ajude – disse ele –, isso não farei eu; antes farei de vós o que ela mandar.

E disse a Urganda:

– Vedes aqui o cavaleiro senhor do castelo; o que quereis que lhe faça?

– Cortai-lhe a cabeça, se vos não der o meu amigo que ali tem preso no castelo, e se não me entregar a donzela que aqui mo fez prender.

– Assim seja – disse ele.

E ergueu a espada para o assustar; então o cavaleiro disse:

– Ai, bom senhor, não me mateis; eu farei tudo quanto ela manda!

– Pois que seja logo, sem mais tardar – disse ele .

O cavaleiro chamou então um dos peões e disse-lhe:

– Vai ter com o meu irmão e diz-lhe, se me quer ver vivo, que traga logo o cavaleiro que ali está e a donzela que o trouxe.

Isto foi logo feito; e vindo o cavaleiro até junto do dos leões, este disse-lhe:

– Cavaleiro, vedes ali a vossa amiga, amai-a, pois muitos trabalhos passou para vos tirar da prisão.

– Sim, amo-a – disse ele –, mais do que nunca.

Urganda foi-o abraçar, e ele a ela.

– Pois o que fareis da donzela? – perguntou o cavaleiro dos leões.

– Matá-la – disse Urganda -, que muito por ela sofri.

E fez um encantamento, de tal maneira que ela, tremendo, se ia deitar à água.

Mas o cavaleiro disse:

– Senhora, por Deus, não morra esta donzela, pois por mim foi presa.

– Eu a deixarei desta vez por vós, mas, se me enganar, tudo pagará por junto.

O senhor do castelo disse:

– Senhor, pois cumpri o que mandaste, libertai-me de Urganda.

Ela disse-lhe:

– Eu liberto-vos em honra deste que vos venceu.

O dos leões perguntou então à donzela por que razão se ia atirar à água.

– Senhor – disse ela -, parecia-me que tinha de cada lado uma tocha ardendo que me queimava, e queria com a água salvar-me.

Ele começou a rir e disse:

– Por Deus, donzela, grande loucura é a vossa em fazerdes dano a quem tão bem pode vingar-se.

Galaor, que tudo vira, disse ao gigante:

– Este quero que me faça cavaleiro; pois que, se el-Rei Lisuarte é tão reputado, será pela sua grandeza, mas este cavaleiro merece-o pela sua grande valentia.

– Pois ide ter com ele – disse o gigante -, e, se não o fizer, será para seu mal.

Galaor foi até onde o das armas dos leões estava sob os olmos, e em sua companhia levava quatro escudeiros e duas donzelas; e quando chegou, saudaram-se ambos, e

Galaor disse:

– Senhor cavaleiro, quero pedir-vos uma cousa.

Ele, que o viu mais formoso do que qualquer outro que tivesse visto, tomou-o pela mão e disse:

– Seja cousa justa e eu vo-la farei.

– Pois rogo-vos por cortesia que me façais cavaleiro sem mais tardar, e desistirei de ir a el-Rei Lisuarte, para onde agora ia.

– Amigo – disse ele -, grande desvario farias em deixar, para tal honra, o melhor rei do mundo e tomar um pobre cavaleiro como eu.

– Senhor – disse Galaor – a grandeza d’el-Rei Lisuarte não me dará a mim o ânimo que me dá a vossa grande valentia que aqui vos vi ter. Cumpri, pois, o que me prometestes.

– Bom escudeiro – disse ele -, com qualquer outra cousa que pedirdes ficarei eu muito mais contente do que com essa, que a mim não cabe, nem é honra para vós.

Nessa altura, Urganda chegou-se a eles e, como se não tivesse ouvido nada, disse:

– Senhor, que vos parece este donzel?

– Parece-me o mais formoso que já vi – disse ele –, mas pede-me algo que nem a ele nem a mim convém.

– E o que é? – perguntou ela.

– Que o faça cavaleiro – disse ele -, estando a caminho para o ir pedir a el-Rei Lisuarte.

– Por certo – disse Urganda -, deixar de ser cavaleiro lhe causaria maior dano que proveito; por isso a ele digo que não desista do que pediu e a vós que o cumprais. E digo-vos que a cavalaria será nele melhor emprego do que em nenhum de quantos agora há em todas as ilhas do mar, salvo um só.

– Pois que assim é – disse ele -, seja, por Deus; vamos então para alguma igreja, para fazer a vigília.

– Não é necessário – disse Galaor -, que já hoje ouvi missa e vi o verdadeiro Corpo de Deus.

– Isso basta – disse o dos leões.

Então, pondo-lhe a espada direita e beijando-o, disse-lhe:

– Agora sois cavaleiro. Tomai a espada de quem mais vos agradar.

– Vós ma dareis – disse Galaor -, que de nenhum outro a tomaria a meu grado.

Chamou então um escudeiro para que lhe trouxesse uma espada que tinha na mão.

Mas Urganda disse:

– Não, não vos dará essa, mas aquela que está pendurada nesta árvore, de que gostareis mais.

Então olharam todos para a árvore e não viram nada. Ela começou a rir-se com vontade e disse:

– Por Deus, há bem dez anos que ali está, sem que nunca ninguém que por aqui passasse a tivesse visto, mas agora todo a verãos.

E tornando todos a olhar, viram a espada pendurada de um ramo da árvore; e parecia muito formosa, tão nova como se tivesse sido lá posta nesse momento, e com uma bainha mui ricamente trabalhada a seda e ouro. O das armas dos leões, tomando-a então, entregou-a a Galaor, dizendo:

– Tão formosa espada convinha a tão formoso cavaleiro; e decerto que não vos detesta quem tanto tempo vo-la guardou.

Galaor ficou mui contente com ela e disse ao das armas dos leões:

– Senhor, tenho que ir a um lugar de que me não posso escusar. Mas muito desejo a vossa companhia, mais do que a de qualquer outro cavaleiro, por isso, se vos aprouver, dizei-me onde vos poderei encontrar.

– Em casa d’el-Rei Lisuarte – disse ele -, onde ficarei contente de vos ver, e onde devo ir porque sou cavaleiro há pouco tempo e tenho de, em tal casa, alguma honra ganhar, tal como vós.

Galaor ficou mui contente com isto e disse a Urganda:

– Senhora donzela, muito vos agradeço esta espada que me destes; tende-me no vosso pensamento como vosso cavaleiro.

E, despedindo-se deles, voltou para onde deixara o gigante que escondido ficara nas margens de um rio.

Enquanto isto se passava, falava uma donzela de Galaor com a outra de Urganda, e dela soube que aquele cavaleiro era Amadis de Gaula, filho d’el-Rei Perião, e que Urganda, sua senhora, o fizera vir ali para que tirasse o seu amigo daquele castelo pela força das armas, pois o seu grande saber não lhe aproveitava para isso, uma vez que a senhora do castelo, que daquela arte muito sabia, o tinha encantado primeiro e, não temendo o poder de Urganda, quisera garantir a sua segurança pela força das armas, com aquele costume que o cavaleiro dos leões tinha vencido, atravessando a ponte, como vos foi contado; e por isto ali retinham o seu amigo, que ali tinha trazido uma donzela, sobrinha

da senhora do castelo, aquela que ouvistes que na água se queria afogar. Assim ficaram Urganda e o cavaleiro falando uma parte daquele dia, e ela disse-lhe:

– Bom cavaleiro, não sabeis a quem armastes cavaleiro?

– Não – disse ele.

– Pois razão é que o saibais, pois, sendo ambos tão fogosos, se vos encontrásseis sem saberdes quem sois, grande desgraça poderia suceder. Sabei que é filho de vosso pai e mãe, e este é aquele que o gigante lhes tomou quando era criança de dois anos e meio, e já é tão grande e formoso como agora vedes. Pelo vosso amor e o seu, guardei tanto tempo aquela espada; e digo-vos que fará com ela o melhor começo de cavalaria que jamais fez um cavaleiro da Grã-Bretanha.

A Amadis encheram-se os olhos de água, de prazer, e disse:

– Ai, senhora, digei-me onde o encontrarei.

– Agora não o deveis procurar – disse ela –, pois todavia convém que se passe o que está ordenado.

– Pois poderei vê-lo em breve?

– Sim – disse ela -, mas não vos será tão fácil de reconhecer como pensais.

Ele deixou de fazer mais perguntas sobre o assunto, e ela, com o seu amigo, seguiram seu caminho. E Amadis, com o seu escudeiro, seguiu por outro caminho, com intenção de ir a Vindilisora, onde estava na altura el-Rei Lisuarte.

Entretanto, Galaor, chegando onde estava o gigante, disse-lhe:

– Pai, sou cavaleiro, graças a Deus e ao bom cavaleiro que o fez.

Disse ele:

– Filho, fico mui contente com isso! E peço-vos que me concedeis uma cousa.

– Mui de grado o prometo – disse ele –, conquanto que não seja estorvo para eu ir ganhar honra.

– Filho – disse o gigante –, será antes, se Deus quiser, em grande acrescentamento dela.

– Pois pedi – disse ele –, que eu o farei.

– Filho – disse ele -, algumas vezes me ouviste dizer como Aldabão, o gigante, matou à traição o meu pai e lhe tomou a Penha de Galtares, que deve ser minha. Peço-vos que me façais justiça contra ele, que nenhum outro como vós ma pode fazer; e lembrai-vos de como vos criei e de como eu daria o meu corpo à morte pelo vosso amor.

– Essa justiça – disse Galaor – não é para a pedirdes vós a mim; antes vos peço eu

que me concedeis licença para fazer essa batalha, pois tanto vos cumpre; e se dela sair vivo, todas as outras cousas que sejam em vossa maior honra e proveito estou preparado para o fazer, até que esta vida pague aquela grande dívida que vos deve. Vamos sem demora para lá.

– Seja, por Deus – disse o gigante.

Então entraram no caminho da Penha de Galtares; mas não andaram muito até que encontraram Urganda, a Desconhecida; depois de se terem saudado cortesmente, disse ela a Galaor:

– Sabeis quem vos fez cavaleiro?

– Sim – disse ele -, o melhor cavaleiro de que jamais ouvi falar.

– É verdade – disse ela -, e vale mais do que pensais. Quero que saibais quem é.

Então chamou Gandalás, o gigante, e disse-lhe:

– Gandalás, não sabes tu que este cavaleiro que criaste é filho d’el-Rei de Perião e da Rainha Elisena, e pelas palavras que eu te disse o tomaste e criaste?

– É verdade – disse ele.

Então disse a Galaor:

– Meu amado filho, sabeis que aquele que vos fez cavaleiro é vosso irmão, e é mais velho do que vós dois anos. Quando fordes até ele, honrai-o como ao maior cavaleiro do mundo e lutai para lhe serdes semelhante em valentia e bom caráter.

– É verdade – perguntou Galaor – que el-Rei Perião é meu pai e a Rainha Elisena minha mãe, e que eu sou irmão daquele tão bom cavaleiro?

– Sem dúvida, és.

– A Deus graças! – disse ele -. Agora vos digo que fiquei muito mais em cuidado do que antes e a minha vida corre maior perigo, pois me convém ser tal como esse que vós, donzela, dizeis; e tanto ele como todos os outros com razão o devem crer.

Urganda despediu-se deles, e o gigante e Galaor retomaram o seu caminho como dantes; e perguntando Galaor ao gigante quem era aquela tão sabedora donzela e ele contando-lhe que era Urganda, a Desconhecida, e que se chamava assim porque muitas vezes se transformava e ninguém a reconhecia, chegaram a uma ribeira; e por estar grande calor decidiram descansar numa tenda que armaram, Aí estando, viram vir por um caminho uma donzela, e outra por outro, de tal forma que se juntaram perto da tenda. Quando viram o gigante, quiseram fugir, mas D. Galaor foi ter com elas e, sossegando-as, fê-las voltar, e perguntou-lhes aonde iam. Uma delas disse-lhe:

– Vou por mandado de uma minha senhora ver uma batalha muito estranha de um só cavaleiro, que há de combater com o forte gigante de Penha de Galtares, e vou para levar-lhe novas dela.

A outra donzela disse:

– Maravilho-me que digais que haja cavaleiro que tão grande loucura ousasse cometer; se bem que o meu caminho seja para outro lado, quero ir convosco, para ver cousa tão fora de razão.

Preparando-se para seguir, disse-lhes Galaor:

– Donzelas, não tendes pressa em lá chegar; como nós iremos também ver essa batalha, vinde em nossa companhia.

Elas concordaram e muito folgavam de o ver tão formoso cavaleiro, com aquelas roupas de cavaleiro novel, que mui mais airoso o faziam; e todos juntos ali comeram e descansaram; Galaor chamou então à parte o gigante e disse-lhe:

– Pai, muito me agradaria que me deixásseis ir fazer a minha batalha, pois sem vós chegarei mais depressa.

Isto dizia para que não soubessem que era ele o que a havia de fazer, e não suspeitassem que com a sua valentia queria tentar tão grande cousa. O gigante acedeu, contra a sua vontade, e Galaor armando-se, fez-se ao caminho, acompanhado pelas duas donzelas e por três escudeiros que o gigante mandou ir com ele, e que levavam as armas e o que era necessário. E tanto andou que chegou a duas léguas da Penha de Galtares, e ali pernoitou em casa de um ermitão, a quem, sabendo que era monge, se confessou. Quando lhe disse que ia fazer aquela batalha, ele ficou muito espantado e disse-lhe:

– Quem vos leva a cometer tão grande loucura como esta, pois em toda esta comarca não há dez cavaleiros que a ousassem cometer, tão bravo e pavoroso ele é e sem nenhuma mercê? E vós, sendo de tal idade, pondo-vos em tal perigo, decerto quereis perder o corpo e também a alma, pois é certo que aqueles que conscientemente se põem em risco de morte, podendo evitá-lo, matam-se a si mesmos.

– Padre – disse D. Galaor -, Deus fará em mim a sua vontade, mas não deixarei a batalha de maneira nenhuma.

O bom homem começou a chorar, e disse-lhe:

– Filho, Deus vos ajude e vos dê força, já que assim quereis fazer.

Galaor lhe pediu então que rogasse por ele a Deus. Ali pernoitaram aquela noite. No outro dia, tendo ouvido missa, armou-se Galaor e foi para a Penha que diante de si

via, mui alta e com mui fortes torres, que faziam o castelo parecer mui formoso. As donzelas perguntaram a Galaor se conhecia o cavaleiro que havia de fazer a batalha. Ele disse-lhes:

– Creio que já o vi.

Pediu então à donzela que vinha da parte de sua senhora ver a batalha que lhe dissesse quem era ela.

– Isso não o pode saber senão o cavaleiro que há de combater.

Assim falando, chegaram ao castelo, e encontraram a porta fechada. Galaor chamou, e apareceram dois homens por cima da porta, a quem disse:

– Dizei a Albadão que está aqui um cavaleiro de Gandalás, que vem combater com ele, e que, se tardar, não sairá nem entrará homem que eu não mate, se puder.

Os homens riram-se e disseram:

– Essa sanha pouco durará, porque, ou tu fugirás ou perderás a cabeça.

E foram-no dizer ao gigante. As donzelas aproximaram-se então de Galaor e disseram:

– Senhor amigo, sois vós o lidador desta batalha?

– Sim – disse ele.

– Ai, senhor! – disseram elas -, Deus vos ajude e vo-lo deixe levar a bom termo com vossa honra, pois grande feito começais. Ficai em hora boa, que não ousaremos esperar pelo gigante.

– Amigas, não temais. Ficai para ver aquilo que vos fez aqui vir, ou voltai para a casa do ermitão, que eu lá irei ter, se aqui não morrer.

Uma delas disse:

– Seja qual for o mal que aconteça, quero ver aquilo que me trouxe aqui.

Então, afastando-se do castelo, meteram-se na orla de uma floresta, para onde esperavam fugir se as cousas corressem mal ao cavaleiro.

CAPÍTULO XII

Como Galaor combateu com o grande gigante, senhor da Penha de Galtares, e o venceu e matou.

Assim que ao gigante levaram as notícias, não tardou muito a sair num cavalo, sobre o qual parecia tão grande cousa que ninguém no mundo ousaria olhá-lo. A cobri-lo

trazia umas grandes chapas de ferro, que lhe iam da garganta à cintura, e trazia também um elmo grande e muito reluzente, e uma grande e pesada maça de ferro, com a qual atacava. Ao vê-lo, os escudeiros e as donzelas ficaram mui atemorizados, e mesmo Galaor não era tão valente que então muito medo não sentisse. Mas quanto mais ele se aproximava, mais o perdia. O gigante disse-lhe:

– Desgraçado cavaleiro, como ousas esperar a tua morte, pois não mais te verá o que aqui te enviou? Espera então e verás como sei golpear com a maça.

Galaor ficou mui sanhudo e disse:

– Diabo, tu serás vencido e morto com o que trago em minha ajuda, que é Deus e a razão.

O gigante foi contra ele, e mais parecia uma torre. Galaor foi-se também a ele, com a sua lança baixa e a grande galope do seu cavalo, e atingiu-o no peito com tal força que lhe fez perder a estribeira, tendo nisso quebrado a lança; o gigante levantou a maça para o ferir na cabeça, mas Galaor passou tão depressa que ele não o atingiu senão no brocal do escudo; mas, quebrando-lhe os braços e o tiracolo, fez cair o escudo por terra, e por pouco Galaor teria caído com ele; mas o golpe dado pelo gigante foi tão forte que o braço não conseguiu sustentar a maça, que bateu na cabeça do seu próprio cavalo, e o derrubou morto, ficando ele por baixo; ao querer levantar-se, saindo debaixo dele com grande dificuldade, chegou Galaor e deu-lhe no peito do cavalo, passando sobre ele bem duas vezes antes que se levantasse; nesse momento, no entanto, o cavalo de Galaor tropeçou no do gigante e foi cair do outro lado. Galaor saiu logo dele, pois se via em risco de morte, deitou mão à espada que Urganda lhe dera, e indo contra o gigante, que apanhava a maça do chão, deu-lhe com a espada no pau dela, cortando-o todo, que não ficou senão um pedaço na mão; mas, com aquele pedaço, lhe deu o gigante um tal golpe em cima do elmo que o fez levar uma mão em terra, porque a maça era forte e pesada, e quem a usava tinha muita força, de modo que o elmo se lhe torceu na cabeça; mas ele, como fosse mui ligeiro e de coração vivo, levantou-se logo e voltou ao gigante, o qual o quis golpear outra vez, mas Galaor, que manhoso e ligeiro andava, evitou o golpe, e deu-lhe no braço com a espada tal golpe que lho cortou até ao ombro e, descendo a espada à perna, lhe cortou cerca de metade. O gigante gritou e disse:

– Ai, desgraçado! Escarnecido sou por um homem só!

E quis abraçar Galaor com grande fúria, mas, não o conseguindo por causa da grande ferida da perna, sentou-se no chão. Galaor tornou a golpeá-lo e, estendendo o

gigante a mão para o travar, deu-lhe um golpe que lhe fez cair os dedos em terra com a metade da mão; o gigante, que para o travar se tinha esticado muito, caiu, e Galaor foi então para cima dele, matou-o com a sua espada e cortou-lhe a cabeça. Então os escudeiros e as donzelas vieram ter com ele e Galaor ordenou aos escudeiros que levassem a cabeça ao seu senhor; eles ficaram contentes e disseram:

– Por Deus, senhor, mui bem vos criou ele, pois vós ganhastes a honra e ele a vingança e o proveito.

Galaor montou num cavalo dos escudeiros e viu então sair do castelo dez cavaleiros amarrados a uma corrente que lhe disseram:

– Vinde tomar o castelo, que vós matastes o gigante e nós os que o guardavam.

Galaor disse às donzelas:

– Senhoras, fiquemos aqui esta noite.

Elas disseram que lhes aprazia. Então, mandando retirar a corrente aos cavaleiros, acolheram-se todos ao castelo, onde havia formosos aposentos; e num deles se desarmou e lhe deram de comer e às suas donzelas com ele. Assim folgaram ali com grande prazer, olhando aquela grande força de torres e muros que tão grandiosas lhes pareciam. Ao outro dia, ali se reuniram todos os das terras em redor e, saindo Galaor a eles, o receberam com grande alegria, dizendo-lhe que, pois ele ganhara aquele castelo matando o gigante que por força e grande violência neles mandava, que a ele queriam por senhor. Ele agradeceu-lhes muito, mas disse-lhes que já saberiam como aquela terra pertencia por direito a Gandalás, e que se ele, tendo sido por ele criado, tinha ali vindo para lha voltar a dar, que lhe obedecessem como senhor, tal como eram obrigados, pois ele os trataria mansa e honradamente.

– Ele seja bem-vindo – disseram eles –, pois, como nosso senhor natural e como coisa propriamente sua, cuidará de nos fazer bem, que este outro que mataste como alheios e estranhos nos tratava.

Galaor recebeu menagem de dois cavaleiros, os que mais honrados lhe pareceram, para que, vindo Gandalás, lhe entregassem o castelo; e tomando suas armas, as donzelas e um escudeiro dos dois que ali levara, voltou ao caminho da casa do ermitão; e ali chegado, o homem bom alegrou-se muito com ele e disse-lhe:

– Filho bem-aventurado, muito deveis amar a Deus, que decerto vos ama, pois quis que por vós fosse feita tão formosa vingança.

Galaor, tomando dele a sua bênção e rogando-lhe que se lembrasse dele nas suas

orações, seguiu o seu caminho. Uma das donzelas lhe rogou que lhe permitisse ir na sua companhia. E a outra disse:

– Não vim aqui senão para ver o fim desta batalha, e vi tanto que muito terei que contar por onde vá. Agora quero ir a casa d’el-Rei Lisuarte para ver um cavaleiro meu irmão que aí anda.

– Amiga – disse Galaor –, se lá virdes um cavaleiro mancebo que traz umas armas com uns leões, dizei-lhe que o donzel que ele fez cavaleiro se lhe encomenda, que eu me esforçarei por ser um homem bom, e que, se eu o vir, lhe direi mais da minha história e da sua do que aquilo que ele sabe.

A donzela seguiu o seu caminho, e Galaor disse à outra que, já que tinha sido ele o cavaleiro que fizera a batalha, lhe dissesse quem era a sua senhora que ali a tinha enviado.

– Se vós o quereis saber – disse ela –, segui-me e mostrar-vo-la-ei daqui a cinco dias.

– Não será por isso que o deixarei de saber – disse ele –, seguir-vos-ei.

Assim andaram até que chegaram a uma encruzilhada de dois caminhos; Galaor, que ia à frente, seguiu por um deles, pensando que a donzela fora atrás dele, sem reparar que ela tinha seguido o outro; e isto era à entrada da floresta chamada Brananda, que separa o condado de Clara e de Gresca. Então, não tardou muito até Galaor ouvir uns gritos, dizendo:

– Ai, bom cavaleiro, acudi-me!

Ele voltou o rosto e disse:

– Quem dá estes gritos?

O escudeiro disse:

– Acho que é a donzela que de nós se separou.

– Como?! – disse Galaor – Separou-se de nós?

– Sim, senhor – disse ele -, vai por aquele outro caminho.

– Por Deus, guardei-a mal.

E enlaçando o elmo e tomando o escudo e a lança, foi o mais depressa que pôde para onde os gritos ouvia; então viu um anão feio em cima de um cavalo e cinco peões com ele, armados de capelinas e machados, o qual estava batendo na donzela com um pau que trazia na mão. Galaor chegou-se a ele e disse:

– Eh, cousa má e feia, Deus te dê má ventura!

E, pondo a lança na mão esquerda, foi-se a ele; e, agarrando-lhe no pau, deu-lhe com ele tal golpe, que o fez cair por terra todo atordoado; os peões foram-se a ele e atacaram-no por todos os lados, mas ele deu a um deles um tal golpe com o pau no rosto, que o atirou por terra, e a outro, que lhe tinha metido o machado no escudo e não o conseguia tirar, atingiu com a lança no peito, que o trespassou de um lado ao outro; e caiu e ficou nele a lança; então tirou o machado do escudo e foi-se aos outros, que não o ousaram esperar e fugiram por umas matas tão espessas que não pôde ir atrás deles; quando voltou, viu que o anão montara de novo a cavalo e lhe estava dizendo:

– Cavaleiro, em má hora me feriste e mataste os meus homens.

E, açoitando o cavalo, foi-se a grande galope por um caminho. Galaor tirou a lança do corpo do vilão e viu que estava boa, o que lhe agradou; então deu as suas armas ao escudeiro e disse:

– Donzela, ide vós à frente e guardar-vos-ei melhor.

Assim tornaram ao caminho, e pouco depois chegaram a um rio que se chamava Brane, o qual não se podia passar sem uma barca; a donzela, que ia à frente, encontrou a barca e passou para o outro lado; mas, no momento em que Galaor esperava a barca, chegou o anão que ele ferira e que vinha dizendo:

– À la fé, dom traidor, morto sois e deixareis a donzela que me tomastes.

Galaor viu que com ele vinham três cavaleiros bem armados e em bons cavalos.

– Como?!– disse um deles– Todos três iremos contra um só? Eu não preciso de ajuda nenhuma.

E foi contra ele o mais depressa que pôde; Galaor, que já tinha tomado as suas armas, foi ao seu encontro e atacaram-se com as lanças; o cavaleiro do anão amolgou-lhe a armadura toda, embora o golpe não tenha sido grande mas Galaor atingiu-o tão rijamente que o atirou para fora da sela, maravilhando os outros dois, que se deitaram ambos a galopar contra ele ao mesmo tempo, e ele a eles; um errou o golpe, mas ele, com a sua lança, fez-lhe o escudo em bocados e golpeou-o em seguida tão duramente, que lhe derubou o elmo da cabeça, de tal forma que perdeu as estribeiras e esteve perto de cair. Entretanto, o outro voltou e atingiu Galaor nos peitos com a lança, quebrando-a; e ainda que Galaor tenha sentido o golpe, o arnês resistiu e aparou o golpe; então meteram todos mão às espadas e começaram a sua batalha, enquanto o anão dizia em grandes gritos.

– Matem-lhe o cavalo e não fugirá.

Galaor quis golpear aquele a quem derrubara o elmo, mas o outro levantou o escudo, de

forma que a espada entrou pelo braçal bem um palmo e alcançou com a ponta a cabeça do cavaleiro, fendendo-o até às queixadas, tal que caiu morto; quando o outro cavaleiro viu este golpe, fugiu, mas Galaor foi atrás dele e deu-lhe um golpe com a sua espada por cima do elmo e, não o atingindo bem, baixou o golpe à parte de trás da sela e levou-lhe um pedaço e muitas malhas do arnês; então o cavaleiro deu de esporas ao cavalo e atirou o escudo do colo para fugir mais depressa. Quando Galaor assim o viu ir, deixou-o e voltou, com a intenção de mandar pendurar o anão por uma perna, mas viu-o já a fugir no seu cavalo o mais que podia; então, voltando-se para o cavaleiro com quem justara, e que ia já recobrando os sentidos, disse-lhe:

– De vós me pesa mais do que dos outros, porque à maneira de bom cavaleiro quisestes combater; não sei porque me atacastes, pois não vo-lo mereci.

– É verdade – disse o cavaleiro –, mas aquele anão traidor nos disse que o atacaras e mataras os seus homens e que lhe tomaras à força uma donzela que queria ir com ele.

Galaor mostrou-lhe a donzela que o esperava no outro lado do rio e disse:

– Vedes ali a donzela; se eu a levasse à força não me esperaria; o que se passou foi que, vindo em minha companhia, perdeu-se de mim nesta floresta e ele apanhou-a e batia-lhe muito com um pau.

– Ai traidor – disse o cavaleiro –, em má hora me fez vir aqui, se o encontrar!

Galaor mandou que lhe dessem o seu cavalo, e disse-lhe que fizesse os possíveis por atormentar aquele anão traidor. Então passou na barca para o outro lado e seguiu o seu caminho, guiado pela donzela; e ao fim da tarde, entre a hora nona e as vésperas, ela mostrou-lhe um castelo muito formoso, por cima de um vale, e disse-lhe:

– Ali iremos pernoitar.

E tanto andaram que lá chegaram, sendo mui bem-recebidos, porque era a casa da mãe da donzela, a quem ela disse:

– Senhora, honrai este cavaleiro como o melhor que jamais escudo pôs ao colo.

Ela respondeu:

– Aqui lhe faremos todo o serviço e prazer.

A donzela disse-lhe:

– Bom cavaleiro, para que eu possa cumprir o que vos prometi, tereis que aguardar aqui e logo voltarei com novas.

– Muito vos rogo – disse ele – que não me detenhais aqui muito tempo, pois me ficaria com muita pena.

Ela foi-se, mas logo voltou, dizendo-lhe:

– Agora montai e vamo-nos.

– Assim seja, por Deus – disse ele.

Então tomou as suas armas e, montando no seu cavalo, foi-se com ela, seguindo sempre por uma floresta; à saída dela, anoiteceu e então a donzela, deixando o caminho que levavam, seguiu noutra direção; e, passada uma parte da noite, chegaram a uma formosa vila que tinha o nome de Grandares; quando chegaram perto do alcácer, disse a donzela:

– Agora desmontemos e vinde atrás de mim, que naquele alcácer vos direi o que prometi.

– E levarei as minhas armas? – disse ele.

– Sim – disse ela -, que nunca se sabe o que pode acontecer.

Ela foi à frente e Galaor atrás dela, até que, chegando a um muro, disse a donzela:

– Subi por aqui e entrai, que eu irei por outro lado e logo vos ajudarei.

Galaor subiu para cima do muro com grande esforço e, tomando o escudo e o elmo, desceu para o outro lado, enquanto a donzela se ia embora. Entrou por uma horta, chegou a um postigo pequeno que estava no muro do alcácer e esperou ali um pouco até que o viu abrir, e viu a donzela, acompanhada por uma outra; então a donzela disse a Galaor:

– Senhor cavaleiro, antes que entreis deveis dizer-me de quem sois filho.

– Deixai-vos disso – disse ele -, que eu tenho tal pai e mãe que, até que o valha, não ousarei dizer que sou seu filho.

– Todavia é necessário que mo digais – disse ela-, pois não será para vosso mal.

– Sabei que sou filho d’el-Rei Perião e da Rainha Elisena, e que ainda há sete dias não vo-lo saberia dizer.

– Entrai – disse ela.

Ele entrou, fizeram-no desarmar, cobriram-no com um manto e saíram os três dali, indo uma atrás, a outra à frente e ele no meio. Entraram então numa grande sala, mui formosa, onde estavam muitas donas e donzelas nas suas camas e, se alguma perguntava quem ia ali, as donzelas respondiam que eram elas. Assim passaram até que entraram numa câmara contínua, ornada com mui ricos panos, e na qual Galaor viu estar sentada

uma formosa donzela, que os seus formosos cabelos penteava; vendo Galaor, a donzela pôs na cabeça uma formosa grinalda e dirigiu-se para ele, dizendo:

– Amigo, sede bem-vindo, como o melhor cavaleiro que eu conheço.

– Senhora – disse ele –, e vós mui bem encontrada, como a mais formosa donzela que jamais vi.

A donzela que ali o tinha guiado disse-lhe:

– Senhor, vedes aqui a minha senhora; e agora estou quite da minha promessa: sabei que se chama Aldeva, e é filha d’el-Rei de Serolis e aqui a criou a mulher do duque de Bristoia, que é irmã de sua mãe.

Depois disse à sua senhora:

– Eu vos dou o filho d’el-Rei Perião de Gaula; ambos sois filhos de reis e mui formosos; se vos muito amardes, ninguém vos levará a mal.

Então saiu, e Galaor folgou com a donzela aquela noite a seu prazer, sem que mais aqui vos seja contado, porque em atos semelhantes, que à boa consciência e à virtude não são conformes, com razão se deve passar por eles levemente, tendo-os naquele pequeno grau em que merecem ser tidos. Chegada, pois, a hora em que lhe era conveniente sair dali, tomou consigo as donzelas e, voltando para onde deixara as armas e armando-se, saiu para a horta; e aí encontrou o anão de que ouvistes e que lhe disse:

– Cavaleiro, em má hora cá entraste, que eu vos farei morrer e à aleivosa que aqui vos trouxe.

Então gritou:

– Saí cavaleiros, saí, que sai um homem da câmara do Duque.

Galaor subiu ao muro e montou no seu cavalo, mas não tardou muito que o anão não saísse com gente por uma porta que abriram; Galaor, que entre todos o viu, disse para si:

– Ai, pobre de mim, morto serei se não me vingou deste anão traidor.

E foi-se a ele para o apanhar; mas o anão pôs-se atrás de todos os outros no seu rocim. Então Galaor, com a grande raiva que levava, meteu-se entre todos e eles começaram a atacá-lo por todo o lado; quando ele viu que não podia passar, golpeou-os tão cruelmente que matou dois deles, nos quais quebrou a lança. Então meteu a mão à espada e dava-lhes golpes mortais, de maneira que alguns ficaram mortos e outros feridos; mas antes que saísse da confusão, mataram-lhe o cavalo; ele levantou-se então a grande custo, pois o atacavam por todo o lado, mas, assim que ficou em pé, castigou-os de tal maneira

que nenhum ousava chegar-se a ele. Quando o anão o viu de pé, tratou de atacá-lo com o peito do cavalo e foi-se a ele o mais rapidamente que pôde; mas Galaor afastou-se um pouco, estendeu a mão, tomou-lhe o freio e deu-lhe tal golpe com o pomo da espada no peito que o deitou por terra, ficando tão atordoado da queda que o sangue lhe saiu pelas orelhas e pelo nariz; Galaor saltou então para o cavalo, mas, ao montar, perdeu as rédeas, de modo que o cavalo disparou com ele para fora confusão e, como era grande e veloz, antes que as recuperasse, afastou-se um bom bocado; então, tendo apanhado as rédeas, quis voltar para atacá-los de novo, mas viu à janela de uma torre a sua amiga que, com o manto, lhe fazia sinais para que se fosse embora. Então ele partiu, porque já tinha chegado muita gente, e cavalgou até chegar a uma floresta, onde deu o escudo e o elmo ao seu escudeiro. Entretanto, alguns dos homens do anão diziam que seria bom segui-lo, outros que de nada serviria, pois estava na floresta, mas todos estavam espantados de ver como se tinha batido tão bravamente. O anão, que estava maltratado, disse:

– Levei-me ao Duque e eu lhe direi de quem deve tomar vingança.

Eles tomaram-no em braços e subiram-no até onde estava o Duque; e aí ele contou-lhe que encontrara a donzela na floresta e, querendo-a trazer consigo de volta, ela tinha gritado, e em sua ajuda tinha acudido um cavaleiro, que lhe tinha matado os seus homens e o tinha agredido a ele com um pau, e que, perseguindo-o depois com os três cavaleiros para lhe tomar a donzela, ele os desbaratara e vencera; finalmente contou-lhe como a donzela o trouxera ali e o havia metido na sua própria câmara. O Duque perguntou-lhe se conhecia a donzela e ele disse que sim. Então mandou ali vir todas as que estavam no castelo e, quando o anão a viu entre elas, disse:

– Esta é a que desonrou o vosso palácio.

– Ai traidor! – disse a donzela -, eras tu quem me batias fortemente e mandavas os teus homens baterem-me, e um bom cavaleiro defendeu-me, que não sei se é este ou não.

O Duque ficou mui zangado e disse:

– Donzela, eu farei com que me digais a verdade.

E mandou pô-la na prisão; mas mesmo pelos tormentos e males que lhe fizeram nunca revelou nada; e ali a deixou ficar, com grande angústia de Aldeva, que muito a amava e não sabia por quem o fizesse saber a D. Galaor, seu amigo.

O autor deixa aqui de contar isto, e torna a falar de Amadis. E deste Galaor mais dirá a seu tempo.

CAPÍTULO XIII

Como Amadis se separou de Urganda, a Desconhecida, e chegou a uma fortaleza, e o que nela houve.

Partido Amadis de Urganda, a Desconhecida, com muito prazer no seu espírito por saber que aquele que fizera cavaleiro era seu irmão, e porque acreditava estar em breve onde sua senhora estava, pois, ainda que a não visse, lhe seria de grande consolo ver o lugar onde estava, andou tanto naquela direção, por uma floresta, sem que povoado encontrasse, que anoiteceu; e ao fim de um tempo, viu ao longe uma luz que sobre as árvores aparecia, e dirigiu-se para lá, pensando encontrar lugar onde pernoitar. Desviou-se, pois, do caminho e, andando um pouco, chegou a uma formosa fortaleza, onde, numa torre, se viam às janelas aquelas luzes, que de velas eram, e onde ouviu vozes de homens e mulheres, como que cantando e fazendo festa. Chamou à porta, mas não o ouviram; daí a pouco, no entanto, os da torre espreitaram por entre as ameias e viram-no a chamar. E um cavaleiro disse-lhe:

– Quem sois, que a tal hora chamais?

E ele respondeu:

– Senhor, sou um cavaleiro estranho a esta terra.

– Bem parece que sois estranho – disse o do muro –, pois deixais de andar de dia e andais de noite; mas creio que o fazeis para não vos deparardes com alguma situação em que teríeis combater, pois agora não encontrareis senão os diabos.

Amadis disse-lhe:

– Se em vós algum bem houvesse, reconheceríeis que algumas vezes andam de noite os que não podem deixar de o fazer.

– Então ide-vos – disse o cavaleiro –, que não entrareis aqui.

– Assim Deus me ajude – disse Amadis –, eu cuido que não desejaríeis ninguém que algo valesse em vossa companhia. Mas, antes que me vá, queria saber que o vosso nome.

– Eu to direi – disse-lhe ele –, contando que, quando me encontrares, te batas comigo.

Amadis, que estava zangado, concedeu-lho. O cavaleiro disse:

– Sabei que o meu nome é Dardão, e que não podeis ter esta noite tanto mal que não seja pior o dia em que comigo vos encontrardes.

– Pois quero cumprir logo esta promessa! – disse Amadis – Iluminem-nos com

estas velas e combatamos.

– Como!?! – disse Dardão – Para ir a tal batalha havia eu agora de tomar armas como vós e demais assim de noite? Mal haja quem esporas calçasse e armas vestisse para nela ganhar honra!

Então afastou-se do muro e Amadis seguiu o seu caminho.

Aqui retrata o autor os soberbos e diz: Soberbos, que quereis? Que pensamento é o vosso? Rogo-vos que me digais: o corpo formoso, a grande valentia, o ardor de coração, por ventura o herdastes de vossos pais, ou o comprastes com as riquezas, ou o alcançastes nas escolas dos grandes sábios, ou o ganhastes por mercê dos grandes príncipes? Certo é que direis que não. Pois de onde vos veio? Parece-me a mim que daquele Senhor mui alto, de onde todas as cousas boas ocorrem e vêm. E a este Senhor, que agradecimentos e favores lhe dais em paga? Certamente nenhuns outros senão os de desprezar os virtuosos e desonrar os bons, maltratar os das suas ordens santas, matar os fracos com vossas grandes soberbas e muitos outros insultos contra o Seu serviço, crendo a vosso parecer que, assim como com isto ganhais a fama e a honra deste mundo, assim com uma pequena penitência no fim dos vossos dias a glória do outro ganhareis. Ó que pensamento tão vão e tão louco, o de, havendo passado vosso tempo em semelhantes cousas sem arrependimento, sem a satisfação que a vosso Senhor deveis, guardar tudo para aquela triste e perigosa hora da morte, que não sabeis quando nem de que forma virá! Direis vós que o poder e a graça de Deus são mui grandes, tal como a sua piedade: verdade é. Mas também assim havia de ser o vosso poder para forçar a tempo a vossa ira e sanha e vos afastar daquelas cousas que Ele tanto tem como detestáveis, para que, fazendo-vos dignos, dignamente o seu perdão pudésseis alcançar, considerando que não sem causa o cruel inferno foi por Ele estabelecido.

Mas quero eu agora deixar isto de lado, que não vedes, e raciocinar convosco no presente que havemos visto e lido. Dizei-me: por que razão foi derrubado do Céu para aquele fundo abismo aquele mau Lúcifer? Por mais nenhuma, senão pela sua grande soberba. E aquele forte gigante Membrot que primeiro toda a humanal linhagem senhoreou, por que foi de todos eles desamparado e, como animal bruto sem sentido algum, foram pelos desertos seus dias consumidos? Não foi por mais nada, senão porque, com sua grande soberba, quis fazer uma escada à maneira de caminho, pensando por ela subir e mandar nos céus. Pois por que diremos que foi por Hércules assolada e destruída a grande Troia, e morto aquele seu poderoso rei Laudemonte? Por mais nada, senão pela arrogante

embaixada que, por seus mensageiros, aos cavaleiros gregos enviou, que com salvo conduto ao porto de Simeonta chegaram. Muitos outros que por esta malvada soberba pereceram neste mundo e no outro contar-se poderiam, com que este juízo ainda mais autorizado fosse. Mas porque, sendo mais prolixo, mais difícil seria de ler, se deixa de contar. Somente se vos lembrará que, se estes que no céu e na terra, onde tão grande poder e honra tiveram, pela soberba foram perdidos, desonrados e danados, que fruto há naquelas vis palavras ditas por Dardão e por outros semelhantes? Que poder um ou os outros têm ou que lhes pode ocorrer? A história vo-lo mostrará adiante.

Partindo Amadis com grande ira daquele mui soberbo cavaleiro Dardão, foi-se pela floresta, procurando alguma mata propícia onde pudesse pernoitar. E assim estando, ouviu adiante de si falar, e indo rápido, esporeando mais o seu cavalo, avistou duas donzelas em seus palafreiros, e um escudeiro com elas. Ele aproximou-se e saudou-as. E elas lhe perguntaram de onde vinha a tal hora armado. Ele lhes contou quanto lhe acontecera desde que anoitecera.

– Sabeis vós – disseram elas – que nome tem esse cavaleiro?

– Sim, sei – disse ele –, pois ele mo disse, e disse que se chamava Dardão.

– É verdade – disseram elas – que ele se chama Dardão, o Soberbo, e é o mais soberbo cavaleiro que há nesta terra.

– Bem o creio – disse Amadis.

E as donzelas lhe disseram:

– Senhor cavaleiro, perto temos os nossos aposentos; ficai connosco.

Amadis aceitou e, indo juntos, chegaram a duas tendas armadas onde as donzelas haviam de pernoitar; e ali desmontaram e, desarmando-se Amadis, mui alegres ficaram as donzelas com sua formosura; cearam então com muito prazer, e ergueram para ele uma tenda onde dormisse e então perguntaram-lhe as donzelas onde ia.

– Para casa d’el-Rei Lisuarte – disse ele.

– E nós para lá vamos – disseram elas –, para ver o que acontecerá a uma dona que, à sua maneira, era uma das boas desta terra e demais, fidalga; e tudo quanto tem neste mundo meteu em prova de uma batalha, pela qual há de aparecer nestes dez dias perante el-Rei Lisuarte, acompanhada por quem faça por ela sua batalha. Mas não sabemos o que acontecerá, pois aquele contra quem se há de defender é agora o melhor cavaleiro que há na Grã-Bretanha.

– E quem é esse – perguntou Amadis – que tanto prezam de armas, onde tantos

bons há?

– Aquele mesmo de quem agora vos partistes – disseram elas –, Dardão, o Soberbo.

– Por que razão – perguntou ele – se tem de fazer essa batalha? Dizei-mo, assim Deus vos valha.

– Senhor – disseram elas –, este cavaleiro ama uma dona desta terra que foi filha de um cavaleiro que foi casado com essa outra dona, e a amada disse a seu amigo Dardão que jamais lhe teria amor se a não levasse a casa d’el-Rei Lisuarte e dissesse que todos os bens de sua madrastra deviam ser seus e que sobre esta razão combatesse com quem dissesse o contrário; e ele fê-lo tal como mandou sua amiga; e a outra dona não foi tão ajuizada como seria preciso e disse que apresentaria um seu defensor perante el-Rei, e isto fez pelo grande direito que tem, cuidando encontrar quem o mantivesse por ela; mas Dardão é tão bom cavaleiro de armas, que, sem razão ou com ela, todos temem combater com ele.

Amadis ficou mui alegre com estas novas, porque o cavaleiro fora contra ele soberbo e poderia vingar a sua ira, defendendo a justiça, e porque a batalha se faria diante da sua senhora Oriana; e começou a pensar nisso mui firmemente. As donzelas atentaram no seu cuidado e uma delas disse:

– Senhor cavaleiro, rogo-vos muito por cortesia que nos digais a razão do vosso pensamento, se boamente se pode dizer.

– Amigas – disse ele –, se me vós prometeis, como leais donzelas, de me ter a lealdade de o não dizer a ninguém, eu vos direi de bom grado.

Elas juraram-no e ele disse:

– Eu pensava combater por aquela dona que me dissestes, e assim o farei, mas não quero que ninguém o saiba.

As donzelas muito gostaram de o ouvir, pois tanto o haviam louvado em armas, e disseram:

– Senhor, o vosso pensamento é bom e de grande coragem; Deus mande que venha a bem.

E foram dormir para suas tendas; e pela manhã montaram e seguiram o seu caminho; e as donzelas rogaram-lhe, pois iam em viagem e naquela floresta andavam alguns homens de má vida, que não se separasse da sua companhia. Ele aceitou.

Então seguiram juntos, falando em muitas cousas e as donzelas rogaram-lhe, pois

que assim Deus os havia juntado, que lhes dissesse o seu nome. Ele disse-o e pediu-lhes que pessoa alguma o soubesse. Pois caminhando como ouvis, pernoitando em despovoados, sendo bem servidos em suas tendas com as provisões que as donzelas levavam, aconteceu-lhes verem dois cavaleiros armados debaixo de uma árvore, montados nos seus cavalos, e que se puseram diante deles no caminho; e um deles disse ao outro:

– Qual destas donzelas quereis vós, e eu tomarei a outra?

– Eu quero esta donzela – disse o cavaleiro.

– Pois eu esta outra.

E tomou cada um a sua.

Amadis disse-lhes:

– Que é isso senhores? Que quereis das donzelas?

Disseram eles:

– Fazer como elas o que fazemos com as nossas amigas.

– Tão levianamente as quereis levar – disse ele – sem ser a seu prazer?

– Pois quem no-las tirará? – disseram eles.

– Eu – disse Amadis –, se puder.

Então tomou o seu elmo, escudo e lança e disse:

– É bom que largueis as donzelas agora.

– Antes vereis – disse um – como sei justar.

E foram um contra o outro a grande galope dos cavalos e atacaram-se com suas lanças bravamente. O cavaleiro quebrou a sua, e Amadis atingiu-o tão duramente que o derrubou de cima do cavalo, a cabeça para baixo e os pés para cima e, quebrando-lhe os laços do elmo, pôs-lhe a cabeça a descoberto. O outro cavaleiro veio contra ele mui furioso e atacou-o de maneira que, atingindo-o na armadura, o feriu, mas a ferida não foi grande e quebrou a lança. Amadis não conseguiu atingi-lo, mas juntando-se um com o outro, com os cavalos e com os escudos, Amadis agarrou-o, tirou-o da sela e derrubou-o por terra, e assim ficaram os dois cavaleiros a pé e os cavalos soltos. Amadis tomou as donzelas e pô-las à sua frente e assim continuaram pelo seu caminho, até que chegaram a uma ribeira onde mandaram armar as suas tendas e que lhes dessem de comer; mas, antes que ele desmontasse, chegaram os cavaleiros com quem lutara e que lhe disseram:

– Convém que defendais as donzelas com a espada e com a lança, senão levá-las-emos.

– Não levareis – disse ele –, enquanto as puder defender.

– Pois deixai a lança – disseram eles – e façamos a batalha.

– Isso o farei eu – disse ele –, desde que venhais um a um.

E dando a sua lança a Gandalim, deitou mão à sua espada e foi a um deles, aquele que mais se prezava de lutar, e começaram a sua batalha; mas em pouco tempo ficou o cavaleiro tão maltratado, que o seu companheiro decidiu socorrê-lo, ainda que tivesse prometido não o fazer. Amadis, vendo-o, disse:

– Que é isso cavaleiro? Não mantendes a palavra? Sabei que vos desprezo.

O cavaleiro chegou folgado, e como era valente, deu grandes golpes a Amadis. Mas ele, que com ambos na batalha se via, não quis ser preguiçoso e golpeou aquele que folgado chegara com toda a sua força no elmo e, saindo o golpe de lado, baixou ao ombro e cortou-lhe as correias do arnês, com a carne e os ossos, fazendo-lhe cair a espada da mão. O cavaleiro teve-se por morto e começou a fugir; então Amadis foi-se ao outro e deu-lhe no escudo de lado, direito ao punho, e cortou-o tanto que chegou até à mão, fendendo-lha até ao braço e o cavaleiro disse:

– Ai, senhor, morto sou!

Então deixou cair a espada da mão e o escudo do colo; mas Amadis disse-lhe:

– Não adianta fazerdes isso, pois não vos deixarei se não jurares que nunca tomareis dona ou donzela contra sua vontade.

O cavaleiro jurou-o logo, e ele, mandando-lhe meter a espada na bainha e pôr o escudo ao colo, deixou-o ir à sua vida e tratar as suas feridas. Amadis voltou então para junto das donzelas, que estavam ao pé das tendas, e que lhe disseram:

– Certamente, senhor cavaleiro, desonradas teríamos sido se não fora por vós, em quem há mais bondade de armas do que cuidávamos; e em grande esperança estamos que não somente tirareis satisfação das soberbas palavras que Dardão vos disse, mas ainda a dona a tirará da grande afronta em que está posta, se a Fortuna quiser que por ela tomeis a batalha.

Amadis teve vergonha de assim o louvarem e, desarmando-se, comeram e descansaram um bocado. E tornando ao seu caminho, andaram tanto por ele que chegaram a um castelo; e aí pernoitaram, com uma dona que muita honra lhes fez. E no outro dia caminharam sem que lhes acontecesse nada para contar, até que chegaram a Vindilisora, onde estava el-Rei Lisuarte; e chegando perto da vila, disse Amadis às donzelas:

– Amigas, eu não quero ser reconhecido por ninguém, de maneira que, até que

venha o cavaleiro à batalha, ficarei aqui escondido em qualquer lado. Enviai-me um donzel que saiba onde estou e me chame quando for tempo disso.

– Senhor – disseram elas –, daqui até ao fim do prazo faltam apenas dois dias; se achardes bem, ficaremos nós convosco e teremos na vila quem nos diga quando o cavaleiro aí chegar.

– Assim se faça – disse ele.

Então afastaram-se do caminho e fizeram armar suas tendas junto a uma ribeira. As donzelas disseram então que iriam à vila e voltariam sem demora. Amadis montou no seu cavalo, assim desarmado como estava e, acompanhado por Gandalim, foram até um outeiro, donde lhes pareceu que poderiam ver melhor a vila; e ali perto havia um grande caminho. Amadis sentou-se ao pé de uma árvore e começou a olhar para a vila e, olhando as suas torres e os muros mui altos, disse no seu coração:

– Ai Deus! Onde estará ali a flor do mundo? Ai, vila, como estais agora em grande altura por estar em ti aquela senhora que entre todas as do mundo não tem par em bondade e formosura! E ainda digo que é mais amada do que todas as que amadas são, e isto provarei eu ao melhor cavaleiro do mundo, se ela mo permitisse!

Depois que sua senhora louvou, uma tão grande emoção lhe veio, que as lágrimas lhe vieram aos olhos e, com o coração desfalecido, caiu em grande meditação, ficando totalmente absorto, de tal maneira que nem de si nem de mais ninguém dava conta. Entretanto Gandalim, vendo vir pelo grande caminho uma companhia de donas e cavaleiros, e vendo que se dirigiam para onde o seu senhor estava, foi ter com ele e disse-lhe:

– Senhor, não vedes esta companhia que para aqui vem?

Não tendo ele respondido nada, Gandalim agarrou-o pela mão e puxou-o. Então ele acordou, suspirando mui fortemente, e com a face toda molhada de lágrimas; e Gandalim disse-lhe:

– Deus me valha, senhor, muito me pesa o vosso pensar, pois tomais tal cuidado como outro cavaleiro do mundo não tomaria; deveríeis ter dó de vós e ter mais ânimo, como nas outras cousas tendes.

Amadis disse-lhe:

– Ai, amigo Gandalim, como sofre meu coração! Se tu me amas, sabe que antes me aconselharias a morte do que viver em tão grande coita, desejando o que não vejo. Gandalim, que não se pôde impedir de chorar, disse-lhe:

– Senhor, isso é uma grande desgraça, um amor tão entranhado; mas, assim me

ajude Deus, eu creio que não há tão boa nem tão formosa que à vossa bondade em armas seja igual, e que a não tenhais.

Amadis, que isto ouviu, ficou mui zangado, e disse-lhe.

– Ah, louco sem sentimentos, como ousas dizer tal desvario? Haveria eu de valer, ou algum outro, tanto como aquela em quem todo o bem do mundo está? Se outra vez o disseres, não irás comigo nem mais um passo.

Gandalim disse.

– Limpai vossos olhos, para que não vos vejam assim aqueles que aí vêm.

– Como? – disse ele – vem alguém para aqui?

– Sim – disse Gandalim.

Então mostrou-lhe as donas e os cavaleiros que já perto do outeiro vinham. Amadis montou no seu cavalo e dirigiu-se a eles; saudando-os, e eles a ele, viu entre eles uma dona assaz formosa e bem arranjada que mui feramente chorava. Amadis disse-lhe:

– Dona, Deus vos torne mais alegre.

– E a vós dê honra – disse ela –; que a alegria mui afastada está agora de mim, se Deus não vem em meu auxílio.

– Que Deus o faça – disse ele –. Mas que coita é essa que tendes?

– Amigo – disse ela – tudo quanto tenho está na dependência e prova de uma batalha.

Ele entendeu logo que aquela era a dona de que lhe tinham falado e disse-lhe:

– Dona, tendes quem por vós a faça?

– Não – disse ela –, e o meu prazo termina amanhã.

– Pois como cuidais fazer? – disse ele.

– Perder quanto tenho – disse ela –, se em casa d’el-Rei não houver ninguém que tenha dó de mim e tome esta batalha por mercê e para repor a justiça.

– Deus vos dê bom remédio – disse Amadis –, que muito gostaria de a fazer, tanto por vós como porque não gosto desse que contra vós está.

– Deus vos faça bom homem – disse ela – e cedo vos dê a vós e a mim a vingança.

Amadis foi para as suas tendas, e a dona, com sua companhia, para a vila; pouco depois chegaram as donzelas e contaram-lhe como Dardão já estava na vila, bem preparado para fazer sua batalha. E Amadis lhes contou como tinha encontrado a dona e o que se tinha passado. Aquela noite descansaram, e pela alva, as donzelas levantaram-se e disseram a Amadis que iam à vila e que lhe enviariam dizer o que fazia o cavaleiro.

– Convosco quero ir – disse ele – para estar mais perto; e quando Dardão sair ao campo, venha uma dizer-mo.

E logo se armou e foram-se todos juntos; perto da vila, parou Amadis na orla da floresta e as donzelas foram-se.

Então, desceu de seu cavalo e, tirando o elmo e o escudo, ficou à espera. E seria isto ao nascer do sol.

A esta hora que ouvis cavalgou el-Rei Lisuarte com grande companhia de homens bons e foi-se a um campo que havia entre a vila e a floresta; e até ali veio Dardão, mui bem armado, sobre um formoso cavalo, trazendo a sua amiga pela rédea, o mais bem arranjada quanto ele pôde e, parando com ela diante d’el-Rei Lisuarte, disse:

– Senhor, mandai entregar a esta dona aquilo que deve ser seu; e se há cavaleiro que a isto se oponha, com ele combaterei.

El-Rei Lisuarte mandou logo chamar a outra dona; e, vindo ela perante ele, disse-lhe:

– Dona, haveis quem combata por vós?

– Senhor, não – disse ela chorando.

E el-Rei teve grande piedade dela, porque era boa dona. Dardão quedou-se na praça onde havia de esperar até à hora terça assim armado e, se não viesse a ele nenhum cavaleiro, dar-lhe-ia el-Rei sua sentença, porque assim era costume. Quando as donzelas assim o viram, foi uma delas apressadamente dizê-lo a Amadis. Ele então montou e, tomando suas armas, disse a Gandalim e à donzela que fossem por outro lado e que, se ele ganhasse com honra a batalha, que fossem para as tendas, que ali ele iria ter; e logo saiu da floresta todo armado e em cima de um cavalo branco, dirigindo-se até onde estava Dardão, adereçado com suas armas. Quando el-Rei e os da vila viram o cavaleiro sair da floresta, muito se maravilharam sobre quem seria, que ninguém o conseguiu reconhecer, mas dizendo todos que nunca tinham visto cavaleiro que tão formoso parecesse, armado e a cavalo. El-Rei disse à dona desafiada:

– Dona, quem é aquele cavaleiro que quer sustentar a vossa razão?

– Assim Deus me ajude – disse ela – não sei, que nunca o vi, que me lembre.

Amadis entrou no campo onde estava Dardão e disse-lhe:

– Dardão, agora defende a razão da tua amiga, que eu defenderei a outra dona com a ajuda de Deus. E cumprirei aquilo que te prometi.

– E que me prometeste? – disse ele.

– Que combateria contigo – disse Amadis –; e isto foi ao saber o teu nome, quando foste vil contra mim.

– Agora vos prezo menos do que antes – disse Dardão.

– E a mim não me pesa nada do que me digas – disse Amadis –, que estou perto de me vingar, assim Deus queira.

– Pois que venha a dona – disse Dardão –, dá-te por seu cavaleiro, e vinga-te, se puderes.

Então chegou el-Rei e os cavaleiros para ver o que se passava; e Dardão disse à dona:

– Este cavaleiro quer fazer a batalha por vós; concedei-lhe a vossa defesa?

– Concedo – disse ela –, e Deus lhe dê por isso bom prémio.

El-Rei olhou para Amadis e, vendo que tinha o escudo amolgado em muitos sítios e à volta cortado por golpes de espada, disse para os outros cavaleiros:

– Se aquele cavaleiro desconhecido pedisse um escudo, seria justo que lho dessem.

Mas Amadis tinha tanta vontade de combater com Dardão, que não pensava em mais nada, tendo aquelas sujas palavras que ele lhe dissera muito mais frescas e recentes na memória do que quando tinham acontecido; no que todos deviam tomar exemplo e pôr freio nas suas línguas, especialmente com aqueles que não conhecem, porque de maneira semelhante muitas vezes aconteceram grandes e notáveis cousas. El-Rei e todos os outros afastaram-se. E Dardão e Amadis foram um contra o outro de longe e, sendo os seus cavalos rápidos e ligeiros e eles de tão grande força, atingiram-se com suas lanças tão rijamente, que suas armaduras todas se amolgaram, mas, quebrando as lanças, nenhum ficou ferido; e eles juntaram os cavalos e os escudos tão rijamente que maravilha era; Dardão foi a terra naquele primeiro embate, mas com tanta sorte que levou as rédeas na mão, de modo que, passando por ele Amadis, Dardão rapidamente se levantou, montou de novo, com ligeireza, e deitou mão à sua espada mui bravamente. Quando Amadis virou o cavalo para ele, viu-o pronto a acometê-lo e, deitando também mão à espada, foram-se ambos acometer tão rijamente que todos se espantavam ao ver tal batalha; e as gentes da vila estavam pelas torres e pelas muralhas e pelos lugares de onde melhor os podiam ver combater; e sendo os aposentos da Rainha por cima da muralha, às suas muitas janelas estavam muitas donas e donzelas, vendo a batalha dos cavaleiros, que lhes parecia espan-

tosa de ver; pois eles se davam golpes por cima dos elmos que eram de fino aço, de maneira que a todos parecia que lhes ardiam as cabeças, atendendo ao grande fogo que deles saía, e dos arneses e das outras partes da armadura faziam cair em terra muitas peças e malhas e muitas faíscas dos escudos. Assim que a sua batalha era tão cruel, que mui grande espanto tomavam os que a viam; mas eles não paravam de se golpear por todo o lado, cada um mostrando ao outro a sua força e ardor. El-Rei Lisuarte, que os olhava, como quer que tivesse passado pessoalmente por muitas cousas de armas e visto outras por seus olhos, considerava que tudo tinha sido nada; e disse:

– Esta é a mais brava batalha que já se viu; quero ver que fim terá, e depois mandarei esculpir na porta de meu palácio a imagem daquele que a vitória conseguir, para que o vejam todos aqueles que desejarem ganhar honra.

Andando os cavaleiros com muito ardor na sua batalha, como ouvis, atacando-se com mui grandes golpes, sem descansar sequer um pouco, Amadis, que muita raiva tinha de Dardão, e que naquela casa daquele Rei, onde sua senhora estava, esperava morar, para que por seu mandado a servisse, vendo que o cavaleiro tanto o demorava, começou a carregar com grandes e duros golpes, como aquele que se alguma coisa valia, e ali mais que em qualquer outra parte onde sua senhora não estivesse o queria mostrar, de maneira que, antes que a hora terça chegasse, todos reconheceram que Dardão perdia a batalha, mas não porque não se defendesse bem, pois não havia ali outro tão valente que com ele ousasse combater. Mas tudo isto de nada lhe valia, pois o cavaleiro desconhecido cada vez aumentava mais em força e ardor; e golpeava-o tão fortemente como no início da batalha, de maneira que todos diziam que nada lhe falhava senão o seu cavalo, que já não era tão esforçado como seria preciso. Mas o mesmo acontecia com o do seu adversário, de modo que muitas vezes tropeçavam e se enrodilhavam os dois com eles, que muito a custo os conseguiam tirar dali; então Dardão, que cuidava melhor combater a pé do que a cavalo, disse a Amadis:

– Cavaleiro, os nossos cavalos nos falham, porque estão mui cansados, e isto faz durar muito a nossa batalha; e eu creio que, se andássemos a pé, já há um bom bocado que te teria vencido.

Isto dizia tão alto que el-Rei e quantos com ele estavam o ouviam. O cavaleiro desconhecido sentiu por isso grande vergonha, e disse:

– Pois tu crês que te defenderás melhor a pé do que a cavalo, desmontemos e defende-te, que bem precisas, ainda que não me pareça que um cavaleiro deva deixar o

seu cavalo enquanto nele se aguentar.

E assim, logo desceram dos cavalos sem mais tardar; e, tomando cada um o que lhe restava de seu escudo, com grande ardor se foram um ao outro, golpeando-se mui mais rijamente do que dantes, que era maravilha vê-los. Mas grande vantagem tinha o cavaleiro desconhecido, que se conseguia aproximar mais do outro, e lhe dava grandes e repetidos golpes, não o deixando descansar, ainda que visse que disso precisava, e muitas vezes o fazia girar de um lado para outro, e algumas vezes ajoelhar, de tal forma que todos diziam:

– Loucura fez Dardão quando pediu para desmontarem e combaterem a pé, pois o cavaleiro não conseguia chegar a ele em seu cavalo, que estava mui cansado.

Assim o cavaleiro desconhecido trazia à sua vontade Dardão, que já lutava mais para se defender dos golpes do que para atacar, e que se foi desviando para fora do campo, em direção aos aposentos da Rainha; e as donzelas e todos diziam que Dardão morreria, se persistisse mais na batalha. Quando estavam debaixo das janelas, diziam todos:

– Santa Maria, morto está Dardão!

Então Amadis, ouvindo falar a Donzela da Dinamarca e reconhecendo-a pela fala, olhou para cima, e viu a sua senhora Oriana, que estava numa janela com a donzela e, assim que a viu, a espada tremeu-lhe na mão, de tal forma que a sua batalha e todas as outras cousas se lhe escaparam. Dardão teve algum descanso e, vendo que o seu inimigo olhava para outro lado, agarrou a espada com ambas as mãos e deu-lhe um tal golpe por cima do elmo, que lho fez torcer na cabeça. Mas Amadis não lhe respondeu ao golpe, limitando-se a endireitar o seu elmo, e então Dardão começou a atacá-lo por todo lado. Amadis pouco o atacava, já que tinha o pensamento alterado por ver sua senhora. Nesta altura, começando Dardão a ficar em vantagem e ele a piorar, a Donzela da Dinamarca disse:

– Em má hora viu aquele cavaleiro cá alguma de nós, pois, perdendo-se, permitiu que recuperasse Dardão, que estava à hora da morte. Por certo, não deveria o cavaleiro em tal hora falhar.

Amadis, ouvindo isto, sentiu tão grande vergonha, que mais quisera estar morto, com o temor de sua senhora pensar que havia nele covardia; e foi-se então a Dardão e deu-lhe por cima do elmo um golpe tão forte, que o fez dar com as mãos em terra; e logo, agarrando-lhe no elmo, puxou-lho tão fortemente que lho tirou da cabeça, dando-lhe depois com ele tal golpe que o fez cair atordoado; então, dando-lhe com a maçã da espada

no rosto, disse-lhe:

– Dardão, morto estás, se a dona não dás vencida.

Ele disse-lhe:

– Ai, cavaleiro, misericórdia, não morra, que eu a dou por vencida!

Então aproximou-se el-Rei e os cavaleiros e o ouviram-no. Amadis, que estava com vergonha do que lhe acontecera, foi montar no seu cavalo e partiu a grande galope em direção à floresta. A amiga de Dardão, que logo também ali chegou, vendo-o em tão mau estado, disse-lhe:

– Dardão, de hoje em diante não me olhes como amiga; nem vós nem outro que no mundo exista, senão aquele bom cavaleiro que agora fez esta batalha.

– Como?! – disse Dardão – Por tua causa fui eu vencido e escarnecido, e queres abandonar-me por aquele que em teu dano e minha desonra foi? Por Deus, és bem mulher, que tal cousa dizes, mas eu te darei o prémio da tua traição.

E metendo a mão à espada que ainda tinha à cintura, deu-lhe com ela tal golpe que lhe fez cair a cabeça aos pés; mas logo em seguida, pensando um pouco, disse:

– Ai, desgraçado! Que fiz eu, que matei a cousa do mundo que mais amava! Mas logo vingarei sua morte!

E, agarrando a espada pela ponta, meteu-a em si, de forma que não lhe teriam podido acudir, ainda que o tentassem. E, como todos se aproximassem para o ver, por maravilha não foi ninguém atrás de Amadis para saber quem era. Mas aquela morte agradou muito a todos, porque, ainda que este Dardão fosse o mais valente e esforçado cavaleiro de toda a Grã-Bretanha, a sua soberba e mau carácter faziam com que não empregasse estas qualidades senão em prol da injúria de muitos, apoderando-se de cousas que não lhe pertenciam, prezando mais a sua força e grande ardor de coração do que o juízo do Senhor mui alto, que com mui pouco do seu poder faz com que os mui fortes pelos mui fracos vencidos e desonrados sejam.

CAPÍTULO XIV

Como el-Rei Lisuarte fez sepultar Dardão e a sua amiga, e mandou colocar na sua sepultura letras que diziam a maneira como foram mortos.

Vencida assim esta batalha em que Dardão e a sua amiga tiveram mortes tão cruéis, mandou el-Rei trazer dois monumentos e mandou-os pôr sobre leões de pedra, e ali puseram Dardão e a sua amiga, no campo em que a batalha acontecera, com letras que assinalavam o que se havia passado. Depois, a seu tempo, foi ali posto o nome daquele que o venceu, como adiante se dirá. E perguntou el-Rei o que era feito do cavaleiro desconhecido, mas não lhe souberam dizer, senão que se fora a grande galope para a floresta.

—Ai! — disse el-Rei —, quem tal homem em sua companhia haver pudesse! Pois que, para além da sua grande coragem, eu creio que é também mui comedido, pois todos ouvistes a afronta que lhe disse Dardão e, ainda que o tivesse em seu poder, não o quis matar; e bem creio eu que ele entendeu, pelos modos do outro, que não lhe teria mercê, se fosse ele a tê-lo em seu poder.

Nisto falando, voltou para o seu palácio, comentando ele e todos os outros o assunto do cavaleiro desconhecido. Oriana disse à Donzela da Dinamarca:

— Amiga, suspeito que aquele cavaleiro que aqui combateu é Amadis, que já tempo seria de chegar, pois que, tendo-lhe eu enviado mandado que viesse, não se deteria.

— Por certo — disse a donzela —, creio que é ele, e eu me deveria hoje ter lembrado disso quando vi o cavaleiro num cavalo branco, que sem falta um igual lhe deixei eu quando de lá parti.

Então disse:

— Reconhecestes que armas trazia?

— Não — disse Oriana —, que o escudo tinha perdido a pintura com os golpes, mas pareceu-me que tinha o campo de ouro.

— Senhora — disse a donzela —, na batalha d’el-Rei Abiés ele usou um escudo que tinha o campo de ouro e nele dois leões azuis levantados um contra o outro, mas esse escudo ficou ali todo desfeito, de modo que ele mandou fazer logo outro igual, e disse-me que o traria quando cá viesse, e creio que era aquele.

— Amiga — disse Oriana —, se é ele, ou virá ou enviará recado à vila; e vós ide por lá, mais longe do que costumais, para ver se encontráis seu mandado.

– Senhora – disse ela –, assim o farei.

E Oriana disse:

– Ai, Deus, que mercê me faríeis se fosse ele, porque agora poderia falar-lhe!

Assim combinaram as duas. E torna-se a contar de Amadis, do que lhe aconteceu. Quando Amadis partiu da batalha, foi-se pela floresta e escondeu-se tão bem que ninguém soube nada dele; de modo que chegou já tarde às tendas, onde encontrou Gandalim e as donzelas, que tinham preparado de comer; e, descendo do cavalo, logo o desarmaram; então as donzelas contaram-lhe como Dardão matara a sua amiga e depois se matara a si próprio e por qual razão. Ele benzeu-se muitas vezes de tão mau sucesso; e logo se sentaram a comer com muito prazer; mas Amadis nunca tirava da lembrança como faria saber a sua senhora a sua vinda e o que lhe mandava fazer. Levantadas as toalhas, levantou-se também e, afastando-se com Gandalim, disse-lhe:

– Amigo, vai à vila e arranja maneira de te encontrares com a Donzela da Dinamarca, e seja mui escondidamente, e diz-lhe como estou aqui e que me mande dizer o que devo fazer.

Gandalim decidiu, para ir mais escondido, ir a pé; e assim fez; e, chegando à vila, foi ao palácio do Rei, e não tardou muito até que viu a Donzela de Dinamarca, que não fazia senão ir e vir de um lado para o outro. Então ele aproximou-se dela e saudou-a; e ela, depois de o ter saudado a ele, olhou-o melhor e, vendo que era Gandalim, disse-lhe:

– Ai, meu amigo, sejas mui bem-vindo; onde está o teu senhor?

– Já hoje o vistes – disse Gandalim –, pois foi ele o que venceu a batalha; deixei-o naquela floresta escondido, e envia-me a vós para que lhe digais o que deverá fazer.

– Ele seja bem-vindo a esta terra – disse ela –, que a sua senhora ficará mui alegre com ele; então segue-me e, se alguém te perguntar, diz que vens da parte da Rainha da Escócia e que trazes novas suas a Oriana, e que vens procurar Amadis, que está nesta terra, para o acompanhar, e assim ficarás depois em sua companhia sem que ninguém suspeite de nada.

Assim entraram nos aposentos da Rainha, e a donzela disse para Oriana:

– Senhora, vedes aqui um escudeiro que vos traz mandado da Rainha da Escócia.

Oriana ficou mui alegre com isso, e muito mais quando viu que era Gandalim; o qual, ajoelhando-se diante dela, lhe disse:

– Senhora, a Rainha vos envia muito saudar como aquela que vos ama e preza, e a quem vossa honra muito toca e tudo faria para a acrescentar.

– Boa ventura haja a Rainha – disse Oriana -, e muito agradeço as suas saudações; vem comigo a esta janela e mais me contarás.

Então afastou-se com ele e, mandando-o sentar-se junto dela, perguntou-lhe:

– Amigo, onde deixaste o teu senhor?

– Deixei-o naquela floresta – disse ele –, para onde se dirigiu à noite, depois de vencer a batalha.

– Amigo – disse ela –, que é feito dele, por Deus?

– Senhora – disse ele – será feito o que vós quiserdes, pois é todo vosso e por vós morre, e sua alma padece o que nunca nenhum cavaleiro padeceu.

E, começando a chorar, disse:

– Senhora, ele não se afastará do vosso mandado por mal nem por bem que lhe venha; e por Deus, senhora, tende dele mercê, que a coita que até aqui sofreu não há outro no mundo que a pudesse sofrer; tanto, que muitas vezes esperei que caísse morto diante de mim, havendo já o coração desfeito em lágrimas; mas se ele tivesse a ventura de viver, passaria a ser o melhor cavaleiro que jamais armas trouxe; é certo que, tendo em conta as grandes cousas que realizou com honra desde que se tornou cavaleiro, já o é agora; mas teve pouca sorte quando vos conheceu, pois morrerá antes de seu tempo. E decerto mais lhe valera ter morrido no mar, onde foi lançado, sem que os seus parentes o tivessem reconhecido, pois que o veem morrer sem que o possam socorrer.

E não fazia senão chorar, dizendo:

– Senhora, cruel será esta morte de meu senhor e muitos se compadecerão dele, se assim, sem socorro algum, padecesse mais do que já passou.

Oriana, chorando e apertando as mãos e os dedos uns contra os outros, disse:

– Ai! amigo Gandalim, por Deus, cala-te, não me digas mais nada, que Deus sabe como me pesa se acreditas mesmo no que dizes! Que antes mataria eu o meu coração e todo o meu bem! E a sua morte desejaria eu tão dificilmente como quem um dia só não viveria se ele morresse; tu culpas-me a mim porque sabes a sua coita e não a minha, pois, se a soubesses, terias mais compaixão de mim e não me culparias; acontece que as pessoas não conseguem muitas vezes acorrer àquilo que desejam, antes lhes fica mais distante, ficando em seu lugar o que as agrava e entristece, e assim vem a mim de teu senhor, que, sabe Deus, se eu pudesse, com que vontade poria remédio a seus grandes desejos e meus.

Gandalim disse-lhe:

– Fazei o que deveis, se o amais, que ele vos ama sobre todas as cousas que hoje

são amadas; e, senhora, agora lhe ordenai o que faça.

Oriana mostrou-lhe uma horta que estava debaixo daquela janela onde falavam, e disse-lhe:

– Amigo, vai a teu senhor e diz-lhe que venha esta noite mui escondido e entre na horta, que é debaixo da câmara onde eu e Mabília dormimos, e que tem rente ao chão uma janela pequena com uma grade de ferro; por ali lhe falaremos, pois já Mabília conhece o meu coração.

E tirando um anel mui formoso de seu dedo, deu-o a Gandalim, para que o levasse a Amadis, porque gostava mais dele do que de qualquer outro anel que tivesse, e disse:

– Antes que te vás, irás falar com Mabília, que te saberá mui bem esconder, pois é mui sabida, e entre ambos direis que lhe trazeis novas de sua mãe, assim que não suspeitarão de nada.

Oriana mandou então chamar Mabília, para que viesse falar àquele escudeiro de sua mãe; a qual, quando viu Gandalim, bem entendeu a razão; e Oriana foi para junto da Rainha sua mãe, a qual lhe perguntou se aquele escudeiro regressaria em breve à Escócia, porque por ele enviaria presentes à Rainha.

– Senhora – disse ela –, o escudeiro vem ter com Amadis, o filho d’el-Rei de Gaula, o bom cavaleiro de quem aqui muito falam.

– E onde está ele? – disse a Rainha.

– O escudeiro diz – disse ela – que há mais de dez meses que soube novas que ele vinha para cá e maravilha-se por não o encontrar.

– Assim Deus me ajude – disse a Rainha –, a mim agradar-me-ia muito ver tal cavaleiro em companhia d’el-Rei, meu senhor, pois lhe daria muito descanso nos muitos feitos que de todo o lado lhe aparecem; e eu vos digo que, se ele aqui vier, não deixará de ser seu por cousa que pedir e el-Rei puder cumprir.

– Senhora – disse Oriana –, de sua cavalaria não sei mais do que dizem, mas digo-vos que ele era o mais formoso donzel que se conhecia no tempo em que na casa d’el-Rei da Escócia servia perante mim e Mabília e outras.

Mabília, que, entretanto, com Gandalim ficara, disse-lhe:

– Amigo, está já o teu senhor nesta terra?

– Senhora – disse ele –, sim; e manda-vos muito saudar como a prima do mundo que mais ama; foi ele o cavaleiro que aqui venceu a batalha.

– Ai, Senhor Deus – disse ela –, bendito sejas porque tão bom cavaleiro fizestes

na nossa linhagem e no-lo destes a conhecer!

E disse assim a Gandalim:

– Amigo, que é feito dele?

– Senhora – disse ele –, estaria bem, se não fosse a força de amor, que no-lo tem morto; e, por Deus, senhora, acorrei-lhe e ajudai-o, pois que, na verdade, se algum descanso não tem nos seus amores, perdido estará o melhor cavaleiro que há na vossa linhagem e em todo o mundo.

– Por mim, não lhe faltarei no que puder – disse ela; agora vai, saúda-o muito e diz-lhe que venha, tal como a minha senhora manda; e tu poderás falar connosco como escudeiro de minha mãe cada vez que for necessário.

Gandalim partiu-se de Mabilia com aquele recado que a seu senhor levava; e ele esperava-o entre a vida e a morte, segundo as novas que trouxesse, pois é certo que naquela altura estava tão coitado, que as suas forças não bastavam para se refrear; pois o grande descanso que havia recebido ao ver-se tão perto de onde a sua senhora estava se havia transformado em tão grande desejo de a ver e, com o desejo, em tanta coita e angústia, que estava à beira da morte; de modo que, assim que viu vir Gandalim, foi até ele, e perguntou-lhe:

– Amigo Gandalim, que novas me trazeis?

– Senhor, boas – disse ele.

– Viste a Donzela da Dinamarca?

– Sim, vi.

– E soubeste dela o que hei de fazer?

– Senhor – disse ele –, melhores são as novas do que vós pensais.

Ele estremeceu todo de prazer e disse:

– Por Deus, diz-mas depressa.

Gandalim contou-lhe tudo o que com a sua senhora se passara, e as falas que trocaram entre ambos, e o que a sua prima Mabilia lhe tinha dito, e a fala que concertada deixara, sem nada omitir. O grande prazer que ele com isto teve já o podeis imaginar; e disse a Gandalim:

– Meu verdadeiro amigo, tu foste mais sabido e ousado neste meu assunto do que eu teria sido, mas isso não é de maravilhar, pois ambas as cousas tem mui acabadamente teu pai; e agora diz-me se conheces o lugar onde me mandou que fosse.

– Sim, senhor – disse ele –, que Oriana mo mostrou.

– Ai, Deus! – disse Amadis –, com que serviço pagarei eu a esta senhora a grande mercê que me faz agora? Não sei porque me queixe da minha coita!

Gandalim deu-lhe então o anel, dizendo:

– Tomai este anel que vos envia vossa senhora, porque era o que ela mais amava.

Ele o tomou, vindo-lhe as lágrimas aos olhos e, beijando-o, pô-lo sobre o coração, e esteve um momento sem poder falar; depois meteu-o no dedo e disse:

– Ai, anel, como andaste naquela mão, que no mundo outra que tanto valesse não se poderia encontrar!

– Senhor – disse Gandalim – ide ter com as donzelas e mostrai-vos alegre, porque este cuidado vos destrói e poderá fazer muito dano nos vossos amores.

Ele assim o fez, e naquela ceia falou mais e com mais prazer do que costumava, do que elas ficaram mui alegres; pois este era o cavaleiro do mundo mais gracioso e agradável quando o pensamento e o pesar não lhe davam estorvo; à a hora do dormir, deitaram-se nas suas tendas como era costume; mas, chegando o momento próprio, Amadis levantou-se e, vendo que Gandalim tinha já os cavalos selados e as suas armas preparadas, armou-se, pois não sabia o que lhe poderia acontecer; então montaram e foram para a vila; chegando a umas árvores que estavam perto da horta que Gandalim tinha visto nesse dia, desmontaram, deixaram ali os cavalos e foram a pé, entrando na horta por uma passagem que as águas tinham feito; chegando então ambos à janela, chamou Gandalim mui baixinho. Oriana, que não tinha pensado em dormir, ouviu-o, levantou-se, chamou Mabília, e disse-lhe:

– Creio que está aqui o vosso primo.

– Meu primo é ele – disse ela -, mas vós haveis nele mais favor que toda a sua linhagem.

Então foram ambas à janela e, pondo dentro umas velas que grande luz davam, abriram-na. À luz das velas viu Amadis a sua senhora, parecendo-lhe tão bem que ninguém acreditaria que tal formosura em nenhuma mulher do mundo poderia caber. Ela estava vestida com umas roupas de seda azul, trabalhada com muitas e espessas flores de ouro, e estava em cabelo, que o tinha mui fermoso à maravilha, coberto apenas por uma grinalda mui rica; quando Amadis assim a viu, estremeceu todo com o grande prazer que teve em vê-la; e o coração saltava-lhe muito, sem conseguir sossegar. Quando Oriana assim o viu, chegou-se à janela, e disse:

– Meu senhor, sede mui bem-vindo a esta terra, pois muito vos desejamos, e mui

grande prazer tivemos com as vossas boas e novas venturas, tanto nas armas como no conhecimento de vosso pai e vossa mãe.

Amadis, quando isto ouviu, ainda que tonto se sentisse, chamando a si mais forças do que para qualquer outro combate, disse:

– Senhora, se minha discrição não bastar para satisfazer a mercê que me dizeis e a que me fizestes no recado da Donzela da Dinamarca, não vos maravilheis por isso, porque o coração, mui turvado e preso de demasiado amor, não deixa a língua no seu livre poder; e porque assim como com vossa saborosa lembrança todas as cousas subjugar penso, assim com vossa vista sou subjogado, sem sobrar em mim sentido algum para que no meu livre poder seja; e se eu, minha senhora, fosse tão digno ou os meus serviços o merecessem, pedir-vos-ia piedade para este tão atribulado coração, antes que ele todo com lágrimas seja desfeito; e a mercê, senhora, que vos peço, não é para meu descanso, pois as cousas verdadeiramente amadas, quanto mais delas se alcança, muito mais o desejo e o cuidado aumentam e crescem, mas porque, acabando de todo, acabaria aquele que não pensa noutra cousa senão em vos servir.

– Meu senhor – disse Oriana –, tudo o que me dizeis creio eu sem dúvida, porque o meu coração, no que sente, me mostra ser verdade; mas digo-vos que não me parece sensato o que fazeis, ao tomar tal coita como Gandalim me disse, porque disso não pode resultar senão o ser causa de se descobrirem nossos amores, de que tanto mal nos poderia ocorrer, o que, acabando a vida de um, a do outro sustentar-se não poderia. E por isto vos ordeno, por aquele poder que sobre vós tenho, que, pondo temperança em vossa vida, a punhais na minha, que nunca pensa senão em buscar maneira de vossos desejos terem descanso.

– Senhora– disse ele -, em tudo farei eu vosso mandado, salvo naquilo para o qual as minhas forças não bastam.

– E o que é? – perguntou ela.

– O pensamento – disse ele –, pois meu juízo não pode resistir àqueles mortais desejos, pelos quais é atormentado cruelmente.

– Nem eu digo que de todo o afasteis – disse ela –, mas que seja com aquela medida que vos não deixe assim perecer perante os homens bons, porque, pondo assim a vida em risco, já conheceis o que se ganhará, como tenho dito; e, meu senhor, peço-vos que fiquéis com meu pai, se ele vo-lo rogar, para que as cousas que vos sucederem façais por meu mandado; e de aqui em diante falai comigo sem vergonha, dizendo-me as cousas

que vos mais agradarem, que eu farei o que me for possível.

– Senhora – disse ele -, eu sou vosso e por vosso mandado vim: não farei senão aquilo que mandais.

Mabília aproximou-se e disse:

– Senhora, deixai-me ter também alguma parte desse cavaleiro.

– Vinde – disse Oriana –, que quero vê-lo enquanto com ele falais.

Então disse-lhe:

– Senhor primo, sede mui bem-vindo, que grande prazer nos haveis dado.

– Senhora prima – disse ele -, e vós mui bem-vinda, que em qualquer parte que vos visse era obrigado a vos querer e amar, e muito mais nesta, onde, acatando o que é devido, haveis piedade de mim.

Disse ela:

– Em vosso serviço porei eu a minha vida e meus serviços; mas bem sei, segundo o que desta senhora conheço, que escusados podem ser.

Gandalim, que a manhã via chegar, disse:

– Senhor, ainda que vos não agrade, o dia, que vem próximo, nos obriga a partir daqui.

Oriana disse:

– Senhor, então ide-vos, e fazei como vos disse.

Amadis, tomando-lhe as mãos, que pela grade da janela Oriana fora tinha a fim de lhe limpar com elas as lágrimas que pelo rosto lhe caíam, e beijando-lhas muitas vezes, afastou-se delas; e cavalgando em seus cavalos, chegaram antes que a alva rompesse nas tendas, onde, desarmando-se, se deitou no seu leito sem que de ninguém sentido fosse. As donzelas levantaram-se e uma ficou para fazer companhia a Amadis e a outra foi-se à vila; e sabeis que ambas eram irmãs e primas direitas da dona por quem Amadis a batalha fizera. Amadis dormiu até ao sol romper, altura em que se levantou, chamou Gandalim e mandou-o ir à vila, tal como sua senhora e Mabília lhe tinham mandado. Gandalim foi-se e Amadis ficou falando com a donzela; e não tardou muito que viu vir a outra que à vila fora, chorando fortemente e em grande pressa no seu palafrém. Amadis disse-lhe:

– Que é isso, minha boa amiga? Quem vos fez pesar? Pois que, por Deus, ele será mui bem corrigido, se antes não morrer.

– Senhor – disse ela -, em vós está todo o remédio.

– Agora dissei-mo – disse ele –, e, se vos eu não fizer justiça, não mais façais

companhia a cavaleiro desconhecido.

Quando isto ouviu, a donzela disse-lhe:

– Senhor, a dona nossa prima, por quem a batalha fizestes, está presa, pois el-Rei lhe ordena que mande ali ir o cavaleiro que por ela combateu; se não, que não sairá da vila de nenhuma maneira; e vós bem sabeis que o não pode fazer, pois nunca soube nada de vós; e el-Rei vos manda procurar por todo o lado, mui irado contra ela, crendo que estais escondido com o seu conhecimento.

– Mais quisera que as cousas se passassem de outra maneira – disse ele –, porque eu não sou de tanta nomeada que seja digno de me dar conhecer a tão alto homem; e também vos digo que, ainda que todos os de sua casa me encontrassem, eu não daria um passo para lá ir, senão à força; mas não posso deixar de fazer o que quiserdes, pois muito vos amo e prezo.

Elas ajoelharam-se diante dele, agradecendo-lho muito.

– Então que vá uma de vós vá à dona – disse ele – e diga-lhe que faça el-Rei prometer que não pedirá nada ao cavaleiro contra sua vontade, e eu lá estarei amanhã à hora terça.

A donzela se tornou logo e disse-o à dona, que com isto mui alegre ficou, e foi-se diante d`el-Rei e disse-lhe:

– Senhor, se outorgais que não pedireis nada ao cavaleiro contra sua vontade, ele estará aqui amanhã à hora terça; e se não, nem o haverei eu, nem vós o conhecereis, pois juro, por Deus, que não sei quem ele é, nem por qual razão por mim quis combater.

El-Rei lho concedeu, pois grande desejo tinha de o conhecer. Com isto foi-se a dona, e as novas soaram pelo palácio e pela vila dizendo: aqui estará amanhã o bom cavaleiro que a batalha venceu. E todos haviam com isso grande prazer, porque detestavam Dardão pela sua soberba e mau caráter; e a donzela voltou para junto de Amadis e disse-lhe como o pacto fora outorgado por el-Rei, como a dona tinha pedido.

CAPÍTULO XV

Como Amadis se deu a conhecer a el-Rei Lisuarte e aos grandes da sua corte e foi por todos mui bem-recebido

Amadis descansou aquele dia com as donzelas, e no dia seguinte pela manhã armou-se e, cavalgando em seu cavalo, levando consigo apenas as donzelas, dirigiu-se à

vila. El-Rei estava no seu palácio, já que não sabia por onde o cavaleiro viria. Amadis foi aos aposentos da dona, a qual, quando o viu, caiu de joelhos diante ele, e disse:

– Ai, senhor, tudo quanto eu tenho vós mo destes!

Ele levantou-a e disse:

– Dona, vamos perante el-Rei e, tendo vós cumprido a vossa promessa, serei eu livre para voltar onde tenho de ir.

Então, tirou o elmo e o escudo, tomou consigo a dona e as donzelas e foi-se ao palácio; e por onde passavam todos diziam:

– Este é o bom cavaleiro que venceu Dardão.

El-Rei, ouvindo isto, saiu a ele com grande companhia de cavaleiros e, quando o viu, dirigiu-se a ele com os braços estendidos, e disse-lhe:

– Amigo, sede bem-vindo, pois muito vos havemos desejado.

Amadis ajoelhou perante ele e disse-lhe:

– Senhor, Deus vos mantenha em honra e alegria.

El-Rei tomou-o pela mão e disse-lhe:

– Por Deus, eu vos tenho pelo melhor cavaleiro do mundo.

– Senhor – disse ele –, com mais razão se pode dizer serdes vós o rei que no mundo mais vale; mas, dizei-me, a dona está livre?

– Sim – disse ele –, e tanto vos deve agradecer terdes aparecido como a batalha que fizestes; pois não sairia desta vila até que aqui vos trouxesse.

– Senhor – disse Amadis –, todas as cousas que fizerdes fareis com justiça, mas acreditai que a dona nunca soube quem a batalha fez senão agora.

Muito se maravilharam todos com a grande formosura deste Amadis e de como, sendo tão moço, tinha conseguido vencer Dardão, que tão valente e esforçado era que em toda a Grã-Bretanha o receavam e temiam. Amadis disse a el-Rei:

– Senhor, pois a vossa vontade está então satisfeita e a dona livre, despeço-me e que Deus vos proteja, ainda que vós sejais o rei do mundo a quem eu mais gostaria de servir.

– Ai, amigo! – disse el-Rei –, essa ida não fareis vós tão depressa, se me não quiserdes causar grande pesar.

Disse ele:

– Deus me guarde disso; antes, assim Deus me ajude, tenho no coração a ideia de vos servir, se eu fosse digno de o merecer.

– Pois que assim é – disse el-Rei –, rogo-vos muito que fiqueis hoje aqui.

Ele acedeu, mas sem mostrar que lhe prazia. El-Rei tomou-o então pela mão e levou-o a uma formosa câmara onde o fez desarmar e onde todos os outros reputados cavaleiros, que ali em grande número acorriam, se desarmavam, pois este era o rei do mundo que mais os honrava e mais os tinha em sua casa; e ordenou que lhe dessem um manto que o cobrisse; e, chamando el-Rei Arbão de Norgales e o Conde de Glocestre, disse-lhes:

– Cavaleiros, fazei companhia a este cavaleiro, que bem parece ser da companhia de homens bons.

Então foi ter com a Rainha e disse-lhe que tinha em sua casa o bom cavaleiro que a batalha vencera.

– Senhor – disse a Rainha –, muito me apraz. E sabeis o seu nome?

– Não – disse el-Rei –, pela promessa que fiz não ousei perguntar-lhe.

– Por ventura – disse ela –, será o filho d’el-Rei Perião de Gaula?

– Não sei – disse el-Rei.

– Aquele escudeiro que com Mabília está falando – disse a Rainha – anda à procura dele e diz que soube novas que vinha a esta terra.

El-Rei mandou-o chamar e disse-lhe:

– Vinde atrás de mim e saberei se conheceis um cavaleiro que está aqui no meu palácio.

Gandalim foi com el-Rei e, como sabia o que havia de fazer, logo que viu Amadis, pôs-se de joelhos diante dele, e disse:

– Ai, senhor Amadis, há muito que vos procuro!

– Amigo Gandalim – disse ele –, sejas bem-vindo. E que novas há d’el-Rei da Escócia?

– Senhor – disse ele –, muito boas, e de todos os vossos amigos.

Ele foi abraçá-lo e disse:

– Agora, meu senhor, não tendes mais necessidade de vos esconder, pois vós sois aquele Amadis, filho d’el-Rei Perião de Gaula, e o vosso conhecimento e dele foi quando matastes em batalha aquele afamado rei Abiés da Irlanda, restituindo-lhe o seu reino, que já quase perdido tinha.

Então chegaram-se todos para o ver mais do que antes, pois já dele sabiam ter feito tais cousas em armas que outro nenhum podia fazer. Assim passaram aquele dia,

fazendo-lhe todos muita honra; chegada a noite, el-Rei Arbão de Norgales, levou-o consigo para os seus aposentos, por conselho d'el-Rei, que lhe disse que se esforçasse muito para o fazer ficar em sua casa. Assim, aquela noite pernoitou Amadis com el-Rei Arbão de Norgales, mui bem servido e a seu prazer. El-Rei Lisuarte falou com a Rainha, dizendo-lhe como não conseguia reter Amadis e que tinha muita vontade que um homem tão assinalado no mundo ficasse em sua casa, que com tais eram os príncipes mui honrados e temidos, e que não sabia que maneira arranjar para isso.

– Senhor – disse a Rainha -, mal ficaria a tão grande homem como vós que, vindo tal cavaleiro a vossa casa, dela se partisse sem lhe concederdes tudo quanto ele pedir.

– Não me pede nada – disse el-Rei -, que tudo lho concederia.

– Pois eu vos direi como será: rogai-lho, ou alguém de vossa parte; e se não aceitar, dizei-lhe que me venha ver antes de partir, e rogar-lho-ei eu, com minha filha Oriana e com sua prima Mabília, que o conhecem bem, desde o tempo que era donzel e as servia; e dir-lhe-ei que, já que todos os outros cavaleiros são vossos, queremos que ele seja nosso para o que precisarmos.

– Mui bem o dizeis – disse ele –, desse modo, sem dúvida ficará; e se não o fizesse, com razão poderíamos dizer ser mais falho de educação do que grande de valentia.

El-Rei Arbão de Norgales falou aquela noite com Amadis, mas não conseguiu que ele lhe desse nenhuma esperança de que ficaria; no outro dia foram ambos ouvir missa com el-Rei e, depois que foi dita, Amadis foi despedir-se d'el-Rei; e el-Rei disse-lhe:

– Por certo, amigo, muito me pesa a vossa partida, mas, pela promessa que fiz, não ousou pedir-vos nada que não sei se vos pesaria; mas a Rainha tem vontade que a vejais antes de partirdes.

– Isso farei de bom grado – disse ele.

Então tomou-o pela mão, foi-se onde a Rainha estava e disse-lhe:

– Eis aqui o filho d'el-Rei Perião de Gaula.

– Assim Deus me salve, senhor – disse ela –, tenho muito prazer e que ele seja mui bem-vindo.

Amadis quis beijar-lhe as mãos, mas ela fê-lo sentar-se junto a si, e el-Rei voltou para junto dos seus cavaleiros, que muitos deixara à porta; a Rainha falou com Amadis sobre muitas cousas, e ele respondia-lhe muito sagazmente, e as damas e donzelas ficavam mui maravilhadas ao ver a sua grande formosura; mas ele não podia erguer os olhos sem procurar a sua senhora Oriana; Mabília veio abraçá-lo, como se não o tivesse ainda

visto. Então a Rainha disse à sua filha:

– Recebei vós este cavaleiro que vos tão bem serviu quando era donzel e servirá agora quando cavaleiro, se lhe não falta cortesia, e ajudai-me todas a rogar o que eu lhe pedir.

Então disse:

– Cavaleiro, el-Rei, meu senhor, queria muito que ficásseis com ele e não o conseguiu, de modo que agora quero ver quanto mais favor conseguem dos cavaleiros as mulheres do que os homens; rogo-vos, pois, que sejais meu cavaleiro e de minha filha e de todas estas que aqui vedes; com isto fareis cortesia e evitareis que nos confrontemos com el-Rei, não lhe pedindo mais nenhum cavaleiro para as nossas cousas, pois, tendo-vos a vós, todos os seus poderemos escusar.

E, indo todas rogar-lho, Oriana fez-lhe sinal com o rosto que acesse; a Rainha disse-lhe:

– Pois cavaleiro, que fareis deste nosso pedido?

– Senhora – disse ele –, quem faria outra cousa senão o vosso mandado, pois sois a melhor rainha do mundo e destas senhoras todas? Eu, senhora, ficarei, pelo vosso pedido e de vossa filha e depois de todas as outras; mas digo-vos que não serei de mais ninguém senão vosso. E se a el-Rei em algo servir, será como vosso e não como seu.

– Assim vos recebemos eu e todas as outras – disse a Rainha.

Logo o mandou dizer a el-Rei, o qual ficou mui alegre; mandou então pedir a el-Rei Arbão de Norgales que o trouxesse e ele assim o fez; e vindo até ele, abraçando-o com grande amor, disse-lhe:

– Amigo, agora estou mui alegre por ter conseguido isto que tanto desejava, e por certo tenho vontade que de mim recebais mercês.

Amadis teve-lho por assinalada mercê. Desta maneira que ouvis ficou Amadis em casa d’el-Rei Lisuarte por mandado de sua senhora.

Aqui o autor deixa de falar disto e torna a história a falar de D. Galaor. Partido D. Galaor da companhia do Duque de Bristoia, onde tanto mal lhe causara o anão, seguiu por aquela floresta a que chamavam Arnida e andou até cerca da hora de vésperas, sem saber onde estivesse, nem encontrar povoado algum; e àquela hora alcançou ele um gentil escudeiro que ia em cima de um mui galante rocim; o cavaleiro Galaor, que uma mui grande e terrível ferida levava, a qual lhe tinha feito um dos três cavaleiros que o anão trouxera à barca, e que tinha piorado muito ao cumprir a sua vontade com a donzela,

disse-lhe:

– Bom escudeiro, saberíeis dizer-me onde poderia ser curado de uma ferida?

– Um lugar sei eu – disse o escudeiro –, mas ali não ousam ir tais como vós; e se vão, saem escarnecidos.

– Deixemos isso – disse ele –. Haveria lá quem da ferida me curasse?

– Antes creio que encontrareis quem outras vos faça – disse o escudeiro.

– Mostrai-me onde é – disse Galaor –, e verei isso com que me quereis amedrontar.

– Isso não farei eu, se não quiser – disse ele.

– Ou tu mo mostrarás – disse Galaor –, ou eu farei com que mo mostres, pois és tão vilão que cousa que em ti se faça a mereces com razão.

– Não podeis vós fazer cousa nenhuma – disse ele – com a qual eu dê prazer a tão mau cavaleiro e tão sem virtude.

Galaor deitou mão à espada para lhe meter medo e disse:

– Ou tu me guiarás ou deixarás aqui a cabeça.

– Eu vos guiarei onde a vossa loucura seja castigada – disse o escudeiro – e eu vingado do que me fazeis.

Então foi pelo caminho e Galaor atrás dele, mas fora do caminho; e andando cerca de uma légua, chegaram a uma formosa fortaleza, que era num vale coberto de árvores.

– Vedes aqui o lugar que vos disse – disse ele –, deixai-me agora ir.

– Vai-te – disse ele –, que pouco me agrada a tua companhia.

– Menos vos agradará ela dentro em pouco – disse ele.

Galaor dirigiu-se para a fortaleza e viu que era nova; e chegando à porta, viu um cavaleiro bem armado em seu cavalo e com cinco peões também armados, e disseram a Galaor:

– Sois vós aquele que traz o nosso escudeiro preso?

– Não sei quem é o vosso escudeiro – disse ele –, mas eu obriguei um a vir até aqui, que era o pior e de mais má vontade que jamais vi.

– Bem pode ser esse – disse o cavaleiro –, mas vós, que quereis daqui?

– Senhor – disse Galaor –, ando mal chagado de uma ferida e queria que me curassem dela.

– Pois entrai – disse o cavaleiro.

Galaor seguiu em frente, mas os peões atacaram-no por um lado e o cavaleiro pelo

outro, e foi-se a ele um vilão, mas Galaor, tirando-lhe das mãos um machado, voltou ao cavaleiro e deu-lhe com ele tão grande golpe que não houve mais necessidade de físico; e deu nos peões de tal maneira que matou três deles e os outros dois fugiram para o castelo, com Galaor atrás deles, mas então o seu escudeiro disse-lhe:

– Tomai, senhor, vossas armas, que mui grande reboiço oiço no castelo.

Ele assim o fez e o escudeiro, tomando um escudo dos mortos e um machado, disse:

– Senhor, contra os vilãos ajudar-vos-ei, mas em cavaleiro não porei mão, pois perderia para sempre a possibilidade de ser cavaleiro.

Galaor disse-lhe:

– Se eu encontrar o bom cavaleiro que procuro, depressa te farei cavaleiro.

E logo seguiram em frente; então viram vir dois cavaleiros e dez peões, e vinham chamados pelos dois que tinham fugido; e o escudeiro que ali guiara Galaor estava numa janela, dando gritos e dizendo:

– Matai-o, matai-o, mas guardai o cavalo e será para mim.

Galaor, quando isto ouviu, sentindo grande sanha, correu no seu cavalo contra eles e eles contra ele, e quebraram as suas lanças, mas aquele que Galaor atingiu não precisou mais de pegar em armas; voltou-se então contra o outro com a espada na mão, com grande ardor e, ao primeiro golpe que lhe deu, derrubou-o do cavalo; voltou-se em seguida mui rapidamente contra os peões e, vendo como o seu escudeiro havia morto dois deles, disse-lhe:

– Morram todos, que traidores são.

E assim o fizeram, que nenhum escapou. Quando isto viu o escudeiro que à janela estava a olhar, começou a subir com grande pressa a uma torre por uma escada, dizendo aos gritos:

– Senhor, armai-vos; se não, morto sois.

Galaor dirigiu-se para a torre, mas, antes que chegasse, viu vir um cavaleiro todo armado, e ao pé da torre lhe tinham um cavalo e estava a começar a montar. Galaor, que do seu descera porque não tinha conseguido entrar por um portal, chegou-se a ele e, travando-o pela rédea, disse:

– Cavaleiro, não monteis, sem antes garantirdes a minha segurança.

O cavaleiro virou para ele o rosto e disse:

– Vós sois aquele que matou os meus primos e a gente deste meu castelo?

– Não sei de quem falais – disse Galaor –, mas digo-vos que aqui encontrei a pior gente e a mais falsa que já vi.

– Por boa fé – disse o cavaleiro –, aquele que vós matastes melhor é que vós, e vós o pagareis mui caro.

Então foram um contra o outro assim a pé como estavam e fizeram a sua batalha mui crua, pois o do castelo era mui bom cavaleiro, e não havia homem que o visse que não se maravilhasse; e assim andaram lutando um grande bocado. Mas o cavaleiro, não podendo já sofrer os grandes e duros golpes de Galaor, começou a fugir e ele atrás dele, e assim foi até debaixo de um portal, pensando saltar de uma janela para um adarve, mas com o peso das armas não conseguiu saltar para onde queria e caiu numas pedras mais abaixo, e tão alto era que se fez em pedaços; Galaor, quando assim o viu cair, voltou atrás, maldizendo o castelo e os seus moradores. Assim estando, ouviu gritos numa câmara, que chamavam:

– Senhor, por mercê, não me deixeis aqui!

Galaor chegou à porta e disse:

– Pois abri.

De dentro disseram:

– Senhor, não posso, que estou presa por uma corrente.

Galaor deu um pontapé na porta e, derrubando-a, entrou dentro, deparando então uma formosa dama que tinha à garganta uma corrente grossa, e que lhe disse:

– Senhor, que é feito do senhor do castelo e da outra gente?

Ele disse:

– Estão todos mortos. E que ele apenas viera ali buscar quem de uma ferida o curasse.

– Eu vos curarei – disse ela –; tirai-me deste cativo.

Galaor quebrou o cadeado e tirou a dona da câmara; mas antes ela tirou de uma arquinha dois frascos que o senhor do castelo ali tinha com outras cousas para aquele fim; e indo ambos até à porta do castelo, ali encontrou Galaor o primeiro com quem combatera, que ainda se mexia, de modo que passou o seu cavalo por cima dele um bocado, saindo então para fora do castelo. Galaor olhou então para a dona e, vendo que era formosa à maravilha, disse-lhe:

– Senhora, eu vos libertei da prisão e estou nela caído, se vós não me acorreis.

– Acorrerei – disse ela – em tudo o que mandardes; que, se de outra maneira fizesse, ingrata seria, atendendo à grande tribulação de que me tirastes.

Com estas tais razões amorosas e de boa vontade, e com as manhas de D. Galaor e as da dona, que por ventura a elas conformes eram, puseram em obra aquilo que não sem grande embaraço deve ser em escrito posto; finalmente, naquela noite pernoitaram na floresta com uns caçadores, nas suas tendas, e ali o curou a dona da ferida e do bom desejo que lhe havia mostrado; e contou-lhe como, sendo ela filha de Lelois, o Flamengo, a quem el-Rei Lisuarte havia então dado o condado de Clara, e de uma dona que tivera por amiga, «e estando – disse ela – com minha mãe num mosteiro que é perto daqui, aquele soberbo cavaleiro que matastes me pediu em casamento; e porque meu pai o desprezou, aguardou um dia em que eu folgava com outras donzelas, tomou-me e levou-me para aquele castelo; e, pondo-me naquela mui áspera prisão, disse-me:

– Vós me recusastes como marido, e a minha fama e honra foi por vós rebaixada, por isso digo-vos que daqui não saireis até que vossa mãe e vós e os vossos parentes me roguem que vos tome por mulher.

E eu, que mais que outra cousa no mundo o desamava, tomei por melhor remédio, confiando na mercê de Deus, estar ali naquela pena algum tempo, do que para sempre a sofrer, estando com ele casada».

– Pois, senhora – disse Galaor –, que farei eu de vós, já que ando por muitos caminhos em cousas nas quais vos seria penoso acompanhar-me?

– Que me leveis ao mosteiro onde está minha mãe – disse ela.

– Pois guiai-me – disse Galaor –, e eu vos seguirei.

Então entraram no caminho e chegaram ao mosteiro antes do sol posto, onde tanto a donzela como Galaor foram com muito prazer recebidos, e muito melhor desde que a donzela lhes contou as estranhas cousas que em armas haviam sucedido. Ali repousou Galaor a rogo daquelas senhoras.

O autor aqui deixa de contar isto e torna a falar de Agrajes, e do que lhe sucedeu depois que veio da guerra de Gaula.

CAPÍTULO XVI

Em que se trata do que Agrajes viu depois que veio da guerra de Gaula e de algumas cousas que fez.

Agrajes, regressado da guerra de Gaula no tempo em que Amadis, tendo morto em batalha el-Rei Abiés de Irlanda, tinha conhecido seu pai e mãe, como vos foi contado, e preparando-se para passar à Noruega, onde sua senhora Olinda estava, foi um dia à caça. E estando na costa do mar, em cima de uma pedra, subitamente um granizo com grandíssimo vento sobreveio, que fez o mar embravecer-se de colossal maneira; no qual viu uma nau, revolvida muitas vezes pela força das ondas e em perigo de se afundar. Movidado de grande piedade, e como a noite caía, mandou acender grandes fogueiras, para que o sinal delas pudesse contribuir para a salvação da gente da nau, esperando ele ali o desfecho daquele grande perigo. Finalmente, a força dos ventos, a sabedoria dos marinheiros e, sobretudo, a misericórdia do verdadeiro Senhor, fizeram chegar aquela fusta, que muitas vezes por perda se teve, ao porto, sendo salva. De onde, retiradas algumas donzelas mui perturbadas pelo presente perigo, a Agrajes, que em cima das rochas estava gritando a seus monteiros que com grande diligência os ajudassem, foram entregues, o qual as enviou a umas casas perto de onde seu albergue tinha.

Pois saída a gente da nau e instalados naquelas casas, depois de haverem ceado ao redor das grandes fogueiras que Agrajes lhes tinha mandado fazer, mui profundamente dormiam. Neste meio tempo, as donzelas, instaladas por seu mandato na sua própria câmara, para que mais honra e serviço recebessem, ainda por ele não tinham sido vistas. Mas estando já a gente sossegada, como cavaleiro mancebo desejoso de ver mulheres, mais para as servir e honrar do que para fazer seu coração sujeito em outra parte que não onde antes estava, quis por entre as portas da câmara olhar o que faziam; e vendo-as estar ao redor de uma fogueira, falando com muito prazer no remédio do perigo passado, reconheceu entre elas aquela formosa infanta Olinda, sua senhora, filha d'el-Rei de Noruega; razão pela qual ele, que tanto no reino de seu pai como no dela e em outras partes muitas cousas em armas havia feito, ao ver aquela que seu coração, sendo livre, com tanta força cativado e subjugado tinha, atormentado de grandes tristezas e cuidados, ficou sem forças, atraindo aos seus olhos infinitas lágrimas. Pois alterado com tal vista, vindo-lhe à memória o grande perigo em que a vira e a situação em que sem ela se teria visto, como fora do seu sentido, disse:

– Ai Santa Maria, valei-me, que esta é a senhora de meu coração!

O qual por ela ouvido, não suspeitando o que era, a uma de sua donzela mandou saber o que seria aquilo. Abrindo ela a porta, ali Agraes, como transportado, viu estar; o qual, dando-se-lhe conhecer, e ela dizendo-o a sua senhora, não menos alegre se tornando do que ele estava, ela mandou entrar; onde, depois de muitos atos amorosos entre eles passados, dando fim a seus grandes desejos, aquela noite com grande prazer e grande gozo de seus ânimos passaram. E ali esteve aquela companhia em muito descanso seis dias, até que o mar amansado fosse, e todos eles passou Agraes com sua senhora, sem que ninguém, nem de uns nem de outros, o pressentissem, salvo as suas donzelas. Pois então soube ele como Olinda ia para a Grã-Bretanha para viver em casa d'el-Rei Lisuarte com a Rainha Brisena, para onde seu pai a enviava; e ele disse-lhe como se preparava para ir à Noruega, de onde ela era, mas, pois que Deus lhe havia dado tal ventura, que a sua viagem passaria a ser para onde ela fosse, para a servir e ver o seu primo Amadis, que ali pensava encontrar. Olinda agradeceu-lho muito e rogou-lhe e ordenou-lhe que assim o fizesse.

Isto acertado, ao cabo daqueles seis dias, estando o mar em tanta bonança que sem nenhum perigo por ele podiam navegar, partiram todos para o mar; despedindo-se então de Agraes, seguiram seu caminho e, sem obstáculo algum que lhes causasse estorvo, chegaram à Grã-Bretanha, onde, depois de desembarcarem, se dirigiram à vila de Vindis-sora chegados, onde el-Rei Lisuarte estava, sendo aí Olinda mui bem recebida, tanto por ele, como pela Rainha e por sua filha e por todas as outras donas e donzelas, considerando ser de tão alta linhagem e sobrada formosura.

Agraes, que na orla do mar ficara, olhando aquela nau em que a sua mui amada senhora ia, quando a perdeu de vista, voltou para Briantes, a vila onde el-Rei Languines, seu pai, estava; e achando ali D. Galvães Sem Terra, seu tio, achou que seria bom ir-se à corte d'el-Rei Lisuarte, onde tantos bons cavaleiros viviam, porque ali, mais do que em qualquer outra parte, honra e fama poderiam ganhar, cousa que se perdia por completo naquela terra, onde não podiam exercitar seus corações senão com gentes de pouco valor em armas. A D. Galvães, que bom cavaleiro era, desejoso de ganhar honra, sem que o impedisse nenhum senhorio que tivesse de governar, porque ele não possuía senão um castelo, pareceu-lhe bem seguir aquele caminho que Agraes, seu sobrinho, lhe indicara; e, despedidos d'el-Rei Languines, fazendo-se ao mar e somente levando consigo suas armas e cavalos e escudeiros, o bom tempo que fazia os levou em pouco espaço de tempo à Grã-Bretanha, a uma vila que tinha nome Bristoia; e dali partindo e caminhando por

uma floresta, à saída dela encontraram uma donzela, a qual lhes perguntou se sabiam se aquele caminho ia para a Penha de Galtares.

– Não – disseram eles. Mas por que o perguntais? – disse Agraes.

– Para saber – disse ela – se aí encontrarei um bom cavaleiro que me dê remédio a uma grande coita que comigo trago.

– Errada ides – disse Agraes –, que nessa penha que dizeis não encontrareis outro cavaleiro senão aquele bravo gigante Albadão, o qual, se vós coita levais, segundo suas más obras, as dobrará.

– Se vós soubésseis o que eu sei não o teríeis por erro – disse ela -, pois o cavaleiro que eu procuro combateu com esse gigante e matou-o em batalha de um contra um.

– Por certo, donzela – disse Galvães –, maravilhas nos dizeis, que não sabemos de nenhum cavaleiro que com nenhum gigante combatesse, ainda mais com aquele que é o mais bravo e terrível que há em todas as ilhas do mar, se não foi el-Rei Abiés de Irlanda que combateu com um, ele armado e o gigante desarmado, e o matou; e ainda assim acharam que foi a maior loucura do mundo.

– Senhores – disse a donzela –, mais à maneira de bom cavaleiro o fez esse outro que eu digo.

Então lhes contou como fora a batalha e eles ficaram maravilhados; Agraes perguntou à donzela se sabia o nome do nobre cavaleiro que tal feito cometera.

– Sim, sei – disse ela.

– Pois rogo-vos muito, por cortesia – disse Agraes –, que no-lo digais.

– Digo-vos – disse ela – que o seu nome é D. Galaor, e é filho d’el-Rei de Gaula. Agraes estremeceu todo e disse:

– Ai donzela, como dizeis as novas que mais alegre me fazem no mundo, ao saber daquele meu primo que mais por morto que por vivo tinha.

Então contou a D. Galvães o que sabia de Galaor, como o roubara o gigante e como até ali ninguém soubera dele novas.

– Por certo – disse Galvães –, a vida dele e de seu irmão Amadis não tem sido senão maravilhas, bem como o começo de suas armas, tanto que duvido que no mundo outros iguais a eles se pudessem encontrar.

Agraes disse à donzela:

– Amiga, que quereis vós a esse cavaleiro que buscais?

– Senhor – disse ela –, queria que acesse a uma donzela que por ele está presa;

e mandou-a prender um anão traidor, a mais falsa criatura que há em todo o mundo.

Então lhes contou tudo quanto tinha acontecido a Galaor com o anão, como já foi contado; mas de Aldeva, sua amiga, não lhes disse nada.

– E, senhores, porque a donzela não quer consentir no que o anão diz, o Duque de Bristoia jura que a fará queimar daqui a dez dias; e isto é motivo de coita para as outras donas, se a donzela, com medo da morte, quiser condenar alguma delas, dizendo que levou Galaor ali para aquele fim. E dos dez dias já são passados quatro.

– Pois que assim é – disse Agrajes –, não vale a pena irdes mais adiante, que nós faremos o que Galaor faria; se não for por vontade, será à força; e agora guiai-nos, em nome de Deus.

A donzela voltou pelo caminho por onde tinha vindo, eles seguiam-na, e chegaram a casa do Duque um dia antes que a donzela fosse queimada, no momento em que o Duque se sentava a comer; descendo dos cavalos, entraram assim armados onde ele estava. O Duque saudou-os, e eles a ele, e disse-lhes que comessem.

– Senhor – disseram eles –, antes vos diremos a razão de nossa vinda.

D. Galvães lhe disse então:

– Duque, vós tendes uma donzela presa por palavras falsas e más que vos disse um anão; e muito vos rogamos que a mandeis soltar, pois que não tem culpa; e se sobre isto for preciso batalha, nós a defenderemos contra outros dois cavaleiros que o desafio queiram tomar.

– Muito me haveis contado – disse o Duque.

Mandou então chamar o anão e disse-lhe:

– Que dizes tu a isto que os cavaleiros dizem, que me fizeste prender a donzela com falsidade e que a defenderão em batalha? Digo-te que convém que tenhas quem te defenda.

– Senhor – disse o anão –, eu encontrarei quem assegure a verdade de quanto eu disse.

Então chamou um cavaleiro, seu sobrinho, que era grande e forte de membros, e que não parecia estar em dívida para com ele, e disse-lhe:

– Sobrinho, preciso que defendas a minha razão contra estes cavaleiros.

O sobrinho dirigiu-se então e eles e disse-lhes:

– Cavaleiros, que é isso que dizeis contra este leal anão, que recebeu grande desonra do cavaleiro que a donzela aqui trouxe? Por acaso sois vós? Provar-vos-ia que ele

injuriou o anão e que a falsa donzela deve morrer, porque o meteu na câmara do Duque.

Agrajes, que mais impaciente estava, disse:

– Por certo, nenhum de nós é esse tal, ainda que gostássemos de nos parecer com ele em seus feitos, nem ele errou. Eu combaterei convosco já. E digo a donzela não deve morrer, e que o anão foi contra eles desleal.

– Pois faça-se logo a batalha – disse o sobrinho do anão.

E pedindo suas armas, armou-se e montou num bom cavalo, dizendo para Agrajes:

– Cavaleiro, quisesse Deus que fôsseis vós aquele que a donzela aqui trouxe, que eu o faria comprar caro a sua descortesia.

– Por certo – disse Agrajes –, ele pouco se daria por combater com tais dois como vós, sobre qualquer razão, quanto mais sobre esta, em que defenderia a justiça.

O Duque parou de comer, foi-se com eles e meteu-os num campo onde já algumas outras provas tinham sido lidadas. E disse-lhes:

– A donzela que eu tenho presa não ponho como razão de vossa batalha, pois a ela não se estende a ofensa que o anão recebeu.

– Senhor – disse Agrajes –, vós a prendestes pelo que o anão disse, e eu digo que vos contou falsidades; se eu vencer este cavaleiro que defende a sua razão, dar-no-la-eis com toda a justiça.

– Já vos disse o que penso – disse o Duque – e mais não farei.

Saiu então do meio deles, que se foram acometer a grande galope dos seus cavalos; e atingindo-se rijamente com as lanças, que logo ficaram quebradas, e juntados dos corpos dos cavalos e dos escudos, caíram ambos, mas cada um se levantou bravamente e, com grande a raiva que se tinham, deitaram mão às suas espadas e acometeram-se a pé, dando-se tão grandes e duros golpes, todos os que olhavam estavam maravilhados. As espadas eram afiadas e os cavaleiros de muita força, pelo que em pouco tempo ficaram suas armaduras de tal maneira maltratadas, que já não havia nelas muita defesa, e os escudos estavam cortados em muitas partes e os elmos amassados. Galvães, vendo o seu sobrinho andar animado e ligeiro e com mais iniciativa do que o outro, ficou mui alegre; e se antes o apreciava, agora muito mais. Agrajes tinha tal manha que, ainda que ao começo muito vivo se mostrasse, parecendo por isso poder ficar depressa cansado, mantinha de tal forma a sua força, que muito mais ligeiro e acometedor se mostrava no final, de tal forma que, se em alguns momentos foi ao princípio em tão pouco tido, no fim teve a vitória da batalha; pois assim o olhando, Galvães viu como o sobrinho do anão desistia e

dizia para Agraies:

– Assaz combatemos, e parece-me que não é culpado o cavaleiro por quem vós combateis nem meu tio, o anão, pois, se assim não fosse, a batalha não teria durado tanto; se quiserdes, acabe-se já, dando por leais o cavaleiro e o anão.

– Por certo – disse Agraies – o cavaleiro é leal e o anão falso e mau, de modo que não vos deixarei até que vossa boca o diga; fazei por vos defenderdes.

O cavaleiro mostrou o seu poder, mas de pouco lhe valeu, pois já estava muito ferido, e Agraies dava-lhe grandes e repetidos golpes, de modo que o cavaleiro não pensava em mais nada senão em cobrir-se com seu escudo. Quando o Duque assim o viu em risco de morte, houve grande pesar, que o muito amava, de modo que foi indo para o seu castelo para não o ver matar, e ia dizendo:

– Agora juro que não farei a cavaleiro andante senão todo a desonra que puder.

– Louca guerra cometeste – respondeu Galvães – em vos virar contra os cavaleiros andantes que querem emendar as ofensas.

Neste momento, o cavaleiro acabou por cair aos pés de Agraies, e ele, tirando-lhe o elmo e dando-lhe grandes golpes com a maçã da espada no rosto, disse:

– Convém que digais que o anão injuriou o cavaleiro.

– Ai, bom cavaleiro – disse o outro –, não me mateis; eu digo do cavaleiro por quem combatestes que é bom e leal e prometo-vos fazer tirar a donzela de prisão; mas, por Deus, não queirais que diga que o anão, que é meu tio e me criou, é falso.

Isto ouviam todos os que em redor olhavam. Agraies teve dó do cavaleiro e disse então:

– Pelo anão não faria eu nada, mas por vós, que vos tenho por bom cavaleiro, farei eu tanto que me darei por satisfeito, se fizerdes soltar a donzela da prisão.

O cavaleiro acedeu. O Duque, que nada disso ouvia, ia já perto do castelo; então Galvães, agarrando-o pelo freio e mostrando-lhe o sobrinho do anão aos pés de Agraies, disse-lhe:

– Aquele morto está, ou vencido. Que nos dizeis da donzela?

– Cavaleiro – disse o Duque –, sois mais do que louco, se pensais que eu faço outra cousa da donzela senão o que decidi e jurei.

– E o que jurastes vós? – perguntou Galvães.

– Que a queimaria amanhã – disse o Duque –, se não me dissesse por que meteu o cavaleiro no meu palácio.

– Como?! – disse Galvães – não no-la dareis?

– Não – disse o Duque –, nem vos detenhais mais neste lugar; senão eu mandarei tratar disto doutra maneira.

Então chegaram muitos de sua companhia e Galvães, retirando a mão do freio, disse:

– Vós ameaçais-nos e não soltaste a donzela, que é o justo; eu vos desafio, por isso, por mim e por todos os cavaleiros andantes que me quiserem ajudar.

– E eu desafio-vos, a vós e a todos eles – disse o Duque –; e em má hora andarão por minha terra.

D. Galvães voltou para onde Agrajes estava e disse-lhe o que com o Duque se passara e como eram os seus desafiados, o que o fez ficar mui raivoso, dizendo:

– Tal homem como este, com o qual justiça não se pode alcançar, não deveria ser senhor de terras.

E montando em seu cavalo, disse para o sobrinho do anão:

– Lembrai-vos do que me prometestes sobre a donzela e cumpri-o logo, com o maior empenho.

– Eu farei tudo o que puder – disse ele.

Isto era já perto da hora de vésperas, pois a tal hora acabou a batalha; e logo se foram dali e entraram numa floresta, que chamavam Arunda; e disse Galvães:

– Sobrinho, nós desafiámos o Duque; aguardemo-lo aqui e prendê-lo-emos, e algum outro que passar.

– Está bem – disse Agrajes.

Então se desviaram do caminho e meteram-se numa mata espessa; ali desceram dos cavalos e enviaram os escudeiros à vila para que lhes trouxessem o que precisavam; e assim passaram aquela noite. O Duque ficou mui sanhudo contra a donzela, ainda mais do que antes e, mandando-a chamar, disse-lhe que tratasse da sua alma, pois no outro dia seria queimada, se logo não dissesse a verdade sobre o cavaleiro; mas ela não quis dizer nada. O sobrinho do anão ajoelhou então diante o duque e contou-lhe a promessa que fizera, rogando-lhe, por Deus, que a donzela lhe desse, mas isto fora escusado, pois o Duque antes preferia perder todo o seu estado do que quebrar o que jurara. Ao cavaleiro isto pesou muito, porque quisera cumprir a sua promessa. Pois no outro dia de manhã mandou o Duque trazer ante si a donzela, e disse-lhe:

– Escolhei entre o fogo ou dizer o que vos pergunto, que de uma destas não podeis escapar.

Disse ela:

– Fareis a vossa vontade, mas sem razão.

Então a mandou o Duque tomar a doze homens armados e dois cavaleiros armados com eles; e ele montou num grande cavalo, com somente um bastão na mão, e foi-se com eles para queimar a donzela na beira da floresta; e ali chegados, disse o Duque:

– Agora lhe ponham fogo e morra com sua teimosia.

Isto tudo viram mui bem D. Galvães e seu sobrinho, que estavam em vigia, não daquilo, mas de outra qualquer cousa com que o Duque prejudicar pudessem; como estavam armados, montaram rapidamente e mandaram a um escudeiro que não prestasse atenção a mais nada senão em tomar a donzela e colocá-la a salvo. E partindo para lá, viram a fogueira e como se preparavam já para atirar donzela; mas então ela teve tão grande medo que disse:

– Senhor, eu direi a verdade.

O Duque, aproximando-se para a ouvir, viu como vinham pelo campo D. Galvães e Agrajes, que gritavam:

– Deixai a donzela!

Os dois cavaleiros saíram a eles e encontraram-se com suas lanças muito rijamente. Mas os cavaleiros do Duque foram ambos a terra e o que Galvães derrubou não precisou mais de físico. O Duque meteu os seus homens entre si e eles. E Galvães disse-lhe:

– Agora verás a guerra que compraste!

E foram-se a ele; o Duque disse então a seus homens:

– Matai-lhes os cavalos e não poderão fugir.

Mas os cavaleiros meteram-se no meio deles tão bravamente, dando golpes por todo o lado com suas espadas e atropelando-os com os cavalos, que os espalharam pelo campo, uns mortos e outros feridos, e os que ficaram fugiram a mais andar. Quando o Duque isto viu, não ficou seguro e começou a fugir em direção à vila quanto mais pôde, indo Galvães foi atrás dele um bocado, dizendo:

– Ficai, senhor Duque, e vereis com quem tomastes guerra.

Mas ele não fazia senão fugir e gritar que lhe acudissem. Voltando então Galvães e seu sobrinho, viram que o escudeiro tinha posto a donzela no seu palafrém e ele estava

num cavalo dos cavaleiros mortos; e foram-se com ela até à floresta. O Duque armou-se com todos os seus homens e saiu, mas, chegando à floresta, não viu os cavaleiros; então mandou os seus, cinco a cinco, em todas as direções, indo ele com outros cinco por um caminho; e esforçou-se muito por andar, tanto que, estando no cimo de um vale, olhou para baixo e viu-os a ir-se com a sua donzela; o Duque então disse:

– Agora a eles, e não os poupem!

E foram a grande galope dos seus cavalos. Galvães, vendo-os, disse:

– Sobrinho, apareça agora toda a vossa habilidade em vos saberdes defender, que aí vem o Duque e os seus homens; eles são cinco, mas nem por isso se sintam em nós covardia.

Agrajes, que muito corajoso era, disse:

– Por certo, senhor tio, estando eu convosco, pouco daria por cinco da mesnada do Duque.

Nisto, este chegou e disse-lhes.

– Em má hora me desonrastes! Mas pesa-me que não serei totalmente vingado ao matar dois como vós.

Galvães disse:

– Agora a eles.

Então galoparam uns contra os outros, e atingiram-se com as lanças nos escudos tão duramente que logo foram quebradas, mas os dois se mantiveram tão bem que não se moveram das selas; e deitando mão às suas espadas, deram grandes golpes como aqueles que o bem sabiam fazer. Os do Duque os acometiam rijamente, de tal forma que a batalha das espadas era entre eles brava e crua. Agrajes foi atacar o Duque com grande sanha e deu-lhe um golpe sob a viseira do elmo, e foi o golpe tão certo que, cortando-lhe o elmo, lhe cortou o nariz até às bochechas. Então Duque, tendo-se por morto, começou a fugir quanto mais pôde, e Agrajes atrás dele; mas, não o podendo alcançar, voltou atrás e, vendo como o seu tio se defendia dos quatro, disse para si «– Ai Deus, guarda tão bom cavaleiro destes traidores!». E foi-os atacar bravamente; Galvães atingiu um deles de tal maneira que a espada lhe escapou das mãos e, vendo-o só em braços, tomou-o pelo brocal do escudo e puxou-o tão fortemente que o derrubou por terra; vendo que Agrajes derrubara um dos outros, Galvães virou-se contra os que o tinham atacado, mas eles nem esperaram e, fugindo pela floresta, não os puderam alcançar. Então voltaram para onde a donzela estava e perguntaram-lhe se havia ali perto algum povoado.

– Sim – disse ela –, há uma fortaleza de um cavaleiro que se chama Olivas, que, por ser inimigo do Duque por um seu primo que lhe matou, vos acolherá de bom grado.

Então os guiou até que a ela chegaram; o cavaleiro os acolheu mui bem, e mui melhor quando soube o que lhes acontecera. Pois no outro dia se armaram e seguiram o seu caminho; mas antes Olivas chamou-os à parte e disse-lhes:

– Senhores, o Duque matou-me um primo direito, bom cavaleiro, à traição, e eu quero denunciá-lo perante el-Rei Lisuarte; peço-vos conselho e ajuda, como a cavaleiros que se andam metendo em grandes combates para manter lealdade e por fazê-la manter aos que sem temor de Deus e de suas vinganças a quebram.

– Cavaleiro – disse Galvães –, obrigado sois à reparação dessa morte de que falastes, se feiamente se fez, e nós a ajudar-vos se preciso for, tendo vós nisso justa causa; e assim o faremos, se o Duque alguns cavaleiros quiser meter na batalha; porque, tal como vós, não o amamos e desafiámo-lo.

– Muito vos agradeço – disse ele -, e então quero ir convosco.

– Seja, por Deus – disseram eles.

Então armou-se e meteu-se com eles a caminho de Vindilisora, onde cuidavam encontrar el-Rei Lisuarte.

CAPÍTULO XVII

Como Amadis era mui bem quisto em casa d'el-Rei Lisuarte e das novas que soube de seu irmão Galaor

Foi-vos contado como Amadis ficou em casa d'el-Rei Lisuarte, como cavaleiro da Rainha, no tempo em que na batalha matou aquele soberbo e valente Dardão; e ali, tanto d'el-Rei como de todos, era mui amado e honrado. E um dia, mandando-o a Rainha chamar para lhe falar e estando diante dela, entrou pela porta do aposento uma donzela, a qual, dobrando os joelhos ante a Rainha, disse:

– Senhora, está aqui um cavaleiro que traz as armas dos leões?

Ela entendeu logo que se referia a Amadis, e perguntou:

– Donzela, que lhe quereis?

– Senhora – disse ela –, eu lhe trago mandado de um cavaleiro novel que fez o mais alto e maior começo de cavalaria que jamais fez cavaleiro em todas as ilhas.

– Muito dizeis – disse a Rainha –, pois muitos cavaleiros há nas ilhas e vós não

sabereis os feitos de todos.

– Senhora – disse a donzela –, é verdade; mas quando souberdes o que este fez, concordareis que tenho razão.

– Pois rogo-vos que o digais – disse a Rainha.

– Se eu visse – disse ela – o mui bom cavaleiro que ele preza mais do que todos os outros, eu lhe diria isto e muitas outras cousas que lhe manda dizer.

A Rainha, que teve vontade de o saber, disse:

– Eis aqui o bom cavaleiro que procurais; e asseguro-vos que é ele.

– Senhora – disse a donzela –, eu o creio, que tão boa senhora como vós não diria senão a verdade.

Então disse para Amadis:

– Senhor, o formoso donzel que fizeste cavaleiro diante do castelo de Baldoíde, quando vencestes os dois cavaleiros da ponte e os três da calçada e prendestes o senhor do castelo e libertastes por força de armas o amigo de Urganda, manda-se-vos encomendar, como aquele que vos tem em lugar de senhor; e envia-vos dizer que ele se esforçará por ser um homem bom ou pagará com a morte; e que, se ele atingir reputação e honra na cavalaria, vos contará da sua história mais do que agora sabeis; e que, se tal não acontecer, o deveis prezar, pois se calará.

Nisto Amadis, percebendo logo que era o seu irmão, sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos, nas quais repararam todas as donas e donzelas que ali estavam, e sua senhora mais que todas, o que a deixou mui maravilhada, considerando que, se por ela lhe podia vir tal coita que o fizesse chorar, também aquilo lhe viria, não de dor, mas de grande prazer. A Rainha disse:

– Agora nos dizei do começo do cavaleiro que tanto louvais.

– Senhora – disse a donzela –, o primeiro lugar onde levou a cabo um desafio foi na Penha de Galtares, combatendo com aquele bravo e forte gigante chamado Albadão, ao qual, em campo de um por um, venceu e matou.

Então contou a batalha como se tinha passado e ela a vira, e a razão por que sucedera.

A Rainha e todos ficaram mui maravilhados de cousa tão extraordinária.

– Donzela – perguntou Amadis –, sabeis vós para onde foi o cavaleiro, depois de matar o gigante?

– Senhor – disse ela –, eu parti-me dele depois de vencer a batalha, mas deixei-o

com outra donzela que o havia de guiar a uma sua senhora, que ali a enviara; e mais não vos posso dizer.

E partiu-se dali.

A Rainha disse:

– Amadis, sabeis quem seja aquele cavaleiro?

– Senhora, sei, ainda que não o conheça.

Então lhe disse que era seu irmão, e como o levava o gigante sendo menino, e o que Urganda dele lhe dissera.

– Por certo – disse a Rainha –, estranhas duas maravilhas são a criação vossa e sua, e como pôde acontecer que vós a vossa linhagem não conhecêsseis, nem eles a vós. Muito me agradaria ver tal cavaleiro em companhia d’el-Rei meu senhor.

Assim estiveram falando, como ouvís, um grande bocado. Mas Oriana, que um pouco longe estava, não ouvia nada disto e estava mui zangada porque vira Amadis chorar; e disse para Mabília:

– Chamai vosso primo e saberemos o que foi aquilo que lhe aconteceu.

Ela chamou-o e Amadis foi ter com elas; e quando se viu diante de sua senhora, todas as cousas do mundo lhe esqueceram; então disse Oriana, com semblante irado e turbado:

– De quem vos lembrastes com as novas da donzela, que vos fez chorar?

Ele contou tudo como à Rainha o dissera. Oriana perdeu toda a sua turbação, ficou mui alegre, e disse-lhe:

– Meu senhor, rogo-vos que me perdoeis, que suspeitei do que não devia.

– Ai, senhora! – disse ele –, não há que perdoar, pois que nunca em meu coração entrou zanga contra vós.

E continuou:

– Senhora, dai-me licença que vá buscar meu irmão e o traga aqui em vosso serviço, que de outra maneira não virá ele.

E isto dizia Amadis para o trazer, cousa que muito desejava, e também porque lhe parecia que folgaria muito em procurar algumas aventuras onde fama e honra ganhasse. Oriana respondeu-lhe:

– Assim Deus me ajude, eu ficaria mui alegre se tal cavaleiro aqui viesse e morásseis juntos. Permito-vos que vás, mas dissei-o primeiro à Rainha, de forma a que pareça que por seu mandado ides.

Ele agradeceu-lhe mui humildemente e, indo ter com a Rainha, disse-lhe:

– Senhora, seria bom que tivéssemos aquele cavaleiro na companhia d’el-Rei.

– Por certo – disse ela –, eu ficaria mui alegre com isso, se se puder fazer.

– Sim, pode – disse ele –, dando-me vós, senhora, licença para que o busque e o traga, que de outra forma não o teremos cá, pelo menos tão cedo, não antes de ter ganhado mais honra.

– Por Deus – disse ela –, eu vos permito que vás, com a condição de, achando-o, regressardes.

Amadis ficou mui contente e, despedindo-se dela, de sua senhora e de todas as outras, foi para os seus aposentos; e no outro dia de manhã, depois de ter ouvido missa, armou-se, montou no seu cavalo e, apenas com Gandalim, que as outras armas lhe levava, fez-se ao caminho. Por onde andou até à noite, que passou em casa de um infanção velho; e no outro dia, seguindo caminho, entrou numa floresta; e havendo já por ela andado as duas partes do dia, viu vir uma dona que trazia consigo duas donzelas e quatro escudeiros, os quais traziam um cavaleiro numas andas, e todos choravam feramente. Amadis chegou a ela e disse-lhe:

– Senhora, que levais nessas andas?

– Levo – disse ela –, toda a minha coita e a minha tristeza, pois é um cavaleiro com quem era casada, e vai tão gravemente ferido, que cuida que morrerá.

Ele aproximou-se das andas, ergueu um pano que o cobria, e viu dentro um cavaleiro assaz grande e bem feito; mas de sua formosura não aparecia nada, pois tinha o rosto negro e inchado e em muitos sítios ferido; então, pondo nele a mão, disse:

– Senhor cavaleiro, de quem recebestes este mal?

Ele não respondeu, limitando-se a virar um pouco a cabeça; então disse à dona:

– De quem recebeu este cavaleiro tanto mal?

– Senhor – disse ela –, de um cavaleiro que guarda uma ponte aqui adiante por este caminho; pois, querendo passar, disse-nos que primeiro deveria dizer se era de casa d’el-Rei Lisuarte. Perguntando-lhe o meu senhor por que razão o queria saber, o cavaleiro disse-lhe: «Porque não passará por aqui ninguém que seu seja que não o mate». E o meu senhor perguntou-lhe por que detestava assim tanto os cavaleiros d’el-Rei Lisuarte. «Porque o detesto muito a ele e quereria tê-lo em meu poder para dele me vingar». Ele perguntou-lhe então por que razão tanto o detestava. Disse ele: «Porque tem em sua casa o cavaleiro que matou aquele esforçado Dardão, e por este receberá de mim e de muitos

outros desonra». Quando isto ouviu, o meu marido, pesando-lhe aquelas palavras que o cavaleiro dizia, disse-lhe: «Sabei que eu sou seu cavaleiro e seu vassalo, pois nem por vós nem por outro o negaria». Então o cavaleiro da ponte, com grande raiva que dele sentiu, tomou suas armas o mais depressa que pôde e começaram sua batalha, mui crua e fera à maravilha, e no fim o meu senhor ficou tão maltratado como agora, senhor, vedes; e o cavaleiro, pensando que estava morto, mandou-nos que ao terceiro dia o levássemos a casa d’el-Rei Lisuarte.

Amadis disse:

– Dona, dai-me um destes escudeiros para que me mostre o cavaleiro, já que, tendo ele recebido este dano por amor de mim, a mim, mais do que a qualquer outro, compete vingá-lo.

– Como – disse ela –, vós sois aquele por causa de quem ele detesta el-Rei Lisuarte?

– Esse sou – disse –, e se puder, farei com que não mais o deteste a ele nem a ninguém.

– Ai, bom cavaleiro – disse ela –, Deus vos dê boa viagem e vos dê força!

E dando-lhe um escudeiro que com ele fosse, se despediram. A dona seguiu o seu caminho como dantes e Amadis o seu. E tanto andou que chegaram à ponte, onde viu o cavaleiro a jogar um jogo de tabuleiro com outro; mas, tendo-o também visto, logo deixou o jogo e, dirigindo-se a ele em cima de um cavalo e armado com todas suas armas, disse-lhe:

– Parai, cavaleiro. Não entrareis na ponte se antes não jurais.

– E que jurarei? – perguntou ele.

– Se sois da casa d’el-Rei Lisuarte; e, se sois, eu vos farei perder a cabeça.

– Isso não sei eu – disse Amadis –, mas digo-vos que sou de sua casa e cavaleiro da Rainha, sua mulher, embora não há muito.

– Desde quando o sois? – perguntou o cavaleiro da ponte.

– Desde quando lá chegou uma dona que tinha sido desafiada.

– Como?! – disse o cavaleiro – Sois vós aquele que combateu por ela?

– Eu lhe devolvi a sua justiça – disse Amadis.

– Que pela minha cabeça eu vos faça perder a vossa, se puder – disse o cavaleiro –, pois vós matastes um dos melhores de minha linhagem.

– Eu não o matei – disse Amadis –, mas fi-lo desistir da soberba demanda que

fazia, e ele então matou-se como um mau cristão.

– Isso de nada vos vale – disse o cavaleiro –, pois por vós foi morto e não por outro, e vós morrereis por ele.

Então dirigiu-se para ele a grande galope de seu cavalo, e Amadis a ele; e atingiram-se ambos com as lanças nos escudos, as quais logo ficaram quebradas; mas o cavaleiro da ponte caiu por terra sem tardança nenhuma, de que ele foi mui maravilhado por assim tão facilmente o ter derrubado. Amadis, uma vez que o elmo se lhe torcia na cabeça, endireitou-o e, entretanto, teve o cavaleiro tempo de montar no seu cavalo, conseguindo dar-lhe três golpes com a espada antes que Amadis deitasse mão à sua; mas deitando a ela mão, foi-se para o cavaleiro e golpeou-o pela borda do elmo direito ao fundo, cortando-lhe um bocado e, chegando a espada também ao pescoço, cortou-lho tanto que a cabeça não se pôde aguentar e ficou pendurada sobre os peitos, e logo ficou morto. Quando isto viram os da ponte, fugiram. O escudeiro da dona ficou espantado com tais golpes, um de lança e outro da espada. Amadis disse-lhe:

– Agora vai e diz à tua senhora o que viste.

Quando isto ele ouviu, logo seguiu seu caminho, e Amadis passou a ponte sem mais ali se deter. Continuou então pelo caminho até que saiu da floresta e entrou num mui formoso prado e mui grande à maravilha, e agradou-se muito das ervas verdes que viu por todo o lado, como aquele que florescia na verdura e alteza dos amores. Olhando então à sua direita, viu um anão de mui disforme rosto, que ia num palafrém e, chamando-o, perguntou-lhe donde vinha. O anão respondeu-lhe e disse:

– Venho de casa do Conde de Clara.

– Por ventura – disse Amadis –, viste tu lá um cavaleiro novel que chamam Galaor?

– Senhor, não – disse o anão –, mas sei onde estará dentro de três dias o melhor cavaleiro que nesta terra entrou.

Ouvindo isto, Amadis disse:

– Ai, anão, pela fé que a Deus deves, leva-me até lá e vê-lo-ei.

– Sim, levarei – disse o anão –, com a condição deque façais uma promessa, a de que ireis comigo onde vos pedir.

Amadis, com grande desejo que tinha de saber de Galaor, seu irmão, disse:

– Eu to prometo.

– Em nome de Deus seja nossa ida – disse o anão –, e agora vos guiarei onde

vereis o mui bom cavaleiro e mui esforçado em armas.

Então disse Amadis:

– Eu te rogo, por meu amor, que me leves pelo caminho mais rápido.

– Assim o farei – disse ele.

E logo deixaram aquele caminho e, tomando outro, andaram todo aquele dia sem aventura achar. Caindo-lhes a noite junto de uma fortaleza, disse o anão:

– Senhor, aqui pernoitareis, onde há uma dona que vos fará serviço.

Amadis chegou àquela fortaleza e encontrou a dona, que mui bem o albergou, dando-lhe de cear e um leito assaz rico em que dormisse; mas isso não o fez ele, pois seu pensamento estava tão fixo na sua senhora, que quase não dormiu nada de noite. No outro dia, despediu-se da dona, deixou que o anão o guiasse e andou até ao meio-dia; viu então um cavaleiro que combatia com outros dois, e chegando a eles disse-lhes:

– Parai, senhores, se vos aprouver, e dizei-me porque combateis.

Eles pararam de combater, e um dos dois disse:

– Porque este diz que ele sozinho vale tanto para cometer um grande feito como nós os dois.

– Por certo – disse Amadis –, pequena é a causa, já que o valor de qualquer um não faz perder o do outro.

Eles viram que dizia cousa acertada e deixaram a batalha; então perguntaram a Amadis se conhecia o cavaleiro que combatera pela dona em casa d’el-Rei Lisuarte, por quem tinha sido morto Dardão, o bom cavaleiro.

– E por que o perguntais? – disse ele.

– Porque o queríamos encontrar – disseram eles.

– Não sei se o dizeis por bem ou por mal – disse Amadis –, mas eu vi-o não há muito em casa d’el-Rei Lisuarte.

E assim se partiu deles e seguiu seu caminho.

Os cavaleiros falaram entre si, e dando de esporas aos cavalos, foram atrás de Amadis; e ele, quando os viu vir, tomou suas armas; e nem ele nem eles traziam lanças, pois as tinham quebrado em suas justas. O anão disse-lhe então:

– Que é isso, senhor? Não vedes que os cavaleiros são três?

– Disso não quero saber – disse ele –; se me acometerem sem razão, eu me defenderei, se puder.

Eles chegaram e disseram:

– Cavaleiro, queremos pedir-vos uma cousa, e dizei-no-la; se não, não vos parti-
reis de nós.

– Antes vo-la direi – disse ele –, se com direito o puder fazer.

– Pois dizei-nos – disse um –, como leal cavaleiro, onde cuidais que acharemos o
cavaleiro por quem Dardão foi morto.

Ele, que não podia fazer mais nada senão dizer a verdade, disse:

– Sou eu. Mas se soubesse que era essa a cousa, não vo-la diria, para me não
louvar de tal.

Quando os cavaleiros o ouviram, disseram todos:

– Ai, traidor, morto sois!

E metendo mão às espadas, atiraram-se a ele mui bravamente. Amadis meteu mão
à sua espada, como cavaleiro de grande coragem que era, e foi-se a eles, mui sanhudo por
os haver retirado de sua batalha e o terem atacado tão malvadamente; e deu a um deles
tal golpe por cima do elmo que lhe atingiu o ombro, cortando-lhe a armadura, com a carne
e ossos, até descer a espada aos costados; assim, ficando-lhe o braço pendurado, caiu do
cavalo abaixo; em seguida, foi-se aos outros dois, que mui rijamente o golpeavam e deu
a um deles um tal golpe pelo elmo, que lho fez saltar da cabeça, e a espada desceu ao
pescoço e cortou-lho o mais dele, caindo o cavaleiro. O outro, que isto viu, começou de
fugir para donde viera. Amadis, vendo que o seu cavalo era veloz e que se afastava, deixou
de o seguir e tornou a Gandalim. O anão disse-lhe:

– Por certo, senhor, melhor remédio levo para a promessa que me fizestes do que
eu pensava; sigamos por diante.

Assim foram naquele dia pernoitar em casa de um ermitão, onde houveram mui
pobre ceia. De manhã, tornou ao caminho por onde o anão o guiava e andou até à hora
terça; nessa altura lhe mostrou o anão, num vale formoso, dois pinheiros altos, e debaixo
deles um cavaleiro todo armado sobre um grande cavalo, e dois cavaleiros que andavam
pelo campo atrás de seus cavalos que fugiam, pois o cavaleiro do pinheiro tinha-os der-
rubado; e debaixo do outro pinheiro estava outro cavaleiro, deitado sobre o seu elmo e
com o seu escudo perto de si, e mais de vinte lanças ao redor do pinheiro, e perto dele
dois cavalos selados. Amadis, olhando-os, disse ao anão:

– Conheces tu estes cavaleiros?

O anão lhe disse:

– Vedes, senhor, aquele cavaleiro que está encostado ao pinheiro?

– Vejo – disse ele.

– Pois aquele é o bom cavaleiro que devia mostrar-vos – disse o anão.

– Sabes seu nome? – disse Amadis.

– Sim, sei, senhor, chama-se Angriote d’Estravaus, e é o melhor cavaleiro que eu vos poderia mostrar em muitas léguas.

– Então agora diz-me por que tem ali tantas lanças.

– Isso vos direi – disse o anão –. Ele amava uma dona desta terra que não o amava a ele, mas tanta guerra fez por ela, que os seus parentes, à força, lha deram. E quando em seu poder a teve, disse que se tinha pelo mais rico do mundo. Ela lhe disse: «Não vos tereis por cortês em obter assim uma dona por força; bem me podeis ter, mas nunca, de bom grado, o meu amor tereis, se antes não fizerdes uma cousa». «Dona – disse Angriote –, é cousa que eu possa fazer?» «Sim – disse ela». «Pois mandai-o, que eu o cumprirei até à morte.» A dona, que o muito desamava, cuidou de o pôr numa situação onde morresse ou ganhasse tantos inimigos que com eles se defenderia dele; e ordenou-lhe que ele e seu irmão guardassem este vale dos pinheiros de todos os cavaleiros andantes que por ele passassem, e que os fizessem prometer, por força de armas, que, dirigindo-se à corte d’el-Rei Lisuarte, aí afirmariam ser mais formosa a amiga de Angriote do que as deles; e se porventura este cavaleiro, seu irmão, que vedes a cavalo, fosse vencido e não pudesse sobre esta razão mais combater, toda a intimação ficasse em Angriote só; e que guardassem o vale durante um ano; e assim o guardam os cavaleiros de dia, e à noite ficam num castelo que está atrás daquele outeiro que vedes. Mas digo-vos que, tendo começado isto há três meses, até aqui nunca Angriote meteu mão em cavaleiro, pois seu irmão a todos venceu.

– Eu creio que me dizes a verdade – disse Amadis –, pois eu ouvi dizer em casa d’el-Rei Lisuarte que estivera ali um cavaleiro que afirmava ser aquela dona mais formosa do que a sua amiga; e cuido que o seu nome é Grovenesa.

– É verdade – disse o anão –; mas, senhor, pois eu cumpri convosco, mantende-me o que me prometestes, indo comigo onde haveis de ir.

– Mui de bom grado – disse Amadis –; qual é o caminho?

– Pelo vale – disse o anão –; mas não quero que por ele sigamos, pois tal obstáculo tem.

– Não te preocupes com isso – disse ele.

Então pôs-se à frente, e à entrada do vale achou um escudeiro que lhe disse:

– Senhor cavaleiro, não passareis mais adiante se não afirmais que é mais formosa a amiga daquele cavaleiro que está encostado ao pinheiro do que a vossa.

– Se Deus quiser – disse Amadis –, tão grande mentira nunca eu direi, se por força não mo fizerem dizer ou a vida não me tirarem.

Quando o escudeiro isto lhe ouviu, disse-lhe:

– Pois voltai para trás; se não, tereis de combater com eles.

Disse Amadis:

– Se eles me atacaram, eu me defenderei, se puder.

E seguiu em frente, sem temor nenhum.

CAPÍTULO XVIII

De como Amadis combateu com Angriote e com seu irmão e os venceu, os quais guardavam a entrada de um vale, em que defendiam que ninguém tinha uma amiga mais formosa do que Angriote.

Assim que o irmão de Angriote o viu, tomou as suas armas, foi indo em sua direção e disse:

– Por certo, cavaleiro, grande loucura fizestes em não conceder o que vos pediram, pois agora tereis de combater comigo.

– Prefiro isso – disse Amadis – do que dizer a maior mentira do mundo.

– E eu sei – disse o cavaleiro – que a direis noutra lugar, onde vos será maior a vergonha.

– Não creio que seja assim – disse ele –, se Deus quiser.

– Defendei-vos então – disse o cavaleiro.

Então foram a grande galope dos seus cavalos um contra o outro e atingiram-se nos escudos, e o cavaleiro amolgou o escudo a Amadis, mas deteve-se no arnês e a lança quebrou-se, e Amadis bateu contra ele tão fortemente que o arremessou por cima das ancas do cavalo; o cavaleiro, que era mui valente, puxou as rédeas, que se partiram e, levando-as nas mãos e batendo com o pescoço e as costas contra o chão, ficou tão maltratado que não soube mais de si nem de mais nada. Amadis desmontou e, tirando-lhe o elmo da cabeça, viu que estava sem sentidos e que não falava; então agarrou-lhe pelo braço e puxou-o; o cavaleiro, acordando, abriu os olhos, e Amadis disse-lhe:

– Morto sois, se não vos dais por preso.

O cavaleiro, que viu a espada sobre a sua cabeça, temendo a morte, deu-se por preso. Então Amadis montou no seu cavalo, pois viu que Angriote montava e tomava as suas armas e lhe enviava uma lança pelo seu escudeiro. Ele tomou a lança e dirigiu-se para o cavaleiro, e ele veio contra ele em grande galope do seu cavalo e atingiram-se com as lanças nos escudos, ficando estas quebradas, sem outro mal que se fizessem; e passaram um pelo outro cavalgando como formosos cavaleiros, de tal forma que dificilmente se achariam outros iguais noutros lugares. Amadis deitou mão à sua espada e virou o cavalo contra ele, e Angriote disse-lhe:

– Sossegai, senhor cavaleiro, não vos apresseis numa batalha de espadas, que bem a podereis haver e creio que será para vosso mal.

Isto dizia ele porque pensava que não havia no mundo cavaleiro que melhor manejasse a espada do que ele.

– Justemos até que estas lanças nos falhem ou um de nós caia do cavalo.

– Senhor – disse Amadis –, eu tenho que fazer noutro sítio e não me posso demorar tanto.

– Como?! – disse Angriote – tão facilmente pensais ir-vos de mim? Não o penso eu assim, por isso rogo-vos muito que, antes das espadas, justemos com as lanças outra vez.

Amadis acedeu, pois que lhe aprazia, e logo se afastaram ambos e tomaram cada um a sua lança, aquelas que mais lhes agradaram; e, ganhando distância um do outro, foram um contra o outro e atingiram-se com as lanças mui rijamente; Angriote caiu por terra com o cavalo cima dele, mas Amadis, ao passar, tropeçou no cavalo de Angriote e foi cair com ele do outro lado; e um pedaço da lança que lhe entrara pelo escudo, com a força da queda, entrou-lhe pelo arnês e pela carne, embora não muito; ele levantou-se mui ligeiro, como cavaleiro que não queria para si a vergonha, ainda menos sobre caso de sua senhora, rapidamente tirou de si o pedaço da lança e, levando a mão à espada, foi contra Angriote, porque o viu com a sua espada na mão, e Angriote disse-lhe:

– Cavaleiro, eu tenho-vos por bom mancebo e rogo-vos que, antes que mais dano recebais, concordeis ser mais formosa a minha amiga do que a vossa.

– Calai-vos – disse Amadis –, que tal mentira nunca será pela minha boca dita.

Então foram-se acometer e atacar com as espadas com tão fortes golpes, que espantavam tanto os que os olhavam como a eles mesmos que os recebiam, sem entenderem

como os podiam aguentar; mas esta batalha não pôde durar muito porque Amadis combatia pela razão da formosura da sua senhora, tendo decidido ser melhor ser morto do que falhar um só ponto no que lhe devia, e começou a dar golpes com toda a sua força, tão duramente, que nem a grande sabedoria nem a grande valentia nos golpes de espada serviram a Angriote, pois em pouco tempo lhe tirou toda a força, tantas vezes lhe fazendo descer a espada à cabeça e ao corpo, que por mais de vinte lugares lhe saía já o sangue; quando Angriote se viu em perigo de morte, afastou-se quanto podia, e disse:

– Por certo, cavaleiro, em vós há mais bondade de armas do que um homem possa pensar.

– Dai-vos por preso – disse Amadis –, e será melhor para vós, pois estais tão maltratado que, indo até ao fim a batalha, fim teria a vossa vida, cousa que me pesaria, já que vos prezo, mais do que cuidais.

Isto dizia ele pela grande bondade de armas do outro e pela cortesia que usara com a dona, tendo-a em seu poder. Angriote, que nada mais podia fazer, disse:

– Eu dou-me por preso, e considero que me dou ao melhor cavaleiro do mundo, tal como o devem considerar todos os que hoje trazem armas; e digo-vos, senhor cavaleiro, que não o faço de ânimo leva, mas em grande perda, pois hoje perco a cousa do mundo que mais amo.

– Não a perdereis – disse Amadis –, se eu puder, que mui fora de razão seria se a grande cortesia que usastes com essa que dizeis não tivesse a recompensa e o prémio que merece; e vós a tereis, mais cedo do que tarde. Isto vos prometo eu, como leal cavaleiro, quando voltar de uma demanda em que vou.

– Senhor – disse Angriote –, onde vos acharei?

– Em casa d’el-Rei Lisuarte – disse Amadis –, que aí voltarei, se Deus quiser.

Angriote teria gostado de o levar ao seu castelo, mas ele não quis deixar o caminho que antes seguia; e, despedido deles, começou a seguir o anão, para cumprir a promessa que lhe fizera; assim andou cinco dias, sem aventura encontrar; ao fim dos quais o anão lhe mostrou um mui formoso castelo e mui forte à maravilha, e lhe disse:

– Senhor, naquele castelo havereis de cumprir a vossa promessa.

– Por Deus – disse Amadis –, eu a cumprirei, se puder.

– Essa confiança tenho eu – disse o anão –, e ainda mais, depois de ter visto as vossas grandes façanhas; senhor, sabeis qual é o nome deste castelo?

– Não – disse ele –, que nunca nesta terra entrei.

– Sabei – disse o anão – que tem por nome Valderim.

E, assim falando, chegaram ao castelo; então o anão disse:

– Senhor, tomai as vossas armas.

– Como?! – disse Amadis –, serão precisas?

– Sim – disse ele –, que não deixam dali sair tão facilmente àqueles que entram.

Amadis tomou as suas armas e pôs-se à frente, e o anão e Gandalim atrás dele; e quando entrou pela porta, olhando para um lado e para o outro e não vendo nada, disse ao anão:

– Despovoado me parece este sítio.

– Por Deus – disse ele –, a mim também.

– Pois para que me trouxeste aqui ou que cousa queres que faça?

O anão disse-lhe:

– Por certo, senhor, eu vi aqui o mais bravo cavaleiro e o mais forte em armas que cuido ver; e matou ali naquela porta dois cavaleiros, sendo um deles o meu senhor, e matou-o tão cruelmente como quem que nunca teve mercê; e queria-vos pedir a cabeça daquele traidor que o matou, que já aqui trouxe eu outros cavaleiros para o vingar, mas, por desgraça, uns morreram e os outros prenderam-nos cruelmente.

– Por certo, anão – disse Amadis –, tu és leal, mas não deverias trazer os cavaleiros sem lhes dizer antes com quem teriam de combater.

– Senhor – disse o anão –, o cavaleiro é muito conhecido por ser um dos bravos do mundo e, se o dissesse, não haveria nenhum tão valente que comigo ousasse vir.

– E sabes qual é o seu nome?

– Sei, sim – disse o anão –, chama-se Arcalaus, o Encantador.

Amadis olhou para todo o lado e não viu ninguém; então desmontou do seu cavalo, e esperou até à hora de vésperas, altura em que disse:

– Anão, o que queres que eu faça?

– Senhor – disse ele –, a noite chega e não tenho por bem que aqui pernoitemos.

– Por certo – disse Amadis –, daqui não partirei até chegar o cavaleiro ou alguém que me dê notícias dele.

– Por Deus, eu não ficarei aqui – disse o anão –, que tenho grande medo, porque Arcalaus me conhece e sabe que eu tento matá-lo.

– Mas aqui ficarás – disse Amadis –, pois não pretendo fugir o que te prometi, se puder.

Amadis, vendo então um pátio mais à frente, entrou nele, mas não viu ninguém; mas, numa zona escura, viu uns degraus que desciam para debaixo da terra; e disse a Gandalim, que levava o anão para que não fugisse com o medo:

– Entremos por estes degraus e veremos o que há ali.

– Ai, senhor, mercê! – disse o anão – Não há nada que me faça entrar em sítio tão horrível! Por Deus, deixai-me ir embora, que grande susto sinto no coração.

– Não te deixarei – disse Amadis –, até que cumpra o que te prometi ou vejas como faço o melhor que posso.

O anão, que grande medo tinha, disse:

– Deixai-me ir embora, e eu liberto-vos da promessa e dou-me por contente.

– Em tudo o que depender de mim – disse Amadis –, eu não te mando renunciar à promessa, para que não digas depois que eu faltei ao que devia fazer.

– Senhor, dou-vos por livre dela e a mim por satisfeito – disse ele –; e eu prefiro esperar-vos ali fora, por onde viemos, até vos ver entrar.

– Vai-te com sorte – disse Amadis –, que eu ficarei aqui esta noite até amanhã, à espera do cavaleiro.

O anão foi-se e Amadis desceu os degraus, e foi em frente, não vendo nada; mas tanto desceu que se encontrou num plano; fazia tão escuro que não sabia onde estava, mas foi assim em frente até que deu com uma parede e, passando as mãos por ela, deu com uma barra de ferro em que estava uma chave pendurada; então, abrindo com ela o cadeado de uma grade, ouviu uma voz que dizia:

– Ai, senhor Deus, até quando durará esta grande coita? Ai, morte, porque tardas onde serias mais precisa?!

Amadis escutou um bocado e depois não ouviu mais; então entrou dentro do buraco, com o seu escudo ao colo, o elmo na cabeça e a espada nua na mão; e logo se encontrou num formoso aposento, iluminado por uma candeia, e viu numa cama seis homens armados que dormiam e tinham junto a si escudos e machados; aproximando-se, pegou num dos machados e seguiu em frente; ouviu então mais de cem vozes altas que diziam:

– Deus, Senhor, envia-nos a morte, para tão dolorosa coita não sofreremos.

Ele ficou mui maravilhado de as ouvir; mas, ao ruído das vozes, acordaram os homens que dormiam e disse um a outro:

– Levanta-te, pega no açoite e faz calar aquela maldita gente, que não nos deixam

descansar no nosso sono.

– Isso farei de bom grado – disse ele –, e que sofram pelo sono de que me despertaram.

Então levantou-se mui ligeiro e, pegando no açoite, viu ir à sua frente Amadis; ficando mui maravilhado de o ali ver, disse:

– Quem vai aí?

– Vou eu – disse Amadis.

– E quem sois?

– Sou um cavaleiro de fora – disse Amadis.

– Pois quem vos meteu aqui sem licença?

– Ninguém – disse Amadis –, entrei eu.

– Vós? – disse ele – Isso foi em má hora para vós, pois logo sereis posto naquela coita em que estão aqueles desgraçados que tão grandes gritos dão.

E, virando-se, fechou rapidamente a porta; então, despertando os outros, disse:

– Companheiros, eis aqui um cavaleiro mal andante, que de vontade própria cá entrou.

Então disse um deles, que era carcereiro e tinha o corpo e a força mui grandes em demasia:

– Deixai-me com ele, que logo o porei junto daqueles que ali penam.

E, tomando um machado e um escudo, dirigiu-se a ele, dizendo:

– Se temes a tua morte, deixa as tuas armas, e se não, espera-a, que depressa a irás receber deste meu machado.

Amadis enfureceu-se ao ouvir-se ameaçar e disse:

– Eu não daria por ti uma palha, pois podes ser grande e valente, mas, como és mau e de mau sangue, fraquejar-te-á o coração.

E logo levantaram os machados e golpearam-se ambos com eles; o carcereiro deu-lhe por cima do elmo e o machado entrou bem por ele; mas Amadis deu-lhe no escudo de tal maneira que lho atravessou; o outro, que se afastou, levou o machado no escudo, mas Amadis deitou mão à espada, foi-se a ele e cortou-lhe a haste do machado; o outro, que era mui valente, tentou fazê-lo cair debaixo si, mas de outra maneira aconteceu, pois em Amadis tinha mais força do que nenhum outro que naquele tempo vivesse; o carcereiro apanhou-o entre os seus braços e tentava derrubá-lo, mas Amadis deu-lhe com o punho da espada no rosto, de tal forma que lhe partiu uma queixada e o derrubou à sua frente,

atordoado; então deu-lhe um golpe na cabeça de maneira que não teve mais necessidade de físico; os outros, que os olhavam, gritaram que não o matasse ou seria morto.

– Não sei o que acontecerá – disse Amadis –, mas deste, ficarei seguro

Metendo então a espada na bainha, tirou o machado do escudo e foi-se a eles, que contra ele vinham todos juntos a tentar atingi-lo; e descarregaram nele os seus golpes, o mais forte que puderam, mas ele deu a um deles um golpe que até os miolos lhe fendeu, dando com ele aos seus pés, e logo deu a outro, que mais o tinha atacado, um golpe nos costados, e abrindo-lhos e derrubando-o; e a outro agarrou-o pelo machado tão fortemente que o atirou de joelhos no chão, e assim este como o outro, que o queriam atingir, pediram-lhe, por mercê, que não os matasse.

– Pois deixai logo as armas – disse Amadis – e mostrai-me essa gente que grita.

Eles deixaram-nas e foram logo à sua frente com umas velas; Amadis ouviu gemer e chorar numa câmara pequena, e disse:

– Quem está aqui?

– Senhor – disseram eles –, uma dona que é mui coitada.

– Pois abri essa porta – disse ele – e vê-la-ei.

Um deles voltou até onde jazia o grande carcereiro e, tomando-lhe duas chaves que tinha no cinto, abriu a porta da câmara; a dona, que cuidou que fosse o carcereiro, disse:

– Ai, varão, por Deus, tende piedade de mim e dai-me a morte, e não tantos martírios como me dais.

E disse ainda:

– Ó Rei, em mau dia fui eu tão amada por vós, que tão caro me custa o vosso amor!

Amadis teve grande dó dela, tanto que as lágrimas lhe vieram aos olhos, e disse:

– Dona, não sou quem pensais; antes aquele que vos tirará daqui, se puder.

– Ai, Santa María! – disse –, quem sois vós, que pudestes aqui entrar?

– Sou um cavalheiro de fora – disse ele.

– Pois o que foi feito do grande e cruel carcereiro e dos outros guardas?

– O que será de todos os maus que não se emendam – disse ele.

Então mandou a um dos homens trazer uma luz e, tendo-o ele assim feito, Amadis viu a dona com uma grossa cadeia na garganta e os vestidos rasgados em muitos lados, de tal forma que as carnes se lhe viam; vendo então que Amadis olhava para ela com

piedade, disse:

– Senhor, se bem que agora assim me vejais, já houve um tempo em que eu era rica, como filha de rei que sou, e por causa de um rei estou nesta coita.

– Dona – disse ele –, não vos queixeis, que essas são voltas e reviravoltas da fortuna, às quais ninguém pode fugir, nem delas se apartar; e se é pessoa que algo valha aquele por quem este mal sofreis e passais, a vossa pobreza e baixo trajar se tornarão riqueza, e a coita em grande alegria; mas em nada nos devemos fiar.

Mandou então que lhe tirassem a cadeia e que lhe trouxessem qualquer cousa com que se pudesse cobrir; e o homem que as velas levava trouxe um manto de escarlata que Arcalaus tinha dado àquele seu carcereiro. Amadis cobriu-a com ele e, tomando-a pela mão, tirou-a fora do aposento, dizendo-lhe que não temesse ali voltar, se antes não o matassem a ele; e, levando-a consigo, chegaram onde o grande carcereiro e os outros mortos estavam, do que ela ficou muito espantada, e disse:

– Ai, mãos, quantas feridas, quantas cruezas haveis feito e dado, a mim e a outros que aqui jazem sem o merecer! E ainda que vós a vingança não sintais, sente-a aquela desventurada alma que vos sustinha.

– Senhora – disse Amadis –, assim que eu vos ponha a salvo com um meu escudeiro, voltarei para os tirar a todos, que nenhum fique.

Assim seguiram em frente e, chegando à grade, veio ali um homem, que disse ao que levava as velas:

– Pergunta-vos Arcalaus onde está o cavaleiro que aqui entrou, se o matastes ou se foi preso.

Ele teve tanto medo que não falou e as velas caíram-lhe das mãos; Amadis tomou-as e disse:

– Não tenhas medo, velhaco! De que temes, estando na minha guarda? Segue adiante.

E subiram pelos degraus até sair ao pátio, vendo então que grande parte da noite era passada e o luar era mui claro. Quando a dona viu o céu e o ar, ficou mui alegre à maravilha, como quem não os tinha visto durante muito tempo, e disse:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te guarde e te dê a recompensa que mereces por me tirar daqui!

Amadis, levando-a pela mão e chegando onde deixara Gandalim, não o achou, pelo que, temendo tê-lo perdido, disse:

– Se o melhor escudeiro do mundo está morto, por ele se fará a maior e mais cruel vingança que jamais se fez, se eu vida tiver.

Assim estando, ouviu uns gritos e, indo até lá, achou o anão pendurado por uma perna numa viga, tendo por baixo dele uma fogueira com cousas de maus cheiros, e viu do outro lado Gandalim, no momento em que ainda estavam a atá-lo; preparando-se para ir desatá-lo, este disse:

– Senhor, acorrei antes ao anão, que mui coitado é.

Amadis assim fez: sustendo-o com o braço, cortou a corda com a espada e pô-lo no chão; em seguida foi desatar Gandalim, dizendo:

– Por certo, amigo, não te prezava tanto como eu quem te pôs aqui.

Então dirigiu-se à porta do castelo, mas encontrou-a fechada com uma porta corrediça. Como viu que não poderia sair, afastou-se até um dos lados do pátio, onde havia um banco, e ali se sentou com a dona, e consigo estavam Gandalim, o anão e os dois homens do cárcere. Gandalim mostrou-lhe um casebre onde tinham metido o seu cavalo, e ele, indo até lá, arrombou a porta e, achando-o selado e enfreado, trouxe-o para perto de si; e de bom grado queria voltar ao subterrâneo para ir buscar presos, mas teve receio que a dona recebesse qualquer dano de Arcalaus, pois este já estava no castelo, e decidiu esperar pelo dia; perguntou então à dona quem era o rei que a amava e por quem aquela coita sofria.

– Senhor – disse ela –, sendo este Arcalaus mui grande inimigo do rei por quem eu sou amada e sabendo-o ele, não podendo dele tomar vingança, decidiu tomar-me a mim, acreditando que este era o maior pesar que lhe fazia; e ainda que me tomasse diante de muita gente, meteu-se comigo num ar tão escuro que ninguém me pôde ver e isto foi pelos encantamentos que ele faz; e meteu-me ali onde me achastes, dizendo que, sofrendo eu em tal escuridão e aquele que me ama em não me ver nem saber de mim, folgava o seu coração com esta vingança.

– Dizei-me – disse Amadis –, se vos aprouver, quem é esse rei.

– Arbão de Norgales – disse a dona –, não sei se dele tendes notícia.

– A Deus mercê! – disse Amadis –, que ele é o cavaleiro do mundo que eu mais amo; agora já não tenho tanta piedade de vós como antes, pois que por um dos melhores homens do mundo o sofrestes, por aquele com quem, com dobrada alegria e honra, a vossa vontade será satisfeita.

Falando nisto e noutras cousas estiveram ali até ser de manhã e dia claro; então

viu Amadis nas janelas um cavaleiro, que lhe disse:

– Sois vós o que matou o meu carcereiro e os meus homens?

– Como?! – disse Amadis – Sois vós aquele que injustamente matais cavaleiros e prendeis donas e donzelas? Por certo, eu vos considero o mais desleal cavaleiro do mundo, por terdes mais crueza do que bondade.

– Ainda vós não sabeis toda a minha crueza – disse o cavaleiro –; mas eu farei com que a saibais dentre em pouco e farei com que deixeis de vos preocupar em emendar ou criticar cousa que eu faça, justa ou injustamente.

E afastou-se da janela; mas não demorou muito até que o viu sair para o pátio, mui bem armado e em cima de um grande cavalo; e ele era um dos maiores cavaleiros do mundo que gigante não fosse; Amadis olhava-o, acreditando que nele havia grande força em lugar de razão; e Arcalaus disse-lhe:

– O que estás a olhar para mim?

– Olho-te – disse ele – porque, atendendo ao teu parecer, poderias ser homem mui assinalado, se as tuas más obras não o impedissem, bem como a deslealdade que tens vontade de manter.

– A um lindo tempo me trouxe a sorte – disse Arcalaus –, se por um tal como tu tinha de ser repreendido.

E foi contra ele, com a lança baixa, e Amadis também; Arcalaus atingiu-o no escudo, ficando a lança em pedaços, e juntaram-se os cavalos e eles um com o outro tão rijamente que caíram os dois, mas logo se puseram em pé, como aqueles que muito vivos e esforçados eram; e golpearam-se com as espadas fazendo entre eles uma batalha tão cruel e brava, que ninguém poderia acreditar se não a visse, e que durou muito por terem ambos muita força e valor; mas por fim Arcalaus afastou-se e disse:

– Cavaleiro, estás em risco da morte e não sei quem és; diz-me, para que o saiba, que mais penso em te matar do que em vencer.

– A minha morte – disse Amadis – está na vontade de Deus, a quem eu temo; e a tua no diabo, que está já cansado de te sustentar e quer que o corpo a quem tantos vícios maus deu com a alma pereça; mas, pois desejas saber quem sou, digo-te que o meu nome é Amadis de Gaula e sou cavaleiro da Rainha Brisena. E agora cuida de terminar batalha, que não te deixarei mais descansar.

Arcalaus tomou o seu escudo e a sua espada e deram-se ambos golpes mui fortes e duros, de tal maneira que a praça estava semeada de pedaços dos escudos e das malhas

das armaduras; e sendo já a hora de terça, tendo Arcalaus perdido muita da sua força, foi dar um golpe por cima do elmo a Amadis, mas, não podendo segurar a espada, esta fugiu-lhe da mão e caiu em terra; quando a quis apanhar, empurrou-o Amadis com tanta força que o fez dar com as mãos no chão; e quando se levantava, deu-lhe com a espada um golpe tal por cima do elmo, que o entonteceu; quando Arcalaus se viu em perigo de morte, começou a fugir para o lugar donde saíra, e Amadis atrás dele, e ambos entraram no palácio, mas Arcalaus acolheu-se a uma câmara, à porta da qual estava uma dona que olhava como combatiam. Arcalaus, assim que se viu na câmara, pegou numa espada e disse para Amadis:

– Agora entra e combate comigo.

– Antes combatamos nesta sala, que é maior – disse Amadis.

– Não quero – disse Arcalaus.

– Como?! – disse Amadis –; com isso te crês amparar?

Então, pondo o escudo diante de si, entrou com ele; mas, levantando a espada para lhe dar um golpe, perdeu a força de todos os membros e depois os sentidos, e caiu em terra como morto. Arcalaus disse:

– Não quero que morras de outra morte senão desta.

E disse à dona que para eles olhava:

– Parece-vos, amiga, que me vingarei bem deste cavaleiro?

– Parece-me – disse ela – que vos vingareis à vossa vontade.

E logo desarmou Amadis, que não dava acordo de si; em seguida, armou-se com aquelas armas e disse à dona:

– Que a este cavaleiro não o mova daqui ninguém, por quanto amais, e assim o deixai até que a alma lhe tenha saído.

E saiu assim armado ao pátio e todos cuidaram que o matara; a dona que da prisão saíra fazia grandes lamentações, e de Gandalim nem vale a pena falar; então Arcalaus disse:

– Dona, procurai outro que daqui vos tire, que aquele que vistes, acabado está.

Quando Gandalim isto ouviu, caiu em terra como morto. Arcalaus tomou a dona e disse:

– Vinde comigo e vereis como morre aquele infeliz que comigo combateu.

E, levando-a onde Amadis estava, disse-lhe:

– O que vos parece, dona?

Ela começou a chorar amargamente, e disse:

– Ai, bom cavaleiro, quanta dor e tristeza causará a muitos bons a tua morte!

Arcalaus disse à outra dona, que era sua mulher:

– Amiga, assim que este cavaleiro morrer, farei regressar esta dona à prisão de onde ele a tirou; e eu irei a casa d’el-Rei Lisuarte e direi ali como combati com ele e que, por sua vontade e minha, foi acordado fazer esta batalha com a condição de que o vencedor cortasse ao outro a cabeça e o fosse dizer àquela corte dentro de quinze dias; e desta maneira ninguém terá razão de me reclamar esta morte, e eu ficarei com a maior glória e alteza nas armas que tenha cavaleiro em todo o mundo, por vencer este que não tinha par.

E voltando ao pátio, mandou meter na escura prisão Gandalim e o anão. Gandalim queria que o matasse e ia-o chamando:

– Traidor, que mataste ao mais leal cavaleiro que nasceu!

Mas Arcalaus mandou-o levar aos seus homens, arrastado por uma perna, dizendo:

– Se te matasse, não te daria pesar; ali dentro o terás muito maior que a própria morte.

E, montando no cavalo de Amadis, levando consigo três escudeiros, meteu-se a caminho para onde el-Rei Lisuarte estava.

CAPÍTULO XIX

Como Amadis foi encantado por Arcalaus, o Encantador, porque quis desencantar e tirar da prisão D. Grindalaia e outros, e como escapou dos encantamentos que Arcalaus lhe tinha feito

Grindalaia, que assim se chamava a dona presa, fazia tão grande lamentação por Amadis, que triste era de ouvir, dizendo à mulher de Arcalaus e às outras donas que com ela estavam:

– Ai, senhoras, não vedes que formosura de cavaleiro e que em tão tenra idade era um dos melhores cavaleiros do mundo? Mal hajam aqueles que encantamentos sabem, que tanto mal e dano aos bons podem fazer! Oh Deus meu, como podes suportar criaturas tais!

A mulher de Arcalaus, que, tanto como seu marido era dado à crueza e à maldade,

tanto o era ela à virtude e à piedade, e a quem muito pesava de coração o que o seu marido fazia e sempre em suas orações rogava a Deus que o emendasse, consolava a dona como podia; e estando assim, entraram pela porta do palácio duas donzelas que traziam na mão muitas velas acesas, e as puseram nos cantos da câmara onde Amadis jazia; as donas que ali estavam não lhes puderam falar nem mexer-se donde estavam; uma das donzelas tirou então um livro de um cofrezinho que debaixo do braço trazia e começou a ler por ele; e uma voz lhe respondia algumas vezes; e lendo desta maneira um bocado, no fim responderam-lhe muitas vozes juntas dentro da câmara, que pareciam mais de cem; então viram aparecer, pelo chão da câmara, um livro rodando, como se o vento o levasse, até que parou aos pés da donzela; e ela, tomando-o, partiu-o em quatro partes, e foi-as queimar nos cantos da câmara onde as velas ardiam; voltou-se então para onde Amadis estava e, tomando-o pela mão direita, disse:

– Senhor, levantai-vos, que muito jazeis coitado.

Amadis levantou-se e disse:

– Santa Maria! Que foi isto, que por pouco teria morrido?

– Por certo, senhor – disse a donzela –, tal homem como vós não devia assim morrer, pois antes quererá Deus que à vossa mão morram outros que melhor o mereçam.

E voltaram ambas as donzelas por onde tinham vindo, sem nada mais dizer; Amadis perguntou por Arcalaus, que fora feito dele; e Grindalaia lhe contou como tinha sido encantado e tudo o que Arcalaus dissera, e como se tinha ido, armado com as suas armas e no seu cavalo, à corte d’el-Rei Lisuarte a dizer como o matara. Amadis disse:

– Eu bem senti quando me ele desarmou, mas tudo me parecia como em sonhos.

E logo voltou para a câmara e, armando-se com as armas de Arcalaus, saiu do palácio, perguntando o que tinham feito a Gandalim e ao anão. Grindalaia disse-lhe que os tinham metido na prisão. Amadis disse à mulher de Arcalaus:

– Guardai-me esta dona como à vossa cabeça até que eu volte.

Então desceu pela escada e entrou no pátio; quando os homens de Arcalaus assim armado o viram, fugiram e espalharam-se por todo o lado; e ele foi-se logo à prisão e entrou no aposento onde os homens matara, e dali chegou à prisão onde estavam os presos e que era um lugar muito estreito, com o comprimento de mais de cem braçadas e de largura uma e meia, tão escuro que nem claridade nem ar nelepodiam entrar, sendo os presos tantos que já não cabiam. Amadis entrou pela porta e chamou por Gandalim, mas ele estava como morto, de tal forma que, quando ouviu a sua voz, estremeceu, mas não

cuidou que fosse ele, que por morto o tinha, e pensava que ele mesmo estava encantado.

Então Amadis gritou mais e disse:

– Gandalim, onde estás? Ai, Deus, que mal fazes tu em não me responder!

E disse aos outros:

– Dizei-me, por Deus, se é vivo o escudeiro que aqui meteram.

O anão, que isto ouviu, percebeu que era Amadis e disse:

– Senhor, aqui estamos e vivos, ainda que muito a morte tivéssemos desejado.

Ele ficou mui alegre ao ouvi-lo e, tomando umas velas que junto à candeia do aposento estavam e acendendo-as, voltou à prisão; vendo então onde Gandalim e o anão estavam, disse:

– Gandalim, sai para fora e atrás de ti todos os que aqui estão, que não fique nenhum!

E todos diziam:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te dê boa paga, porque nos acudistes!

Então tirou a corrente a Gandalim, que era o último, e depois ao anão e a todos os outros que ali estavam cativos, que foram cento e quinze, trinta deles cavaleiros; e todos iam atrás de Amadis, saindo do buraco e dizendo:

– Ai, cavaleiro bem-aventurado, que assim saiu Nosso Senhor Jesus Cristo dos infernos quando dele tirou os seus servidores. Ele te dê graças pela mercê que nos fazes!

Assim saíram todos para o pátio, onde, vendo o sol e o céu, caíam de joelhos com as mãos ao alto, dando muitas graças a Deus, que tal coragem dera àquele cavaleiro para os tirar de lugar tão cruel e esquivo. Amadis olhava-os, havendo grande dó de os ver tão maltratados, que mais pareciam nos seus semblantes mais mortos do que vivos; e entre eles viu um assaz grande e bem feito, ainda que a pobreza o desfigurasse; este veio para Amadis e disse:

– Senhor cavaleiro, quem diremos que nos livrou desta cruel prisão e trevas espantosas?

– Senhor – disse Amadis –, eu vo-lo direi de mui bom grado. Sabei que o meu nome é Amadis de Gaula, filho d’el-Rei Perião, e que sou da casa d’el-Rei Lisuarte e cavaleiro da Rainha Brisena, sua mulher; e, vindo em busca de um cavaleiro, me trouxe aqui um anão, por uma promessa que lhe fiz.

– Pois eu – disse o cavaleiro – de sua casa também sou, e mui conhecido d’el-Rei e dos seus, onde me vi com mais honra do que agora estou.

– De sua casa sois? – disse Amadis.

– Sim, sou, por certo – disse o cavaleiro – e dali saí quando fui posto nesta má ventura de onde me tirastes.

– E como haveis nome? – disse Amadis.

– Brandoívas – disse ele.

Quando Amadis o ouviu, houve mui grande prazer e foi-o abraçar, dizendo:

– A Deus mercê, por me ter deixado tirar-vos de tão cruel pena! Muitas vezes a el-Rei Lisuarte ouvi falar de vós, e a todos os da corte, enquanto eu ali estive, louvando vossas virtudes e cavalarias, e havendo grande inquietação por não saberem novas do que vos sucedera.

Então todos os presos foram diante de Amadis e disseram-lhe:

– Senhor, aqui estamos à vossa mercê; que nos mandais fazer, que de bom grado o faremos, pois que tanta razão para isso há?

– Amigos – disse ele –, que cada um vá para onde mais lhe agrade e faça proveito.

– Senhor – disseram eles –, ainda que vós não nos conheçais nem saibais de que terra somos, todos vos conhecemos para vos servir; e quando houver motivo para vos ajudarmos, não esperaremos pelo vosso mandado, que sem ele acudiremos onde quer que sejais.

Com isto se foram cada um sua via quanto mais puderam, que bem preciso lhes era. Amadis tomou consigo Brandoívas e os seus escudeiros que ali tinham sido presos e foi-se aonde a mulher de Arcalaus com outras mulheres estava, e com ela encontrou Grindalaia, e disse:

– Dona, por vós e por estas vossas mulheres deixo de queimar o castelo, pois a grande maldade de vosso marido bem o justificava; mas tal não se fará, por aquele acatamento que os cavaleiros devem a donas e donzelas.

A dona disse-lhe, chorando:

– Deus é testemunha, senhor cavaleiro, da dor e pesar que a minha alma sente com o que Arcalaus, meu senhor, faz. Como marido, não posso eu senão obedecer-lhe e rogar a Deus por ele; mas em vossa mão está fazerdes contra mim o que, senhor, quiserdes.

– O que eu farei – disse ele – é o que tenho dito; mas rogo-vos muito que nos deis umas roupas boas e ricas para esta dona, que é de alto estado, e para este cavaleiro umas armas, que aqui lhe foram tomadas as suas, e um cavalo; e se com isto sentis agravo, não se pedirá, e eu levarei as armas de Arcalaus pelas minhas e o seu cavalo pelo meu; mas

bem vos digo que a espada que ele me leva quereria mais do que tudo isto.

– Senhor – disse a dona –, justo é o que pedis; mas, mesmo que o não fosse, reconhecendo o vosso comedimento, eu o faria de bom grado.

Então mandou trazer as armas a Brandoívas e dar-lhe um cavalo; e à dona, meteu-a na sua câmara e vestiu-a com uns vestidos seus, assaz bons, e trouxe-a de novo a Amadis e rogou-lhe que comesse antes que se fosse e ele aceitou; e pouco depois a dona lhe fez servir do melhor que se pôde arranjar. Grindalaia não conseguia comer, antes reclamava muito para se irem embora do castelo, do que Amadis e Brandoívas se riam muito, e muito mais do anão, que estava tão amedrontado que nem podia comer nem falar e a cor tinha perdida. Amadis disse-lhe:

– Anão, queres que esperemos por Arcalaus e cumprirei a promessa de que me libertaste?

– Senhor – disse ele –, tão caro me custou, que nem a vós nem a mais ninguém voltarei a pedir promessas enquanto viva! Vamo-nos daqui antes que o diabo cá volte, que não posso aguentar esta perna pela qual estive pendurado, e tenho o nariz cheio da pedra de enxofre que por baixo de mim pôs, que não tenho feito mais do que espirrar, e mesmo pior.

Grande foi o riso de Amadis e Brandoívas e também das donas e donzelas com o que ele disse; então, assim que levantaram as toalhas, Amadis despediu-se da mulher de Arcalaus e ela, encomendando-o a Deus, disse:

– Deus ponha paz entre o meu senhor e vós.

– Por certo, dona – disse Amadis –, ainda que a não tenha com ele, tê-la-ei convosco, que o mereceis.

E houve depois um tempo em que estas palavras que ali lhe disse muito aproveitaram à dona, como no quarto livro desta história vos será contado. Então montaram nos seus cavalos e a dona num palafrém e, saindo do castelo, andaram todo aquele dia juntos até à noite, a qual passaram em casa de um infanção que a cinco léguas do castelo morava, e onde lhes foi feita muita honra e serviço; e no outro dia, tendo ouvido missa, e despedidos do seu hospedeiro, seguiram o seu caminho; e Amadis disse a Brandoívas:

– Bom senhor, eu ando em busca de um cavaleiro, como vos disse, e vós andais fatigados; melhor será que nos separemos.

– Senhor – disse ele –, a mim convém-me ir à corte d’el-Rei Lisuarte, mas, se me mandardes, acompanhar-vos-ei.

– Muito vo-lo agradeço – disse Amadis –, mas a mim convém-me mais andar só e deixar esta dona num lugar para onde queira ir.

– Senhor – disse ela –, então eu irei com este cavaleiro para onde ele vai, porque aí encontrarei aquele por causa de quem fui presa, que terá prazer com a minha vista.

– Seja, por Deus! – disse Amadis – E a Ele vos encomendo.

Assim se partiram, como ouvis; e Amadis disse ao anão:

– Amigo, que farás tu?

– O que vós mandardes – disse ele.

– O que eu mando – disse Amadis – é que faças o que mais te apetecer.

– Senhor – disse ele –, pois a decisão a mim ma deixais, queria ser vosso vassalo, para vos servir, que não sinto eu agora com quem melhor possa viver.

– Se a ti te apraz – disse Amadis –, também me apraz a mim, e eu te recebo por meu vassalo.

O anão beijou-lhe a mão. E Amadis seguiu pelo caminho para onde a ventura o guiava. Mas não tardou muito até que encontrou uma das donzelas que o tinham salvo, chorando fortemente, e a quem perguntou então:

– Senhora donzela, por que chorais?

– Choro – disse ela – por um cofrezinho que me tomou aquele cavaleiro que ali vai, e a ele não serve para nada; ainda que, pelo que nele vai, tivesse escapado de morte não há três dias o melhor cavaleiro do mundo; e também por outra minha companheira que outro cavaleiro levou à força, para a desonrar.

Esta donzela não reconheceu Amadis por causa elmo, que tinha posto quando de longe tinha visto os cavaleiros; mas ele, quando aquilo ouviu, passou por ela, alcançou o cavaleiro e disse-lhe:

– Por certo, cavaleiro, não agis com cortesia ao fazer com que a donzela vá atrás de vós chorando; aconselho-vos que cesse a vossa desmesura e que lhe torneis a dar o cofre.

O cavaleiro começou a rir, e Amadis perguntou-lhe:

– Por que ris?

– De vós me rio – disse ele –, que vos tenho por louco em dardes conselhos a quem vo-los não pede, nem fará nada do que disserdes.

– Poderá ser – disse Amadis – que daí nada de bom vos venha! Dai-lhe o seu cofre, pois não vos serve para nada.

– Parece-me – disse o cavaleiro – que me ameaçais.

– Ameaça-vos a vossa grande soberba – disse Amadis –, que vos leva a fazer esta violência a quem não devíeis.

O cavaleiro pôs então o cofrezinho numa árvore e disse:

– Se a vossa ousadia é tal como as palavras, vinde por ele e dai-o ao seu dono.

E virou a cabeça do cavalo contra ele. Amadis, que já com sanha estava, foi-se a ele, e ele veio a grande galope para o atacar, e atingiu-o no escudo, amolgando-lho, mas não passou ao arnês, que era forte; e com isto quebrou a lança; e Amadis atingiu-o tão duramente que o derrubou por terra com o cavalo sobre ele, e ficou tão maltratado que não se conseguiu levantar. Amadis tomou então o cofre, deu-a à donzela e disse:

– Esperai aqui enquanto socorro a outra.

Então foi a mais não poder para onde tinha visto o cavaleiro, e em pouco tempo encontrou-o entre umas árvores, onde tinha atado o seu cavalo e o palafrém da donzela, e viu-o com ela, tentando forçá-la para a desonrar, enquanto ela dava grandes gritos, e ele a arrastava pelos cabelos para uma mata; e ela dizia com grande coita:

– Ai traidor, inimigo meu, cedo morras de má morte por isto que me fazes, em assim me querer desonrar, de mim não tendo recebido dano.

Nisto estando, chegou Amadis e gritou-lhe que deixasse a donzela; o cavaleiro, quando o viu, foi logo tomar as suas armas e, montando em seu cavalo, disse:

– Em má hora me impedistes de fazer a minha vontade.

– Deus confunda tal vontade – disse Amadis – que assim faz perder a vergonha a cavaleiro.

– Por certo, se me não vingasse de vós – disse o cavaleiro –, nunca mais traria armas.

– O mundo perderia muito pouco – disse Amadis – se as abandonásseis, pois com tanta vileza usais delas, forçando as mulheres, que mui guardadas devem ser pelos cavaleiros.

Então se acometeram a grande galope dos seus cavalos, e atingiram-se tão duramente que foi maravilha; o cavaleiro quebrou a sua lança, mas Amadis empurrou-o por cima do arção traseiro e ele deu com o elmo no chão, e, como o corpo todo caiu sobre o pescoço, torceu-lho de tal maneira que ficou mais morto do que vivo; e Amadis, que assim o viu tão maltratado, acabou com ele, passando-lhe com o cavalo por cima, e dizendo:

– Assim perdereis o zelo desonesto.

E disse à donzela:

– Amiga, deste já nada tendes a recear.

– Assim me parece, senhor – disse ela –, mas temo pela outra donzela, minha companheira, a quem tomaram um cofrezinho, que lhe façam algum mal.

– Não temais – disse Amadis – que eu já lha fiz reaver, e ei-la que vem com o meu escudeiro.

Então tirou o elmo, e a donzela reconheceu-o e ele a ela, pois esta era aquela que o tinha levado, vindo ele da Gaula, a Urganda a Desconhecida, quando tirou o seu amigo, por força de armas, do castelo de Baldoíde; descendo então do cavalo, foi-a abraçar, e o mesmo fez com a outra, quando chegou; elas disseram-lhe:

– Senhor, se tivéssemos sabido que tal defensor tínhamos, pouco temeríamos ser forçadas; e bem podeis dizer que, se vos acudimos, foi por vosso merecimento, pois nos acudistes.

– Senhoras – disse Amadis –, em maior perigo estava eu; e rogo-vos que me digais como o haveis sabido.

A donzela que por sua mão o levantara disse-lhe:

– Senhor, a minha tia Urganda mandou-me, há bem dez dias, que fizesse os possíveis para chegar ali àquela hora, para vos libertar.

– Deus lho agradeça – disse ele –, e eu servi-la-ei no que mandar e quiser, e a vós, que tão bem o haveis feito; e dizei-me se precisais algo mais de mim.

– Senhor – disseram elas –, voltai ao vosso caminho, que por nós deixastes, e nós seguiremos o nosso.

– Ide com Deus – disse ele –; e encomendai-me muito a vossa senhora, e dizei-lhe que já sabe que sou seu cavaleiro.

As donzelas seguiram o seu caminho e Amadiu tomou o seu; onde ficará, para se contar o que Arcalaus fez.

CAPÍTULO XX

Como Arcalaus levou novas à corte d’el-Rei Lisuarte de como Amadis estava morto e os grandes prantos que em toda a corte por ele se fizeram, em especial Oriana.

Arcalaus, depois que se partiu de Amadis, deixando-o encantado, tanto andou, montado no seu cavalo e armado com as suas armas, que em dez dias chegou a casa d’el-

Rei Lisuarte. Era de manhã, quando o sol nascia, e a essa hora, el-Rei Lisuarte, cavalgando com mui grande companhia, andava entre o seu palácio e a floresta. Vendo Arcaus vir ao seu encontro, e reconhecendo o cavalo e as armas, todos cuidaram que era Amadis, e el-Rei foi para a ele mui alegre; mas, aproximando-se, e trazendo ele o rosto e as mãos desarmadas, viram que não era quem pensavam e ficaram maravilhados. Arcaus adiantou-se então para el-Rei e disse-lhe:

– Senhor, eu venho a vós porque jurei aparecer aqui e contar-vos como matei numa batalha um cavaleiro; e por certo, eu venho com vergonha, porque antes queria ser louvado por outros do que por mim; mas não posso fazer doutra forma, que tal foi o acordo entre nós: que o vencedor cortasse a cabeça ao outro e se apresentasse perante vós no dia de hoje; e muito me pesou tal acordo, pois me disse que era cavaleiro da Rainha. Então eu disse-lhe que, se me matasse, matava Arcaus, que é este o meu nome, e ele disse que se chamava Amadis de Gaula. E assim desta maneira ele recebeu a morte, e eu fiquei com a honra e o louvor da batalha.

– Ai, Santa Maria, vale! – disse el-Rei – Morto é o melhor e mais esforçado cavaleiro do mundo. Ai, Deus, senhor! E por que vos aprouve fazer tão bom começo em tal cavaleiro?

E começou a fazer mui grande pranto, e todos os outros que ali estavam. Arcaus voltou para donde viera, assaz irritado, porque todos os que o viam o maldiziam, rogando e fazendo petição a Deus para que lhe desse cedo má morte; e eles mesmos lha dariam, se não fosse porque, tendo em conta o que contara, não havia nenhum justo motivo para isso. El-Rei foi para o seu palácio, mui apoquentado e triste à maravilha. E as novas soaram por todas as partes, até chegarem a casa da Rainha; as donas, ao ouvirem que Amadis estava morto, começaram a chorar, pois de todas era mui amado e querido. Oriana, que na sua câmara estava, pediu então à Donzela de Dinamarca que fosse saber que cousa era aquele pranto que se fazia. A donzela saiu e, quando o soube, voltou, ferindo com as suas mãos o rosto e, chorando mui feramente, olhava para Oriana; e depois disse-lhe:

– Ai, senhora, que coita e que grande dor!

Oriana estremeceu toda e perguntou:

– Ai, Santa Maria, terá morrido Amadis?

A donzela disse:

– Ai, desgraçada de mim, que morto está!

E Oriana, desfalecendo-lhe o coração, caiu em terra como morta. A donzela,

quando assim a viu, deixou de chorar e foi até junto de Mabília, que, em pranto, arrancava os cabelos, e disse-lhe:

– Senhora Mabília, acudi a minha senhora, que morre.

Ela voltou a cabeça e viu Oriana deitada no estrado como se estivesse morta; e ainda que a sua coita fosse mui grande, que mais não podia ser, quis dar remédio onde convinha e, mandando a donzela fechar a porta da câmara, para que ninguém assim a visse, foi tomar Oriana nos braços e logo depois mandou deitar-lhe água fria pelo rosto, com que logo acordou um pouco; e quando conseguiu falar, disse chorando:

– Ai, amigas! Por Deus, não estorveis a minha morte, se o meu descanso desejais, nem me façais tão desleal que uma só hora viva sem aquele que, não com a minha morte, mas com o meu desfavor, não poderia viver sequer uma hora.

E disse ainda:

– Ai, flor e espelho de toda a cavalaria, tão grave e estranha é para mim a vossa morte! E por ela não somente padecerei eu, mas todo o mundo, ao perder aquele grande chefe e capitão, tanto nas armas como em todas as outras virtudes, e em quem todos que vivem exemplo podiam tomar! Mas se algum consolo tem o meu triste coração, é apenas o de, não podendo suportar tão cruel golpe, despedindo-se de mim, vá para onde está o vosso; pois que, ainda que na terra fria tenham a sua morada, onde desfeitos e consumidos serão, aquele grande fogo do amor que com tanto alento sustinham, mesmo quando separados nesta vida, muito maior na outra sustentarão, sendo juntos, se possível fosse ser-lhes isso concedido.

Então desmaiou de tal sorte que de todo em todo cuidaram que estivesse morta: aqueles seus mui formosos cabelos tinha revoltos e estendidos por terra, e as mãos tinha sobre o coração, onde a raivosa morte espreitava, padecendo em maior grau aquela cruel tristeza do que os prazeres e deleites que até ali em seus amores tinha tido, tal como em semelhantes cousas desta qualidade continuamente acontece. Mabília, que verdadeiramente cuidou que estivesse morta, disse:

– Ai, Deus, Senhor! Não queirais que eu mais viva, pois as duas cousas que neste mundo mais amava estão mortas!

A donzela disse-lhe:

– Por Deus, senhora, não falte em tal hora vossa discrição, e acudi ao que tem remédio.

Mabília, recobrando ânimo, levantou-se e, tomando Oriana, puseram-na no seu

leito. Oriana suspirou então, e mexia os braços para um e outro lado, como se a alma se lhe arrancasse do corpo. Quando isto viu, Mabília tomou um pouco de água, tornou a deitar-lha pelo rosto e pelos peitos, o que lhe fez abrir os olhos e acordar um pouco mais, e disse-lhe:

– Ai, senhora! Que que pouco siso é esse, que assim vos deixais morrer com novas tão levianas como as que aquele cavaleiro trouxe, não sabendo ser verdade? Ele poderia ter conseguido aquelas armas e o cavalo, ou por os ter pedido a vosso amigo, ou quiçá por lhos ter roubado, que não por aquela via que ele disse. Pois não fez Deus o vosso amigo tão sem ventura para assim tão cedo o tirar deste mundo. O que conseguireis com isso, se de vossa tão grande coita algo se sabe, será perder-vos para sempre.

Oriana animou-se então um pouco mais. Com os olhos postos na janela onde falara com Amadis, ao tempo em que ali chegara pela primeira vez, disse com voz mui fraca, como quem tinha perdido muito das suas forças:

– Ai, janela! Que coita é para mim aquela formosa fala que em ti foi feita! Sei bem que não durarás tanto que em ti outros dois falem tão verdadeira e leal fala!

E disse ainda:

– Ai, meu amigo, flor de todos os cavaleiros, quantos perderam socorro e defesa com a vossa morte, e que coita e dor será a de todos eles! Mas a mim mui maior e mais amarga será, pois que eu, muito mais que minha, vossa era! Pois assim como em vós era todo meu prazer e minha alegria, assim vós faltando, tudo se tornou no seu contrário, em graves e incomportáveis tormentos! A minha alma viverá fatigada, até que a morte, que eu tanto desejo, me venha, a qual, sendo causa que a minha alma com a vossa se junte, de mui maior descanso que a atribulada vida me será.

Mabília, com semblante zangado, disse:

– Como, senhora?! Pensais vós que, se eu acreditasse nestas novas, teria ânimo para consolar alguém? Não é tão pequeno nem ligeiro o amor que a meu primo tenho; antes, assim Deus me salve, se com razão o pudesse acreditar, nem a vós nem a quantos neste mundo lhe querem bem daria vantagem nos lamentos que por sua morte se deviam mostrar e fazer. O fazeis não vos aproveita, antes poderia muito dano trazer-vos, pois que com isso mui depressa se poderia descobrir o que tão encoberto mantemos.

Oriana, ouvindo isto, disse-lhe:

– Isso já pouco cuidado me dá, pois agora, tarde ou cedo, não pode tardar de ser a

todos manifesto, ainda que eu me esforce por encobri-lo. E quem não deseja viver, nenhum perigo pode temer, mesmo que viesse.

Nisto que ouvis estiveram todo aquele dia, dizendo a Donzela de Dinamarca a todos que Oriana não se ousava afastar de Mabília, para esta se não matar, tão grande coita era a sua. E chegada a noite, com mais fadiga a passaram, porque Oriana desmaiava muitas vezes, de tal maneira que nunca pensaram que chegasse à alva, tanto era o cuidado e a coita que no coração tinha.

Pois no outro dia, à hora em que iam pôr a mesa a el-Rei, entrou Brandoívas pela porta do palácio, levando Grindalaia pela mão, como aquela a quem afeição tinha; e muito prazer deu aos que o conheciam, porque há muito que dele nenhuma novidade sabiam; e ambos se foram ajoelhar ante el-Rei. Este, que o muito prezava, disse-lhe assim:

– Brandoívas, sede mui bem-vindo. Como tardastes tanto, que muito vos desejamos?

A estas palavras que el-Rei lhe dizia, respondeu e disse:

– Senhor, fui metido em tal prisão, que dela não poderia sair de nenhuma maneira, se não fora o mui bom cavaleiro Amadis de Gaula, que, por sua cortesia, me tirou a mim e a esta dona e a outros muitos, fazendo tanto em armas como nenhum outro poderia fazer; e o traidor Arcalaus tê-lo-ia morto pela maior traição que jamais se viu, mas foi socorrido por duas donzelas, que não o deveriam amar pouco.

El-Rei, quando isto ouviu, levantou-se logo da mesa e disse:

– Amigo, pela fé que a Deus deveis e a mim, dizei-me: é vivo Amadis?

– Por essa fé que dizeis, senhor, digo-vos que é verdade, pois o deixei vivo e são, ainda não há dez dias; mas por que o perguntais?

– Porque ontem de manhã nos veio dizer Arcalaus que o tinha matado – disse el-Rei.

E contou-lhe da maneira que ele o tinha contado.

– Ai, Santa Maria! – disse Brandoívas –, que traidor malvado! Pois a cousa correu-lhe pior do que ele cuidava.

Então contou a el-Rei, por inteiro, quanto lhes acontecera com Arcalaus, como já o ouvistes antes. El-Rei e todos os de sua casa quando tal ouviram, ficaram tão alegres que mais não podiam ser. E mandou que levassem Grindalaia à Rainha e que lhe contasse as novidades do seu cavaleiro, a qual, tanto por ela como por todas as outras, foi com muito amor e grande alegria recebida, pelas boas novidades que lhes disse. A Donzela de Dinamarca,

assim que as ouviu, foi o mais depressa que pôde dizê-las à sua senhora, que de morta a tornaram viva. Então mandou-a ir à Rainha, para que lhes enviasse a dona, porque Mabília lhe queria falar, o que logo se fez: Grindalaia foi à câmara de Oriana e contou-lhes todas as boas novas que trazia. E elas lhe fizeram muita honra, e não quiseram que em mais nenhum lado comesse senão à sua mesa, para poderem saber mais por extenso aquilo que tão grande alegria aos seus corações, que tão tristes haviam estado, lhes dava. E quando Grindalaia lhes contava por onde Amadis havia entrado na prisão, e como matara os carcereiros e a tirara a ela de onde tão coitada estava, e a batalha que com Arcalaus travara, e tudo o resto que se tinha passado, grande piedade fazia sentir a suas amigas. Assim como ouvis, estavam à mesa, tornada a sua grande tristeza em muita alegria.

Grindalaia despediu-se então delas e, voltando para onde a Rainha estava, ali encontrou el-Rei Arbão de Norgales, que a muito amava, e que andava à sua procura, sabendo que ali chegara. O prazer que ambos tiveram não se poderia contar. Ali foi acordado entre eles que ela ficaria com a Rainha, pois que não encontraria em nenhum lado outra casa que tão honrada fosse. Então Arbão de Norgales disse à Rainha como aquela dona era filha d'el-Rei Adroíde de Serelois, e que, como fora ele a causa de todo o mal que recebera, lhe pedia por mercê que a tomasse consigo, pois ela queria ser sua. Quando a Rainha isto ouviu, muito lhe agradou recebê-la em sua companhia, tanto pelas boas novas que de Amadis de Gaula trouxera, como por ser pessoa de tão alto lugar. E, tomando-a pela mão, como filha de quem era, fê-la sentar diante de si, pedindo-lhe perdão se a não tinha honrado devidamente, mas a causa disso tinha sido não a conhecer. Também soube a Rainha como esta Grindalaia tinha uma irmã, que Aldeva se chamava, mui formosa donzela, e que em casa do duque de Bristoia se havia criado; a Rainha mandou que logo lha trouxessem, para que em sua casa vivesse, porque a desejava muito ver. Esta Aldeva foi a amiga de D. Galaor, aquela por quem ele recebeu muitos agravos do anão de quem já ouvistes falar.

Assim como ouvis estava el-Rei Lisuarte e toda a sua corte mui alegres e com desejo de ver Amadis, pois tão grande sobressalto lhes tinham causado aquelas más novas que dele lhes haviam dito; dos quais deixará a história de falar, e contará de D. Galaor, que há muito que dele não se contou, nem se fez memória.

(continua)